

**PATRÍCIA DE MENDONÇA QUINTINO**

**A RELAÇÃO ENTRE A COR E O PERFIL DA  
PERSONALIDADE: ESTRATÉGIAS DE ORIENTAÇÃO  
VOCACIONAL PARA UM ENSINO ARTÍSTICO DE  
EXCELÊNCIA - UM ESTUDO COM JOVENS ENTRE OS  
16 E OS 20 ANOS DE IDADE**

**Orientador: Professor Doutor Óscar C. de Sousa**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Instituto de Ciências da Educação**

**Lisboa**

**2019**

**PATRÍCIA DE MENDONÇA QUINTINO**

**A RELAÇÃO ENTRE A COR E O PERFIL DA  
PERSONALIDADE: ESTRATÉGIAS DE ORIENTAÇÃO  
VOCACIONAL PARA UM ENSINO ARTÍSTICO DE  
EXCELÊNCIA – UM ESTUDO COM JOVENS ENTRE OS  
16 E OS 20 ANOS DE IDADE**

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 28/02/2020, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação nº 36/2020 de 31 de janeiro de 2020, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Constança Pignateli de Sousa e Vasconcelos

Arguente: Prof.<sup>a</sup> Doutora Helena Elias, FBAUL

Orientador: Prof. Doutor Óscar Conceição de Sousa

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**  
**Instituto de Ciências da Educação**

**Lisboa**

**2019**

## Epígrafe

*“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda a possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.”*  
Freire (2003, p. 43)

## **Dedicatória**

À minha mãe, pelo apoio incondicional ao longo de toda a minha vida, incentivando-me a atingir os meus objetivos pessoais e ensinando-me a ser sempre o melhor de mim própria, sem nunca desistir.

À memória dos meus bisavós Henriqueta e João, por terem sido os meus pilares na infância e me continuarem a guiar.

## **Agradecimentos**

Ao Professor Doutor Óscar de Sousa, pelo incentivo, pela imensa sabedoria e pelo cuidado demonstrados ao longo de todo o percurso de orientação deste projeto.

Aos professores do curso do mestrado, pelos momentos de reflexão, de motivação e de desenvolvimento proporcionados, especialmente à Professora Doutora Maria Constança Pignateli de Sousa e Vasconcelos pelo seu apoio e orientação ao longo dos dois anos de curso.

Aos meus companheiros de curso, pela riqueza das experiências partilhadas, pela amizade e pelo companheirismo vivenciado neste percurso de crescimento.

À minha amiga Fátima, pelas preciosas conversas, apoio e incentivo, nesta minha demanda pessoal.

Aos meus irmãos, pela transformação da distância em presença constante e apoio infinito.

À minha sobrinha, que me presenteou com uma nova forma de amar.

Ao Alexandre, personificação do humanismo, meu pilar, meu companheiro de vida eterna, meu complemento, a quem devo o incentivo diário à realização dos meus sonhos, cujo amor e admiração foram uma força ímpar.

**A todos, o meu profundo obrigado.**

## Resumo

A cor influencia-nos em muito do que nos rodeia. É utilizada em publicidade, marketing, decoração de interiores e inclusive em medicina. A cor é, portanto, essencial à nossa vivência como seres humanos plenos.

Existem vários estudos que nos mostram que a personalidade e as suas funções psicológicas orientam a forma como pensamos, agimos e desenvolvemos determinados padrões de comportamento. Embora sabendo que existem riscos e limitações associados à categorização de pessoas, a fórmula tipo de quatro cores, um sistema de perfis de personalidade criado por Max Lüscher (1969) é uma forma eficaz e comprovada de criar consciência das diferenças nas pessoas, para categorizar quatro estilos básicos de aprendizagem de forma a identificar os pontos fortes e fracos de cada tipo de personalidade.

A par da leitura do livro da médica e investigadora norte-americana, Carol Ritberger (2009) «A Cor da sua personalidade», na continuidade do estudo dos perfis de personalidade associados a quatro cores, foram colocadas várias questões e desenvolvida uma investigação para identificar padrões vocacionais, de forma a orientar os adolescentes na escolha da sua área de estudo, tentando combater o insucesso e a desmotivação escolar que foram verificados ao longo de décadas de ensino a jovens e adultos.

Assim, foi realizado um inquérito em meio escolar, baseado no Teste de Indicador de Cor de Personalidade (ICP), em que com a escolha de afirmações designadas pelas letras A, B, C, e D, são atribuídas as cores do tipo de personalidade. Este inquérito foi aplicado a 69 estudantes de ambos os sexos (59% feminino e 41% masculino), com idade média de 17 anos, a frequentar cada área do 12º ano do ensino secundário (Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades e Artes Visuais), no ano letivo de 2018/2019. O mesmo, fez parte da investigação no âmbito do Mestrado que a investigadora está a realizar, para concluir a sua formação profissional de docente.

Este estudo nos seus objetivos, pretendeu delinear as diferenças nos padrões vocacionais dos alunos que escolhem diferentes áreas de estudo, visando proporcionar aos mesmos uma orientação vocacional fidedigna e incentivar a motivação e a realização pessoal dos jovens estudantes. Foi também objetivo do estudo proporcionar uma melhor compreensão do perfil dos estudantes de cada área, podendo tornar-se uma ferramenta estrutural para a forma como os alunos são abordados e conduzidos a explorar os seus talentos naturais, forças e capacidades, através dos testes psicotécnicos realizados no início dos ciclos escolares. Tentámos assim construir um conhecimento valioso em relação à compreensão das diferenças entre alunos, e a uma mais pormenorizada identificação das necessidades de recursos pedagógicos específicos requeridos para uma aprendizagem de excelência no ensino artístico dos níveis básico e secundário.

Na parte empírica foi possível verificar as diferenças e semelhanças entre turmas de áreas de estudo diferentes, sendo jovens da mesma faixa etária, tal como, ter uma visão mais próxima dos perfis de personalidade dos alunos nas várias áreas escolares, tal como alguns dos seus valores éticos e morais, motivações, entre outras características, ainda que este estudo seja uma pequena amostra do panorama nacional.

No final realizou-se um comparativo entre turmas, de forma a que fosse possível observar e analisar de forma mais clara as diferenças de perfis de personalidade entre os jovens alunos das quatro áreas de estudo, tendo sido possível constatar que as quatro turmas têm uma maioria de perfis de personalidade de cor verde, sendo que as turmas de Línguas e Humanidades e de Ciências Socioeconómicas, apresentam valores próximos de perfis de

personalidade cor-de-laranja, e as turmas de Ciências e Tecnologias e de Artes Visuais, os mesmos valores de perfis de personalidade de cor amarela. O perfil de personalidade de cor vermelha, foi verificado em todas as turmas, apresentando o mesmo valor para todas, exceto para a turma de Ciências Socioeconómicas, que revelou um valor mais baixo deste tipo de personalidade.

Palavras-Chave: Ensino artístico, cor, personalidade, orientação vocacional.

## Abstract

Color influences us in much of our surroundings. It's used in advertising, marketing, interior decoration and even in medicine. Color is therefore essential to our experience as full human beings.

There are several studies that show us that personality and its psychological functions guide the way we think, act and develop certain patterns of behavior. While knowing that there are risks and limitations associated with categorizing people, the four-color type formula, a personality profile system created by Max Lüscher (1969), to categorize four basic learning styles to identify the strengths and weaknesses of each personality type.

In addition to the reading of the book by the north american physician and researcher Carol Ritberger (2009) "The Color of Your Personality", while continuing to study the personality profiles associated with the four colors system, a number of questions were raised and researched to identify vocational patterns in order to guide adolescents in choosing their area of study, trying to combat school failure and demotivation that have been verified over decades of teaching young people and adults, who, having chosen a field of study, later verify that it was an incorrect choice, not identifying with it, and creating either demotivation school and professional, or the need to restart the study cycle.

Therefore, a school-based survey, based on the Personality Color Indicator Test (ICP), where the students could choose sentences designated as A, B, C and D answers, which would determine the personality color type. This survey was conducted on 69 male and female students (59% female and 41% male), 17 years medium age, attending each area of the 12th year of secondary education (Science and Technology, Socioeconomic Sciences, Languages and Humanities and Visual Arts), in the 2018/2019 school year. The inquiry was part of the research under the master's degree that the researcher is conducting, to complete her professional teacher training.

This study aimed to delineate the differences in the vocational standards of students who choose different areas of study, aiming to provide them with a reliable vocational guidance and encourage the motivation and their personal fulfillment. The aim of the study was also to provide a better understanding of the students' profile in each area and become a structural tool for how students are approached and led, to explore their natural talents, strengths and abilities, through psychotechnical tests performed at the beginning of secondary school cycle. We have tried with this research to build valuable knowledge regarding the understanding of differences between students, and to further identify the needs of specific pedagogical resources required for excellent learning in arts education at primary and secondary levels.

In the empirical part it was possible to verify the differences and similarities between groups of different study areas, being young students of the same age group, such as, the possibility to have a closer view of the personality profiles of adolescent students in the various school areas, as well as some of their ethical and moral values, motivations, among other characteristics, although this study is a small sample of the national overview.

Conclusively, a comparison was made between area classes, so that it would be possible to observe and analyze more clearly the differences in personality profiles among the young students of the four study areas. It was verified that the four classes had a majority of green personality profiles, while the Languages and Humanities and Socioeconomic Sciences classes had values close to orange personality profiles and, the Science and Technology and Visual Arts classes had the same profile values of yellow personality color. The red color personality profile was verified in all classes, showing the same value for all, except for the class of Socioeconomic Sciences, which revealed a lower value of this personality type.

Keywords: Artistic teaching, color, personality, vocational orientation.

## **Nomenclaturas**

ICP – Indicador de Cor de Personalidade

CH - Científico-Humanísticas

CT - Ciências e Tecnologias

CSE - Ciências Socioeconómicas

LH - Línguas e Humanidades

AV - Artes Visuais

ITMB - Indicador Tipo Myers-Briggs

OMS – Organização Mundial de Saúde

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1- As Cores e as Empresas – guia das cores.....	39
Tabela 2- Caracterização da amostra por turma, aquando a aplicação do inquérito .....	78
Tabela 3- Quadro de Adjetivos que caracterizam cada perfil de cor de personalidade .....	90

## **Índice de Figuras**

Figura 1- Comprimento de onda do espectro visível das cores.....	24
Figura 2- Círculo Cromático .....	25
Figura 3- Cores quentes e frias.....	26
Figura 4- Diagrama das diversas fontes de valores. Adaptado de Hodgkinson (1996).....	69
Figura 5 – Amostra do Indicador de Cor de Personalidade, Rittberger. ....	77
Figura 6- Amostra de parte do inquérito aplicado.....	83

## Índice Geral

Epígrafe .....	1
Dedicatória.....	2
Agradecimentos .....	3
Resumo.....	4
Abstract.....	6
Nomenclaturas .....	8
Índice de Tabelas.....	9
Índice de Figuras.....	9
Índice Geral .....	10
Introdução.....	13
PARTE I.....	18
Enquadramento Teórico .....	18
CAPÍTULO 1.....	19
Artes Visuais e o seu contributo para o Currículo Escolar.....	19
1.1 – A escola e a importância do ensino artístico.....	19
1.2 – Aluno e aprendizagem.....	22
1.3 – Qualidade da experiência .....	22
CAPÍTULO 2.....	24
A Cor e sua aplicabilidade .....	24
2.1 – A Cor.....	24
2.2 – A Psicologia das Cores .....	27
2.3 – A Cor na medicina.....	33
2.4 – A Cor na publicidade e consumo .....	38
2.5 – As cores da personalidade segundo Ritberger .....	41
CAPÍTULO 3.....	52
Personalidade.....	52
3.1 – O conceito de personalidade .....	52

3.2 – Modelo dos cinco fatores de personalidade.....	53
3.3 – Personalidade, exploração vocacional e ajuste académico .....	55
3.4 – Testes de Personalidade .....	56
CAPÍTULO 4.....	60
Adolescência e Identidade.....	60
4.1 – Traços característicos de um adolescente.....	60
4.1.1 – Emoções .....	61
4.1.2 – Motivação.....	62
4.2 – Ensino das Artes Visuais na adolescência .....	63
CAPÍTULO 5.....	66
Orientação Vocacional.....	66
5.1 – A orientação vocacional para o ensino secundário e vida profissional.....	66
5.2 – Testes Psicotécnicos.....	70
PARTE II.....	72
PARTE EMPÍRICA .....	72
CAPÍTULO 6.....	73
Problemática e Metodologia.....	73
6.1 – Problemática e questões de partida .....	73
6.2 – Metodologia dum estudo de carácter exploratório .....	75
6.2.1 – Recolha de dados.....	76
6.3 – Caracterização das turmas e objetos de estudo .....	78
6.4. Procedimentos .....	81
CAPÍTULO 7.....	83
Análise e Discussão de Resultados .....	83
7.1 – Apresentação e Análise dos resultados do inquérito em meio escolar .....	83
7.1.1 – Resultados da turma de Ciências e Tecnologias.....	84
7.1.2 – Resultados da turma de Línguas e Humanidades .....	85
7.1.3 – Resultados da turma de Artes Visuais .....	87
7.1.4 – Resultados da turma de Ciências Socioeconómicas .....	88

7.2 – Apresentação e Análise dos resultados do inquérito .....	90
aos Diretores de Turma.....	90
7.2.1 – Resultados do D.T. de Ciências e Tecnologias .....	91
7.2.2 – Resultados do D.T. de Línguas e Humanidades .....	91
7.2.3 – Resultados do D.T. de Artes Visuais.....	92
7.2.4 – Resultados do D.T. de Ciências Socioeconómicas .....	92
7.3 – Análise e Comparativo entre turmas e resultados .....	92
7.4 – Considerações finais sobre o conjunto dos temas e resultados em análise.....	94
Conclusão.....	96
Limitações e ampliações ao estudo .....	100
Bibliografia.....	101
Apêndices.....	108
APÊNDICE I – Inquérito de Indicador de Cor de Personalidade.....	109
APÊNDICE II – Questionário aos Diretores de Turma de cada curso.....	115
APÊNDICE III- Pedido de Consentimento de dados.....	117
APÊNDICE IV – Pedido ao Diretor do Agrupamento de Escolas de Albufeira Poente....	119
APÊNDICE V – Questionário ao DT 12°C .....	121
APÊNDICE VI – Questionário ao DT 12°F.....	123

## Introdução

Este estudo é de caráter exploratório e realizou-se no âmbito do Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, no ano letivo 2018/2019, numa escola do distrito de Faro. Utilizando uma metodologia de investigação-ação realizámos um inquérito em meio escolar, recorrendo a um teste de cor da personalidade, da autoria da investigadora e médica Dr. Carol Ritberger, tendo como apoio e base o seu livro «A Cor da sua Personalidade» (Ritberger, 2009). O teste foi aplicado nas turmas do 12º ano do Ensino Secundário, dos cursos de Científico-Humanísticas, Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades e Artes Visuais.

Esta investigação teve como objetivos avaliar a viabilidade e fiabilidade do teste de perfil de personalidade acima referido através da cor, tentando verificar se a cada perfil corresponde uma cor respetiva, de forma a fornecer pistas e meios de orientação vocacional aos alunos no início do ensino secundário e potencializar as suas orientações vocacionais, motivação e criatividade. Tal orientação iria contribuir para ter alunos motivados (também na educação em Artes Visuais), promovendo aprendizagens significativas e de excelência, tanto a nível individual como de grupo. Poderia igualmente contribuir para a resolução de problemas de desmotivação, falta de criatividade e de desinteresse escolar, constituindo o estudo uma importante ferramenta de orientação e estímulo no processo de ensino-aprendizagem, pois alunos desmotivados apresentam resultados muito abaixo das suas capacidades e potencial, limitando-se assim a uma progressão com pouco sucesso no futuro profissional e pessoal.

O ensino das artes suscita nos alunos o pensamento crítico, a resolução de problemas, abrindo as portas ao mundo que os rodeia: “as artes foram inventadas para nos permitir reagir ao mundo, para analisá-lo, e para registar as nossas impressões de modo a que elas possam ser partilhadas” (Fowler, 1996). Desta forma, as artes ampliam o currículo escolar no seu todo, integrando as diferentes disciplinas de forma inovadora e interdisciplinar. A educação artística num processo contínuo ao longo da vida, tem frutos no desenvolvimento estético e visual dos indivíduos, tornando-se condição necessária para alcançar um nível cultural mais elevado e contribuir para o enriquecimento pessoal dos alunos. É na fase da adolescência que surgem os primeiros indícios de preocupação pelos valores estéticos.

Segundo Eisner, a educação artística não só “se converte num meio para compreender e melhorar uma cultura”, como “contribui para o desenvolver de formas de pensamento subtis e complexas” (Eisner, 2004, pp.50-57). Desta forma e pelas razões apresentadas, os alunos devem maximizar as suas capacidades, desenvolver autoconfiança, espírito crítico e a livre iniciativa, construindo assim de forma segura a sua personalidade (Fowler, 1996). Quando se verifica a desmotivação dos alunos, parte-se do pressuposto que essa interfere

negativamente no processo de ensino-aprendizagem, e torna-se cada vez mais fundamental que a escola e os professores criem um ambiente de aprendizagem motivador. Assim, a correta orientação vocacional, pode ter uma forte influência sobre a motivação dos alunos.

A problemática desta investigação, partiu da verificação da desmotivação da turma de Artes Visuais do 12º ano na qual foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada, e da constante observação do nível baixo de motivação dos alunos no ensino secundário ao longo de mais de uma década de ensino. Verificámos que alguns alunos de nível secundário após um ou dois anos do mesmo, consideram que o curso que escolheram não é o que os motiva profissional e pessoalmente, criando desmotivação, inércia e despreocupação em atingir bons resultados escolares, culminando na desistência da aprendizagem, ou o retorno ao 10º ano pela necessidade e vontade de mudança de curso de estudos. Este estudo, nasceu assim da nossa vontade de criar mais ferramentas, que permitam a correta orientação vocacional do aluno ao encontro das suas expectativas profissionais e pessoais, numa tentativa de captar e recuperar o interesse dos alunos na aprendizagem das artes visuais, tendo como ponto de partida a sua relação com a cor. Desta forma, é nosso objetivo, transformar este cenário de desmotivação em sala de aula para qualquer aluno/professor, num espaço harmonioso de aprendizagem e conhecimento, transformando a escola, e especificamente a educação artística, num local desejado e área de êxito para os alunos.

Propusemo-nos o desafio de verificar a fiabilidade do teste de cor da investigadora Carol Ritberger acima mencionado. A questão de investigação foi a seguinte – **Existe relação entre o perfil de personalidade e de cor, como afirma a investigadora e médica Dra. Carol Ritberger?**

Carol Ritberger, reforça no seu livro a relação da cor com a personalidade:

“O papel que a cor desempenha nas nossas vidas é bastante mais significativo do que a maior parte de nós imagina. A cor influencia literalmente todos os aspetos de quem somos, a nível externo e interno. Afeta-nos emocionalmente, psicologicamente e fisicamente, e a sua energia envolve-nos e interpenetra-nos (...). No sistema de energia humano, a cor serve de ligação de comunicação essencial, que reflete o que acontece nas quatro camadas de energia: espiritual, emocional, mental e física (...).

Observando a sua investigação sobre a natureza da personalidade, é obvio que Carl Jung acreditava no poder simbólico da cor, incentivando os seus pacientes a utilizar a cor de forma espontânea para os ajudar a expressar a sua personalidade. Acreditava que a integração da cor no dia-a-dia iria influenciar o comportamento. No entanto, foi o Dr. Max Lüscher e a sua investigação que aplicaram a cor ao funcionamento psicológico do tipo de personalidade, acreditando que as cores têm um valor emocional, e que a reação de uma pessoa à cor revela os seus traços da personalidade básicos. A sua investigação forneceu provas conclusivas de que

cores específicas criam a mesma reação psicológica, emocional e fisiológica em cada pessoa.

Trabalhando com a mesma premissa de que existem quatro tipos de personalidade diferentes, desenvolveu um teste de cor que podia ser utilizado como um meio de identificar as diferenças nas pessoas. (...) Utilizando as constatações de Carl Jung de que o funcionamento psicológico se divide em quatro categorias: sensação, intuição, pensamento e sentimento, o objetivo é aplicar as quatro cores, vermelho, cor-de-laranja, amarelo e verde, do sistema de energia humano, para indicar o comportamento organizador dominante ou o processo de recolha de informação de cada tipo de personalidade." (Ritberger, 2011, pp. 39-45)

Está comprovado em vários estudos que a cor nos influencia em tudo o que nos rodeia. É utilizada em publicidade, marketing, decoração de interiores, e inclusive em medicina, em relação às cores dos alimentos e o seu contributo num órgão específico do corpo humano. A cor é, portanto, fundamental à nossa vivência como seres humanos plenos.

Segundo Cooper (2009), a tentativa de entender as teorias de personalidade começou com Hipócrates (nascido em 460 a.C) considerado o pai da medicina moderna. Este identificou quatro tipos de personalidades diferentes, relacionadas com os fluidos corporais: Sanguíneo, Melancólico, Fleumático e Colérico. Em 1921, Carl Jung, médico e seguidor de Sigmund Freud, fez uma contribuição significativa para os estudos sobre a personalidade no seu livro «*Psychological Type*», onde afirma que cada um nasce com uma predisposição e que cada pessoa pode ser categorizada em termos de padrão de personalidade, concentrando-se em quatro funções psicológicas básicas, como um Pensador, um Sentimentalista, um Sensitivo e um Intuitivo. No entanto, esta teoria não foi bem recebida até ao desenvolvimento do Indicador Tipo *Myers-Brigs* (ITMB), nos anos 40 e 50 por Katherine Cook Briggs e Isabel Briggs Myers, que desenvolveram um modelo com 16 tipos de personalidade, construído com base nas dicotomias da personalidade de uma pessoa, como a energia, o processamento de informações, as decisões e a forma de estruturação da sua vida.

Keirsey (1978), identificou posteriormente, quatro tipos de personalidade, o artesão, o guardião, o idealista e o racional. Depois de trabalhar com Keirsey, Lowry (1978) entendeu que os outros modelos eram muito complexos e desafiadores para serem aplicados e criou o modelo *True Colors*, um sistema de perfis de personalidade com apenas quatro cores. Assim, Don Lowry, investigador em educação, categorizou quatro estilos básicos de aprendizagem usando as cores azul, laranja, dourado e verde para identificar os pontos fortes e os desafios desses perfis principais de personalidade. De acordo com a teoria da personalidade (ITMB), a personalidade dos indivíduos resulta de uma combinação das quatro cores, com as duas cores dominantes a representar o núcleo do temperamento da personalidade de uma pessoa. Segundo os resultados das correlações de um estudo de 2006 do sistema *True Colors*

(Whichard, 2006), o mesmo mostra que tem uma validade convergente com o ITMB, classificando as previsões que o sistema *True Colors* fez, como precisas. No entanto, isso pode ser o resultado de um viés retrospectivo e /ou um viés de confirmação, pois nesse estudo, os mesmos indivíduos novamente testados após um período de 30 a 50 dias receberam a mesma classificação ou uma aproximação de 95%.

Existem assim, vários estudos que demonstram que, a personalidade e as suas funções psicológicas, orientam a forma como pensamos, agimos e o porquê de desenvolvermos determinados padrões de comportamento. Inevitavelmente, surgiram mais questões – **Qual o perfil de personalidade cor de uma turma de artes?... Quais os perfis de personalidade cor de uma turma da área de Ciências?** – Embora sabendo que existem riscos e limitações associados à categorização de pessoas, a fórmula tipo de quatro cores é uma forma eficaz e comprovada de criar consciência das diferenças de pessoas, e nesta investigação em meio escolar, foi utilizada para comparar as diferenças entre os vários estudantes, das várias áreas de estudo no Ensino Secundário. Não é, no entanto, nossa intenção, catalogar as turmas da escola onde foi realizado o inquérito, mas sim, identificar padrões de comportamento previsíveis comuns de forma a criar melhores ferramentas de ensino aprendizagem e sucesso escolar na área artística e outras.

Este estudo estrutura-se em torno de duas partes fundamentais: a primeira constitui o enquadramento teórico e o contexto da pesquisa, a segunda caracteriza os objetivos de estudo, os procedimentos metodológicos que utilizei e o levantamento, a análise, interpretação e a discussão dos dados recolhidos.

No primeiro capítulo do enquadramento teórico foi realizado um estudo sobre as artes visuais e o seu contributo para o currículo escolar, enfatizando a importância do ensino artístico na escola, uma reflexão sobre as orientações motivacionais do professor e do aluno, a sua aprendizagem ao longo do percurso escolar e a qualidade dessa experiência. No segundo capítulo, fala-se sobre a cor e a sua aplicabilidade nas diferentes áreas, medicina, publicidade e a influência sobre a personalidade. No terceiro capítulo, falo do conceito de personalidade e modelo de avaliação dos cinco fatores da mesma, da exploração vocacional e ajuste académico aos vários tipos de perfil de personalidade, e da existência de vários tipos de testes de personalidade. No quarto capítulo, aborda-se a adolescência e a identidade do adolescente, com as suas emoções e motivações, e o impacto do ensino das artes visuais na adolescência. Por fim, no quinto capítulo da primeira parte, aborda-se a orientação vocacional no 3º ciclo do ensino básico, e a utilização dos testes psicotécnicos.

Na segunda parte deste estudo, a parte empírica, reproduzimos em contexto teórico o objeto de estudo, bem como a apresentação da constituição da amostra, o tipo de estudo e os procedimentos para a recolha de dados. No sexto capítulo, que concerne à problemática

e metodologia optámos por fazer a aplicação de um teste de personalidade cor da Dr.<sup>a</sup> Ritberger a 5 turmas de cada área do 12º ano de escolaridade, resultando num total de 80 questionários, na tentativa de compreender e obter respostas às questões que motivaram este estudo e que enunciámos atrás, assim como, a discussão dos resultados. Apresentando a análise e discussão desses resultados no sétimo capítulo, com um comparativo entre turmas e resultados.

Por fim, apresentamos as conclusões que advêm do presente estudo. Pretendemos assim, levantar questões e reflexões acerca dos materiais que recolhi, tendo como base aquilo que foram as questões de partida do próprio estudo.

## **PARTE I**

### **Enquadramento Teórico**

## CAPÍTULO 1

### Artes Visuais e o seu contributo para o Currículo Escolar

#### 1.1 – A escola e a importância do ensino artístico

A compreensão da cultura, das artes e do lugar ocupado pelo indivíduo na sociedade grega refletia-se no ensino, estando a educação grega centrada na formação integral – corpo e espírito, onde se promovia igualmente o “ócio digno”, dispondo de tempo livre para *pensar*. A educação de Atenas deixou mais tarde de ser exclusiva da nobreza ou de comerciantes ricos, tornando-se aberta ao povo, e a arquitetura equiparava-se à medicina, ambas consideradas artes nobres. Arte, era toda a educação especializada, todo o ofício técnico aprendido (como a *arte de falar* ou a *arte de construir barcos*).

A importância da arte na formação dos indivíduos parece apresentar-se de forma notória, pela abertura e estímulo à imaginação que pode provocar pela dificuldade em defini-la, o que faz dela uma expressão humana tão peculiar. A arte carrega em si própria uma história repleta de significados, que lhe atribuem poderes que remetem a forças presentes no ser humano, essenciais para construir a nossa própria humanidade, o que nos faz crer que a nossa humanidade não é algo dado ou natural, mas sim algo que precisa de ser formado ou moldado em conformidade com um ideal, o que se dá através do processo educativo.

Mas voltemos aos gregos, que muito devido a esse modo de considerar a arte como um dom ou uma inspiração divina, viam os artistas como seres humanos que eram possuídos por capacidades divinas no ato de criar a obra de arte. Daí, a aproximação da arte com a mitologia, presente nas esculturas que eram maioritariamente figuras representadas e ampliadas da escala humana dos deuses do Olimpo. Com o estudo da arte grega, podemos verificar o carácter educativo da serenidade, a expressão facial da maioria das esculturas de divindades, o que reflete de certa forma o quanto os gregos valorizavam a vida, ou seja, a fuga da vivência fútil, onde a finalidade da vida humana não é simplesmente viver, trabalhar e ter filhos, mas sim atingir ideais de vivência superiores. Era assim que a educação grega visava formar o homem completo, onde o munia de capacidades intelectuais e físicas de forma a promover a contínua evolução do corpo e espírito, e não apenas no seu ofício. Havia nos gregos uma forma de ver a arte como algo muito grande, por ela ensinar a ver o que não morre, o ideal, em oposto ao real (Pinheiro, 2006).

No modelo atual de educação, verifica-se um predomínio da dimensão epistémica – conhecimento (Catterall, 1998), em detrimento das dimensões estética e ética do homem, e enquanto o modelo grego de educação envolvia todas as dimensões humanas, o

conhecimento, a arte e a beleza, e a moral e política, a educação do homem contemporâneo constitui-se pelo privilégio de apenas uma das dimensões, a do conhecimento, priorizando a preparação da mão de obra para o mercado de trabalho.

Neste modelo de educação, o homem tornou-se num produto para a sociedade, quando a educação deveria tratar de todas as dimensões de forma a não manter o ser humano submisso e dependente de um regime de produção capitalista. A desqualificação da estética e da ética nos modelos de educação atuais, mudou o modo de ser do homem, tendo passado de um modo de ser criativo para um modelo de quase exclusiva dominação, ao qual se submete e é submetido. A recolocação da dimensão estética na educação do ser humano é extremamente necessária, de forma a voltar a “totalizar” o homem, abrindo-o também à dimensão da ética, largamente perdida nos dias de hoje. E essa recolocação estética na educação é importante no contacto das crianças e jovens com a arte, em todas as suas vertentes. Primeiro, porque no processo de conhecimento de arte, são envolvidos além da inteligência e do raciocínio, o afetivo e o emocional, que são permanentemente colocados fora do currículo escolar. Segundo, porque a arte e a exploração da dimensão estética estimulam o desenvolvimento da inteligência racional, e além disso, grande parte da produção artística é realizada no coletivo, e isso desenvolve também o trabalho em grupo e a criatividade (Catterall, 1998).

As artes são linguagens que complementam o todo na aprendizagem, e as artes visuais especificamente, desenvolvem a capacidade de percepção visual, importante desde a alfabetização até à solução de grandes conflitos na adolescência. Aliás, todo o ensino das artes contribui para essa percepção. A dança amplia a percepção do corpo, e desenvolve assim como a música, o ritmo e o movimento, exercitando o equilíbrio, não só físico, mas também mental. O teatro, desenvolve a comunicação, colocando em ação o verbal, o sonoro, o visual e o gestual.

“É na arte, nas escolas, que se ensaia para a vida, para a convivência, para a partilha de projetos, para a autoconfiança e formação pessoal, para a tolerância e para a inclusão (...) tem a ver com a diversidade das práticas, as origens culturais que estão representadas e até trabalhos com populações escolares difíceis, problemáticas, com a inclusão de novos grupos. Em todos estes aspetos, que podem de fato transformar completamente a experiência escolar dos nossos jovens, a educação artística tem um efeito fundamental.” (Carvalho, 2007)

Segundo Teresa Torres Eça (2007), Vice-Presidente da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual a aprendizagem pelas artes continua a ser desvalorizada pela sociedade em geral que não entende o papel da educação artística no processo de crescimento dos jovens e na educação ao longo da vida, apesar de, aos poucos, os sistemas

educativos comecem a reconhecer a sua importância no desenvolvimento do *corpo e espírito* das crianças, como o faziam na educação da Grécia antiga.

Carvalho (2007) ressalta que é necessário e até fulcral, fazer entender a nossa sociedade que ensinar através da arte é proporcionar o desenvolvimento da capacidade criadora, através de um processo constante de desconstrução e construção das possibilidades da vida quotidiana, sendo que *viver criativamente* não é uma capacidade inata, mas sim uma capacidade aprendida com a prática de captar o sensível ao nosso redor. O ensino das artes ensina a atuar com o meio ambiente, a transformar e interpretar o social, a resistir ao conformismo e a superar desafios. Ensina a identificar problemas e a encontrar saídas estéticas para os resolver e transformar, como pintar os muros de uma rua porque estes estão degradados e feios, criando o belo, ou enfatizá-lo à nossa volta. Essa compreensão irá ajudar a criança ao longo da sua vida, ajudando-a a lidar com o mundo à sua volta, a compreender que a ordem não existe sem a desordem, e que tudo é relativo.

Podemos assim concluir que o ensino das artes, implica utilizar as competências cognitivas, sociais, motoras, entre outras, para alterar e recombina os aspetos da vida como um todo, pois para criar é necessário sentir a plenitude do ser, que está em constante mudança. A arte, ensina e ajuda as crianças a expressar os seus sentimentos pela expressão artística e as suas linguagens não-verbais, como a pintura, o desenho, a música, o teatro ou a escultura, sendo uma triste realidade olhar para um aluno do 4º ano do ensino básico e constatar que ele nunca teve a experiência de explorar um material como o barro, por exemplo. Estas e muitas outras linguagens artísticas possibilitam à criança o comunicar e fazer-se entender, consciencializando-a que a sua voz é ouvida. O ensino das artes ajuda também, complementarmente, a criança a entender a sociedade, pois a arte é, como foi referido anteriormente, um reflexo direto do contexto histórico em que foi criada. É cultural! Assim, de uma forma subjetiva e ao mesmo tempo objetiva, é possível trabalhar uma série de outros temas relacionados com as disciplinas do currículo básico, mais uma vez a interdisciplinaridade presente, o que enriquece largamente a aprendizagem da criança (Goldberg, 1992).

Pensamos que a educação artística, num processo contínuo ao longo da vida, poderá ter frutos no desenvolvimento estético e visual dos indivíduos, e assim contribuir para o enriquecimento cultural e pessoal dos alunos pois é na fase da adolescência, que surgem os primeiros indícios de preocupação pelos valores estéticos e, na qual, a imaginação assume medidas singulares (Fernandes, 2013). Segundo Eisner, a educação artística não só “se converte num meio para compreender e melhorar uma cultura” como “contribui para o desenvolver formas de pensamento subtis e complexas” (Eisner, 2004, pp. 50-57).

## 1.2 – Aluno e aprendizagem

A aprendizagem consiste numa modificação relativamente estável do comportamento ou do conhecimento, resultante do exercício, experiência, treino ou estudo, assumindo várias formas e expressões, distinguindo-se vários tipos de comportamento aprendido e distinguindo-se aprendizagens de conhecimentos e aquisição de procedimentos e competências.

A aprendizagem, sendo um processo cognitivo que implica que o ser humano interaja com o meio a partir da sua experiência de vida, tem de ser adaptada para que cada pessoa faça a sua gestão de informação recebida, tendo em conta as informações que já possui. Assim, entende-se que face a uma mesma situação, diferentes pessoas aprendam de forma diferente, e que o resultado dessa aprendizagem, seja também distinto. Podemos assim entender a aprendizagem como um processo pessoal, envolvendo a totalidade da pessoa, ou seja, o seu pensamento, emoções, sentimentos, e a sua história de vida.

No processo de aprendizagem, a forma como é integrada uma nova informação ou novos conhecimentos, resulta de uma síntese entre o que se é e o que se sabe, entre as representações do mundo que se possui, e entre o que se nos apresenta de novo. Ou seja, cada um de nós, percebe uma mesma informação, sendo desta forma que se explica porque diferentes alunos aprendem as mesmas matérias de formas diferentes, sendo que a informação dada é a mesma. É assim importante respeitar o estágio de desenvolvimento cognitivo de cada aluno, sendo que o mesmo lhes impõe limites para que aprendam o que lhe é transmitido.

## 1.3 – Qualidade da experiência

“Conforme as crianças ganham experiência, elas desenvolvem perícia. Se pudermos motivá-las a persistir nas tarefas, confrontá-las com tarefas de aprendizagem que elas possam dominar e com currículos que desenvolvam seu conhecimento e seu entendimento, estaremos lhes proporcionando uma educação efetiva e válida” (Wood, 2003)

É necessário preparar os professores para a prática de excelência do ensino das artes. Há processos fundamentais para a formação do professor de artes, como por exemplo, o fazer arte. Fazer arte para o seu próprio crescimento perceptivo e inventivo. Existe também, a leitura da imagem. Tanto da imagem considerada arte pelos críticos, como das imagens que os rodeiam. E, há ainda o saber contextualizar. O saber identificar o contexto, por exemplo

dessas imagens. Este, no seu todo, é um processo para a interdisciplinaridade. Se os professores não estiverem devidamente preparados, existem perigos para uma abordagem equivocada do ensino das artes, pois uma área malconduzida pode criar a rejeição dos alunos (Valente, 2019).

A escola para além de transmitir o conhecimento científico, também é importante para levar os alunos a refletirem sobre o mundo que os envolve, levando-os a transmitir as suas ideias, emoções e sonhos através de atividades que envolvam e desenvolvam as suas próprias competências. Não basta somente que o professor difunda conhecimento aos alunos, é também necessário que estimule a sua curiosidade, proporcionando-lhe momento de reflexão, imaginação, criatividade, expressão pessoal, promovendo o seu conhecimento e sensibilidade perante o mundo, tanto no ensino artístico, como no científico, económico ou de línguas. Daí que na escola, quer a arte quer a ciência, são áreas necessárias ao desenvolvimento dos alunos, pois quando aliadas, são criadas mais possibilidades de desvendar a complexidade do mundo, que exige do ser humano o desafio de respeitá-lo, recriá-lo e transformá-lo, para um maior bem-estar de todos (Correia, 2019).

Assim, para uma maior qualidade na aprendizagem, é necessário desenvolver a interdisciplinaridade na escola, sendo essencial que todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem comecem a visualizar o todo não pelas partes que o compõem, mas também pela compreensão de que os resultados mais interessantes e criativos ocorrem com base no diálogo entre as várias áreas do saber (Thiesen, 2019)

Desta forma, seria importante insistir no fundamento de que a educação artística deve ser devidamente valorizada na nossa sociedade, para que se proporcione um desenvolvimento integral dos jovens através das disciplinas artísticas, sendo que estas deverão ter o mesmo peso que as restantes disciplinas do desenvolvimento cognitivo, sensorial e emotivo. Este processo com recurso ao potencial pedagógico da arte, procura a dinâmica entre o sentir, o pensar e o agir, promovendo a interação entre o saber e a prática na sua articulação. Daí ser importante os alunos se sentirem motivados e orientados, com os seus objetivos definidos consoante o potencial das suas capacidades. A aprendizagem verdadeira dá-se no exercício operacional da inteligência, e só se realiza quando o aluno elabora o seu conhecimento. Cabe ao professor e à escola, propiciar condições onde se possa estabelecer uma reciprocidade intelectual, com cooperação moral e racional, devendo o aluno ser tratado de acordo com o seu desenvolvimento mental e social.

“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa; os homens educam-se entre si, mediatizados pelo mundo”. (Freire, 1996, p. 79)

## CAPÍTULO 2

### A Cor e sua aplicabilidade

#### 2.1 – A Cor

“As cores são ações e paixões da Luz.” (Goethe, 1993, p. 35)

Vários estudiosos já se dedicaram a estudar a cor, sendo que os primeiros a elaborar sistemas de compreensão deste fenómeno relacionado com a existência de luz foram, Newton o físico inglês, que em 1665 descobriu a decomposição da luz em cores, através de um prisma, e Goethe, o poeta alemão, que desafiou no século XIX as teorias de Newton, defendendo que a luz branca não poderia ser constituída por cores, sendo cada uma delas mais escura que o branco, e sim que a cor é o resultado da interação da luz com a “não luz”, ou seja, a escuridão.

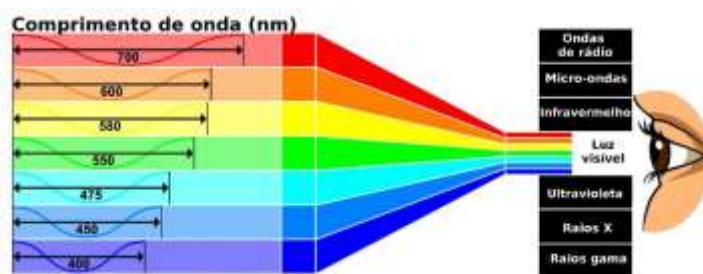


Figura 1- Comprimento de onda do espectro visível das cores

Mas a cor é muito mais que um fenómeno físico. É através dela que apreendemos uma enorme quantidade de informação, bastando para isso olhar à nossa volta. A natureza e os objetos que nos rodeiam apresentam-nos a cor. Cor é Vida (Silva & Martins, 2019).

A cor proporciona-nos a sensação do Belo, uma sensação tão difícil de definir por Platão, Hegel, e muitos outros. A cor, influencia o nosso estado de espírito e humor, e cada cor tem infinitas simbologias e significados. É necessária à escultura, arquitetura, design, e essencial à pintura, e pode ser estudada mediante vários aspetos, nomeadamente o físico, psicológico, fisiológico, cultural e o artístico (Moutinho, 2016).

Resumindo, a cor, é um dos elementos mais importantes da linguagem visual, permitindo-nos compreender, identificar, distinguir, entender, simbolizar e embelezar tudo o que nos rodeia.

Mencionado por Goethe, na sua «Teoria das Cores» (Goethe, 1993), quando se fala de cores, deve-se em primeiro lugar, falar de luz. A luz e as cores relacionam-se

perfeitamente, embora devamos pensá-las como pertencendo à natureza no seu todo, pois é ela que se revela através da nossa visão. O olho deve a sua existência à luz.

“Se o olho não tivesse sol, como veríamos a luz? Sem a força de Deus vivendo em nós, como o Divino nos seduz?” (Goethe; 1993, pp. 44-45)

Não se pode negar a afinidade do olho com a luz. Foi Goethe que desenvolveu as primeiras pesquisas substanciais sobre a psicologia das cores, associando influências e estados psicológicos associados a determinadas cores. Antes dele, Leonardo da Vinci e o seu «Tratado da Pintura e da Paisagem: Sombra e Luz», que consistia numa soma de ensaios e formulações teóricas sobre o tema, e mostrou que uma cor ao lado de outra mais escura tende a parecer mais clara do que realmente é, enquanto a outra se torna ainda mais escura pela aproximação da mais clara.

Goethe foi, no entanto, a maior influência dos artistas modernos e contemporâneos, no tema da utilização estética dos princípios cromáticos. A sua doutrina foi fundamental também para o conhecimento dos fatores fisiológicos e psicológicos das cores. (Gouveia, 2019).

O círculo cromático é um instrumento muito útil no entendimento da teoria das cores. Sendo geralmente utilizado para estudar as cores-pigmento, mostra que as cores-luz e as cores-pigmentos sofrem alterações.



Figura 2- Círculo Cromático

Dividido por cores primárias, secundárias e terciárias, o círculo cromático ensinou-nos que uma cor primária é sempre complementada por uma cor secundária. Esta, é a cor que está em oposição à posição desta cor primária. As cores complementares são utilizadas para dar força e equilíbrio em termos visuais. As cores terciárias são as que ligam as primárias e secundárias, tendo nelas uma mesma cor básica. Estas cores análogas, ou da mesma família de tons, são utilizadas para nos dar a sensação de uniformidade. As cores neutras, como os cinzentos e os castanhos, servem de complemento das cores aproximadas, para nos dar a

sensação de profundidade, sendo que essa neutralidade em geral tem pouco reflexo da luz (Moutinho, 2016).

No estudo das cores existem conceitos relativos à sua percepção, que acabam por gerar reações pessoais diversas. As sensações de calor e frio em relação a uma cor são relativas quanto ao indivíduo que a vê, mas, é inegável que as cores possuem um significado psicológico e filosófico específico, sendo de uma importância universal. A conotação que conhecemos por cores quentes e frias, está relacionada com as experiências emocionais e também pelos efeitos práticos, referentes à absorção e reflexão geral pelo ser humano da luz e calor pelas cores. Quando a luz incide sobre um objeto, uma percentagem dessa luz é refletida de volta, sendo que a quantidade varia de acordo com a cor da superfície. A branca reflete cem por cento da claridade que sobre ela incide, enquanto a preta e conseqüentemente, as cores escuras, absorvem totalmente a luz e o calor.

Normalmente são denominadas de cores quentes, as que se estendem para o amarelo, os laranjas e os vermelhos, e de cores frias as que se inclinam para o azul, e as matrizes entre o verde e o violeta.



Figura 3- Cores quentes e frias

As cores quentes estimulam a circulação do observador e são consideradas extremamente excitantes e sensuais, despertando o calor humano, e sendo favoráveis à confraternização e cooperação. Têm igualmente uma conotação de proximidade, densidade, materialidade, avançando na nossa direção e diminuindo o espaço, transmitindo afetos e aproximação. Por outro lado, as cores frias, diminuem a circulação do observador, causando uma ligeira queda na temperatura do corpo. Conotadas como impessoais, denotam um certo afastamento emocional, provocando uma sensação de distância, transparência, abertura e imaterialidade, recuando e aumentando o espaço (Moutinho, 2016, pp. 200-205).

## 2.2 – A Psicologia das Cores

A reação do indivíduo à cor é subjetiva e relacionada com vários fatores. No entanto, os psicólogos estão de acordo quando atribuem certos significados a determinadas cores básicas para um indivíduo da cultura ocidental. O homem adapta-se à natureza que o rodeia e sente as cores que o seu cérebro aceita e que chegam a ele num determinado comprimento de onda, desde o seu nascimento. Essa dimensão de onda deixa sempre o seu vestígio impresso em cada ser animal, vegetal ou mineral (Heller, 2012).

As cores constituem estímulos psicológicos para a sensibilidade humana, influenciando o indivíduo a gostar ou não de algo, para negar ou afirmar, para se abster ou para agir. Muitas preferências sobre as cores baseiam-se em associações ou experiências agradáveis e, portanto, torna-se difícil mudar as preferências sobre as mesmas. A sua escolha pode estar baseada no seu tipo de personalidade, nas condições circunstanciais da sua vida, nos seus desejos e processos mentais mais íntimos, profundos, ou até inconscientes. As pessoas não escolhem necessariamente uma cor porque é boa para si própria, mas porque gostam da cor, mesmo que esta possa ser contrária ao seu ímpeto. Cada cor atua de forma diferente, dependendo da ocasião, “o mesmo vermelho pode ter efeito erótico ou brutal, nobre ou vulgar. O mesmo verde pode atuar de modo salutar ou venenoso, ou ainda calmante. O amarelo pode ter um efeito caloroso ou irritante” (Heller, 2012).

Existem muitos testes psicológicos, que foram desenvolvidos para nos ajudar a conhecer mais sobre nós próprios, por meio do poder da cor. A atração forte de uma pessoa pelo vermelho indica o tipo de personalidade afirmativo e extrovertido, de alguém que tem vontade firme, enquanto a aversão a essa cor sugere um indivíduo tímido e provavelmente isolado da sociedade. As cores têm influências nos nossos comportamentos físico, mental e emocional.

Segundo Freitas (Freitas, 2019), existem fatores psicológicos, sociológicos e fisiológicos que influenciam os indivíduos na escolha das cores. Bamz (1950), defende o fator idade na preferência de uma pessoa por determinada cor:

**Vermelho:** de 01 a 10 anos – idade da espontaneidade e da efervescência;

**Laranja:** de 10 a 20 anos – idade da aventura, excitação imaginação;

**Amarelo:** de 20 a 30 anos – idade da arrogância, força, potência;

**Verde:** de 20 a 40 anos – idade da diminuição do fogo juvenil;

**Azul:** de 40 a 50 anos – idade da inteligência e do pensamento;

**Lilás:** de 50 a 60 anos – idade da lei, do juízo, do misticismo;

**Roxo:** além dos 60 anos – idade da benevolência, do saber, da experiência.

Ainda segundo Freitas, as cores estão associadas a sensações materiais e afetivas (Freitas, 2019, pp. 6-8) :

#### **Branco**

- Associação material: neve, casamento, lírio, batismo e areia clara.
- Associação afetiva: limpeza, paz, pureza, alma, divindade, ordem e infância.
- Vem do germânico *blank* (brilhante). É o símbolo da luz, e não é considerada cor. No ocidente, o branco traduz a vida e o bem, em contrapartida para os orientais o branco traduz a morte, o fim ou o nada.

#### **Preto**

- Associação material: enterro, morto, sujidade e coisas escondidas.
- Associação afetiva: tristeza, desgraça, melancolia, angustia, dor, intriga e renúncia.
- Vem do latim *niger* (negro, escuro, preto). É angustiante e expressivo.

#### **Cinza**

- Associação material: ratos, pó, nevoeiro e máquinas.
- Associação afetiva: velhice, sabedoria, passado, tristeza e aborrecimento.
- Cinza do latim *cinicia* ou do germânico *gris*; intermediária entre luz e sombra, o cinza não tem interferência nas cores em geral.

#### **Vermelho**

- Associação material: guerra, sangue, sol, mulher, feridas, perigo, fogo e rubi.
- Associação afetiva: força, energia, paixão, vulgaridade, coragem, furor, violência, calor, ação e agressividade.
- Do latim *vermiculus* (verme, inseto – a *cochonilha*). Desse verme é extraída uma substância, o carmim, a qual chamamos de carmesim – do árabe *qirmezi* (vermelho bem vivo) que simboliza encontro e aproximação.

#### **Laranja**

- Associação material: pôr do sol, festa, laranja, luz, outono, aurora e raios solares.
- Associação afetiva: tentação, prazer, alegria, energia, senso de humor e advertência.
- Laranja tem origem do persa *narang*, por meio do árabe *naranja*. Simboliza o flamejar do fogo.

### **Amarelo**

- Associação material: palha, luz, verão, calor de luz solar e flores grandes.
- Associação afetiva: alerta, ciúme, orgulho, egoísmo, euforia, originalidade, iluminação e idealismo.
- Vem do latim *amaryllis*. É o símbolo da luz que irradia em todas as direções.

### **Verde**

- Associação material: frescor, primavera, bosques, águas claras, folhagem, mar e humidade.
- Associação afetiva: bem-estar, saúde, paz, juventude, crença, coragem, firmeza, serenidade e natureza.
- Deriva do latim *vidiris*. É o símbolo da harmonia da faixa que existe entre o céu e o sol. De paz repousante e reservada, favorece o desencadeamento de paixões.

### **Azul**

- Associação material: frio, mar, céu, gelo, águas tranquilas e feminilidade.
- Associação afetiva: verdade, afeto, paz, advertência, serenidade, espaço, infinito, fidelidade e sentimento profundo.
- Tem origem no árabe e no persa *lázúrd*, por *lazaward* (azul). Proporciona a sensação de movimento para o infinito. Céu sem nuvens.

Para Eva Heller, no livro «Psicologia das Cores», estas, tem significados mais amplos, muitas vezes associadas também a determinadas profissões:

#### **Branco** (Heller, 2012, pp. 284-327)

- A cor feminina da inocência; cor do bem, da paz e dos espíritos; a mais perfeita entre todas as cores.
- Associado a profissões onde é necessária higiene: médicos, enfermeiros, cozinheiros, padeiros. Também associado à religião, devido à pureza que transmite e status, nos colarinhos e vestes de padres, sacerdotes e do papa.

#### **Preto** (Heller, 2012, pp. 236-283)

- A cor do poder, do luxo, da violência, da morte, da negação e da elegância.
- Cor predileta dos designers e dos jovens, por ser a cor da individualidade.
- A reversão de todos os valores é a ação mais forte do preto.
- Associado à cor dos sacerdotes cristãos e conservadores, autoridades jurídicas e forças policiais.

**Cinzeno** (Heller, 2012, pp.493-516)

- A cor do tédio, do antiquado, conformista, dos sentimentos sombrios e da crueldade.
- Simboliza falta de sensibilidade ou sentimentos inacessíveis; personalidade fechada, introvertida ou cruel.
- Vista como uma cor sem força (branco sujo e preto empobrecido).
- No mundo animal é a cor da camuflagem (corujas, morcegos, mosquitos).
- Em alemão, denota o aspeto malévolo: o cinzeno (grau) gera Grauen (o terror, o horror) e Grausen (cruel).
- É a cor do pobre, barato, do grosseiro e bruto – o cimento cinzeno dos prédios das fábricas e dos edifícios funcionais.
- Associado às profissões de pedreiro e informáticos.

**Azul** ( Heller, 2012, pp. 43-99)

- A cor predileta entre as cores, cor primária.
- Cor da simpatia, da harmonia e da fidelidade.
- Fria e distante, representa as virtudes intelectuais e a melancolia.
- É plácido, passivo e introvertido, simbolicamente pertence à água, um atributo feminino, apesar de ser muito associada ao masculino.
- A tonalidade escura é utilizada em uniformes, pois indica calma, é ordeira e séria.
- Em tom claro, é associado à realeza, à humanidade e à paz.
- Originária da pedra semipreciosa *lápiz-lázuli*, deu nome ao azul ultramarino, por vir além-mar – Oceano Índico, Mar Cáspio e Mar Negro.

**Vermelho** (Heller, 2012, pp- 100-153)

- A cor de todas as paixões – do amor ao ódio.
- Cor dos reis e do comunismo.
- Simbolicamente representa o fogo, o sangue e a guerra.
- Cor masculina, representa força, atividade e agressividade.
- No oriente é a cor sagrada da beleza e da riqueza.
- Cor relacionada ao materialismo e riqueza, tem sido simbolicamente usada por reis, nobreza e clero.
- Representa a cor da justiça, e é utilizada na Alemanha por juízes de alto escalão. Geralmente também associada a desportos agressivos como o boxe, e às áreas relacionadas com o erotismo e sexo.

**Amarelo** (Heller, 2012, pp- 154-194)

- Representa otimismo, ciúme, irritação, hipocrisia, raiva, cobiça e inveja.
- Associada ao entendimento e à traição.
- Pertence à vivência e simbolismo do sol, da luz e do ouro.

- Cor da maturidade, sensualidade, a recompensa do amor.
- Cor imperial no Oriente.
- Cor associada a sinalização de alerta.

**Verde** (Heller, 2012, pp- 195-235)

- Cor da fertilidade, da esperança, da burguesia, da consciência ambiental e amor à natureza.
- Cor da primavera, dos negócios que florescem, da liberdade e da fertilidade.
- A quintessência da natureza.
- Refresca, acalma e transmite segurança.
- A cor sagrada do Islão, vestida pelo profeta Maomé, associando-a ao Paraíso.
- Cor associada a ecologistas, amantes e estudiosos da natureza e cirurgiões, pelo uso das batas que têm efeito calmante nos pacientes.
- Mencionada por Goethe a comerciantes, artesãos e empregados.

**Cor-de-Laranja** (Heller, 2012, pp.- 328-352)

- A cor do entretenimento e do budismo.
- Cor da diversão, da sociabilidade, do lúdico, da extroversão e da ostentação.
- Cor dos inconformistas e originais.
- É a cor da transformação no Oriente – túnicas dos monges budistas.
- Profissões que colocam o trabalhador em perigo têm fardas laranja, como os operários que trabalham em vias públicas, na construção ou limpeza de ruas.

**Violeta** (Heller, 2012, pp.- 353 –391)

- Cor do poder, da teologia, da magia, do feminismo e do movimento homossexual.
- Cor da vaidade, dos pecados doces, dos sentimentos ambivalentes, da penitência e da sobriedade.
- A cor mais rara na natureza.
- O violeta vincula a sensualidade à espiritualidade, sentimento e intelecto, amor e abstinência. Funde o masculino ao feminino.
- No passado era a cor dos que governavam, a cor do poder – púrpura.
- Cor da Igreja Católica, usada nas batinas por bispos e prelados de alto escalão.

**Cor-de-rosa** (Heller, 2012, pp.-392-417)

- Doce e delicado, chocante e *kitsch*. Cor do infantil.
- Cor do charme e da gentileza – a força dos fracos.
- Cor do feminino, da sensibilidade, do sentimentalismo, romantismo, do carinho erótico e da nudez.

**Castanho** (Heller, 2012, pp.- 468-492)

- Cor do conforto, do pequeno burguês e da burrice.
- Associado a tudo o que não tem personalidade, sem imaginação, monótono e sem encanto. Cor neutra.
- Cor do podre, da decomposição e do intragável. Cor do que está a murchar- Outono.
- Representa a cor dos pobres, camponeses, escravos, servos e mendigos, desde a Idade Média
- Associado negativamente ao corpo- excrementos.
- A sua naturalidade é associada ao conforto dos materiais rústicos, como a madeira.
- Cor da brutalidade, do conservadorismo e da virilidade.

Heller refere ainda (pp.161-162), que os professores universitários na Alemanha utilizavam aventais e trajes de cor consoante as áreas, referenciando os de Medicina ao vermelho claro – cor do sangue, os de Direito ao vermelho escuro – cor do sangue culposo, os de Filosofia ao azul – cor do espírito, os Teólogos ao violeta – cor da igreja, os de Economia e Ciências Sociais ao verde – cor do crescimento e da prosperidade, e por fim, os de Ciências Naturais ao amarelo – cor do discernimento e da pesquisa. Curiosamente, não refere os professores de Artes.

Para Max Lüscher<sup>1</sup> (Freitas, 2019, pp. 8-9), que baseia o seu processo psicológico num teste com sensações cromáticas e acromáticas, os significados das cores a nível psicológico são:

**Azul** – indicativo de plena calma; um indivíduo que se encontra doente e que deseja recuperar-se rapidamente escolhe esta cor; mas o mesmo também se torna sensível e tende a magoar-se; concluindo assim que doenças como o acne e o eczema, podem estar ligadas a relações perturbadas que envolvem ternura, amor ou afeto íntimo.

**Azul-escuro** – representa amplitude e profundidade de sentimento; preferida pelos que têm excesso de peso; indicador de satisfação e contentamento, tradição e valores duradouros, perpetua o passado.

**Verde** – tem a preferência de pessoas que possuem teimosia ou querem impressionar.

**Turquesa** – representa elasticidade de vontade; é defensivo, passivo, imutável, repressivo e autónomo. O seu conteúdo emocional é o orgulho.

---

<sup>1</sup> Max Lüscher, o «teste das cores» de Lüscher está também em edição portuguesa, publicada pela Renes, do Rio de Janeiro.

**Vermelho** – revela uma vida intensa e liderança. É impulso, avidez e força de vontade, em oposição ao verde que é elasticidade da vontade.

**Violeta** – tenta unificar a impulsividade do vermelho com a delicadeza do azul. Busca identificação, podendo significar união íntima ou erótica. Geralmente preferido por pessoas imaturas emocional e mentalmente.

**Castanho** – faz com que o indivíduo se sinta sensitivo, destituído, sensual, não vendo perspectivas. A sua preferência denota por vezes mal-estar e desconforto no indivíduo, induzindo a uma atitude negativa perante a vida.

**Preto** – assim como o cinzento e o castanho, é indicador, geralmente, de uma atitude negativa perante a vida. A preferência por esta cor denota revolta do indivíduo contra o destino, e ação insensata e precipitada.

**Cinzento** – é uma sensação acromática que em termos de compensação parece querer dividir o mundo. Representa isolamento.

## 2.3 – A Cor na medicina

Desde os tempos mais remotos que o homem percebeu que a cor tem muito a dizer sobre a saúde e esta, pode ser influenciada por ela – através da medicina alternativa - cromoterapia. Esta, é uma área estudada e aplicada exaustivamente em medicinas orientais.

A cromoterapia consta da relação das principais terapias alternativas ou complementares reconhecidas pela OMS desde 1976, de acordo com a Conferência Internacional de Atendimentos Primários em Saúde de 1962, em Alma-Ata, no Cazaquistão. Não é reconhecida pela comunidade científica, no entanto já existem alguns estudos fidedignos que apontam a influência das cores na saúde humana. Esta, pode ser utilizada para o estudo da Bio-Arte, que apareceu no final do Séc. XX, permitindo entender as interconexões entre as formas de arte e os media internacionais que transmitem notícias ou trabalhos estéticos gerados através de biotecnologias, criando debates de bioética que apresentam conceitos biológicos contemporâneos à opinião pública.

O tratamento através da cor é uma técnica já utilizada na Antiguidade e Idade Média, sendo que os médicos gregos, egípcios, romanos e chineses tratavam pessoas por meio da energia difundida pelas cores, ou seja, utilizavam as cores como forma de equilíbrio do ser humano (Azeemi, 1999). Situava-se na cidade de Tebas, no Egito, o primeiro hospital da

História. Nesse hospital, trabalhava-se quase exclusivamente com a cromoterapia. Cada divisão tinha o teto e paredes de uma determinada cor, e quando alguém ficava internado, era a sua doença ou sintoma que determinava a sala e a respetiva cor a que o paciente ficaria exposto. Sabe-se que todos os nossos órgãos têm uma cor associada. E é esta cor, que tanto revela doença no órgão em questão, como pode ajudar a promover melhoras e até mesmo a sua cura. Assim, havia a sala com a cor que tratava questões relacionadas com o fígado, rins, coração ou até mesmo febre. A partir dali, pela exposição permanente ou temporária à cor e alguma fitoterapia (tratamento com plantas), poucos mais eram os cuidados necessários para a recuperação do doente (Soares, 2018).

São muitas as medicinas onde os povos sempre procuraram aprender a explorar a cura. Existem registos de medicinas com mil a dez mil anos de existência e estudo. Ainda não chegámos no entanto a uma medicina perfeita e infalível, e todas elas, no extremo da sua prática (na impotência), recomendam outra medicina, ou pedem que nos entreguemos ao “divino”, passando um verdadeiro atestado de ignorância e impotência (Soares, 2018).

Soares (2018) afirma que não é correto utilizar-se o termo «medicinas alternativas», pois considera que todas são complementares. Uma têm mais sucesso em determinados quadros, “perdendo” este sucesso para outras terapêuticas que noutras áreas ou patologias têm taxas de sucesso mais satisfatórias. Na prática, existem hospitais públicos na Europa que, respeitando a Carta dos Direitos e Deveres do Doente da Comissão Europeia para a Saúde Humana, contemplando o segundo de doze direitos, perguntam ao doente que medicina lhe traz mais sentido, promovendo um atendimento aí baseado.

Todos temos memórias relativamente às cores que estão presentes no nosso corpo. Provavelmente não teremos tanta consciência quanto à forma como nos “falamos” da saúde, ou falta dela, dos nossos órgãos: *bordeaux* e o preto à gangrena, o verde-escuro aos hematomas, o amarelo à icterícia ou ao fígado, o branco à anemia ou a um susto, o vermelho ao frio ou à vergonha, o cinzento à doença oncológica, entre outras (Soares, 2018). No passado, e ainda hoje, pela cor da língua eram detetados vários problemas de saúde: quando a língua se apresentava cor-de-rosa estava saudável, se estava vermelha tratava-se de uma infeção, mas se o vermelho era muito escuro o problema poderia estar no coração ou no sangue, caso estivesse pálida era anemia ou falta de vitaminas.

Assim, segundo Soares (2018) e Wills (2013):

O Branco, regula ou desregula o conhecimento, a compreensão, o pensamento, a meditação, a iluminação e a elevação da consciência. Na anatomia rege a glândula pineal, trabalhando com o cérebro e o neocórtex cerebral. O branco normalmente não é utilizado sozinho na cromoterapia, estando sempre aliado a outra cor que será predominante. Favorece os processos de calcificação e

soldagem dos ossos, sendo ideal para tratamentos de quem fraturou membros ou quem tem problemas de absorção de cálcio. Os alimentos incluídos neste grupo são boas fontes de cálcio e potássio, e deles, fazem parte o arroz, a banana, o repolho, o alho, a cebola e a batata.

O Violeta, regula ou desregula a luz, a cor, a visão a visualização, a imaginação, a intuição, o sexto sentido e o holístico. Quebra a barreira entre o visível e o invisível. Na anatomia rege a glândula da hipófise, situada na base do cérebro, trabalhando com a cabeça, os olhos e os ouvidos. Esta cor tem ação eficaz na meningite cérebroespinal, concussões, epilepsia e quaisquer outros distúrbios nervosos ou mentais, tais como neurose obsessiva e distúrbios da personalidade.

O violeta alivia nevralgias e problemas associados aos olhos, ouvidos e nariz. Esta cor é particularmente valiosa como purificadora do sangue, ajudando na formação dos leucócitos (células brancas). Ajuda a manter o equilíbrio do sódio e potássio no corpo, facilitando o controlo do equilíbrio hídrico e normalizando os ritmos cardíacos. Os pulmões, o fígado e os rins também podem ser tratados com a cor violeta, e a dor ciática e distúrbios nervosos, são em geral melhorados.

Os alimentos de cor violeta ou roxa têm um pigmento chamado antocianina, que protege o corpo de infeções, combate os radicais livres e as doenças cardiovasculares. Portanto, para usufruir destes benefícios podemos consumir uva, açaí, beringela, beterraba, entre outros vegetais dessa cor.

O Azul, regula ou desregula a palavra e a comunicação, a criatividade. Atua na coordenação, cooperação e comunicação. Na anatomia rege as glândulas da tiroide e a paratiroide. O seu órgão é a laringe. Produz um efeito relaxante e tranquilizador, e pode ser usada para tratar condições de febre, frequência cardíaca acelerada e pressão sanguínea alta. Em geral, reduz o calor, e consecutivamente a inflamação do corpo, como ocorre nos casos de queimadura solar. Promove a serenidade e elimina tensões, dores de cabeça e stress, além de tratar dos distúrbios da garganta ou das cordas vocais, tais como dores de garganta, tosses, rouquidão e laringite. Também pode ser utilizada para tratar distúrbios menstruais, cólicas, dor lombar ou sangramento excessivo.

Outros distúrbios em que a cor azul pode ser útil são a enxaqueca, meningite, colite, disenteria, insónia e diarreia. Pode ser igualmente adequada para os problemas infantis, como a erupção de dentes, inflamações na garganta, amigdalite, sarampo e soluços. Alguns problemas oculares podem também ser tratados com esta cor, como a miopia, cataratas e fotofobia.

Não existem alimentos na natureza que sejam naturalmente azuis, sendo o máximo a que se chega, alimentos levemente azulados ou de um roxo forte que pode ficar com uma coloração azulada, como os mirtilos ou *blueberry*, como são conhecidos. Segundo uma explicação bioquímica, os pigmentos que atribuem a cor azul ao alimento são mais sensíveis à luz solar e degradam-se facilmente. Além disso, os alimentos azuis foram preteridos pelas pessoas, pois inconscientemente associamo-los a alimentos estragados e com bolor.

O Verde, regula ou desregula o amor. O amor-próprio, ao próximo, a todas as condições de vida existentes, e também a respiração, o equilíbrio, as relações interpessoais, a unidade e a cura. Na anatomia rege a glândula do timo, tendo como órgãos o coração e os pulmões. Serve para trabalhar a perfeição e a exigência, para aceitar e partilhar.

A cor verde é particularmente benéfica para o sistema nervoso simpático e é útil para a cura em geral, equilibrando e recuperando as células, ajudando na formação dos músculos, da pele e dos tecidos. Atenua a tensão e pode reduzir a pressão sanguínea, produzindo um efeito sedativo e relaxante, embora possa causar sonolência, cansaço ou irritabilidade, se não for utilizado corretamente. Sendo que é uma cor capaz de influenciar a estrutura celular básica, pode ser utilizada também para tumores, cistos e proliferações. É particularmente adequada para os problemas torácicos como a asma, a bronquite crónica e as anginas.

Os vegetais de cor verde, tanto os de folhas como os legumes, contêm vitaminas A e C, cálcio, fósforo e ferro. Sendo assim, eles possuem um poder desintoxicante, melhoram o sistema imunológico e cardiovascular, protegem os cabelos e a pele e ajudam à reparação dos ossos. Entram neste grupo a alface, os brócolos, o pepino, o chuchu, o kiwi, a ervilha, o feijão verde, o abacate, o limão e outros dessa cor.

O Amarelo, regula ou desregula o poder pessoal, a energia metabólica e metafísica, a transformação, a ingenuidade, a magia e o humor. Equilibra o amor e trabalha as emoções por vezes excessivas. Na anatomia rege a glândula do pâncreas, tendo como órgãos o digestivo superior, estômago, baço, pâncreas e a pele. Trabalha a liberdade, humildade, flexibilidade e o respeito pelos outros.

Reforça o sistema nervoso e os músculos, inclusive o coração, facilitando a circulação. Esta cor ajuda a estimular várias funções corporais, tais como as ações do fígado, da vesícula biliar e o fluxo de biliar, promovendo a secreção dos sucos gástricos e aliviando a constipação e indigestão, de forma a estimular o trânsito intestinal normal. O amarelo é uma cor excelente para o tratamento dos distúrbios

inflamatórios das articulações e tecidos conjuntivos e pode aliviar a artrite, o reumatismo e a gota. Tendo também a capacidade de dissolver depósitos de cálcio dentro do organismo, é também eficaz para atenuar a rigidez e as dores articulares durante o movimento. Esta é uma cor purgativa, e trabalha excepcionalmente na estimulação dos rins e fígado, além de dissolver as secreções mucosas do corpo, limpando a corrente sanguínea e ativando o sistema linfático. Pode ajudar assim os doentes diabéticos a reduzir a dose diária de insulina pancreática. O iodo, o fósforo, o ouro e o enxofre contém a energia do amarelo.

As frutas de cor amarela, como o maracujá, o melão, o abacaxi e ananás, contêm quantidades significativas de vitamina C, que aumenta a imunidade e previne constipações, além de ser antioxidante e proteger as paredes dos vasos sanguíneos.

O Laranja, regula ou desregula a sexualidade, os movimentos, o prazer pela vida, a adoração do espírito, a alimentação e a socialização, trabalhando todo o tipo de relacionamentos. Na anatomia rege a glândula das suprarrenais. Os seus órgãos são o digestivo inferior, os intestinos, a bexiga e os rins. Trabalha a perfeição e a exigência, a aceitação e a partilha no seu dia-a-dia ou nos relacionamentos.

Pela sua semelhança ao vermelho, estimula o sangue e os processos circulatórios, influencia as funções mentais e os sistemas respiratório e nervoso. Energiza o corpo e ajuda nos processos de assimilação e distribuição. É a cor do cálcio, sendo recomendável a grávidas e mães que pretendam aumentar a produção de leite para a amamentação. Cabelos, unhas, ossos e dentes saudáveis são produzidos pelo laranja, que pode ser também utilizado no tratamento dos distúrbios do baço e rins. Afeta as funções fisiológicas do estômago, pâncreas, bexiga e pulmões, e trata úlceras e cálculos biliares. É particularmente eficaz para eliminar a flatulência, trazendo equilíbrio a indivíduos que sofram de colon espástico ou cólicas intestinais. Em virtude do seu efeito sobre o sistema respiratório, o laranja também é útil no tratamento da bronquite, promovendo uma respiração rítmica e profunda.

É comum dizer que os vegetais alaranjados, como a abóbora, a manga, o damasco, a cenoura e o mamão, são ricos em betacaroteno, que se transforma em vitamina A no nosso organismo. Este nutriente é essencial para a boa saúde da pele, da visão, dos cabelos e das unhas.

O Vermelho, regula ou desregula a sobrevivência, a ligação à terra, a manutenção do corpo, as necessidades nutritivas, a individualidade e a relação com a realidade das coisas. Equilibra o aceitar da matéria como uma expressão concreta

da energia, a sonhar menos um pouco e a baixar à terra. Na anatomia rege as glândulas gónadas ou sexuais, ovários e testículos, sendo os seus órgãos os reprodutores. Trabalha a iniciativa, o pioneirismo e o divino.

Esta cor faz a adrenalina circular, ajuda a circulação sanguínea e promove a produção de hemoglobina para os glóbulos vermelhos novos. Ao aumentar a pressão sanguínea, promove também o aquecimento do corpo e estimula o sistema nervoso, motivo pelo qual pode ser usada com tanta eficácia para tratar de vários tipos de dormência e paralisia. Anemia, constipações e pneumonia são outras doenças que podem ser usadas pelo vermelho. Nestes casos, um método prático de introduzir a energia do vermelho, é utilizar meias, luvas camisola ou cachecol dessa cor.

O tomate é o mais famoso do grupo dos alimentos vermelhos devido à ampla divulgação dos seus benefícios associados ao licopeno — a substância responsável pela cor e que traz vantagens para a saúde, como a prevenção do cancro da próstata e outros, além de ser um poderoso antioxidante, preservando o bom funcionamento do coração e do organismo. No entanto, outras substâncias muito poderosas também estão neste grupo, como as antocianinas e o resveratrol, que aceleram o metabolismo, combatem inflamações e retardam o envelhecimento das células. Estas, são encontradas na melancia, no morango, na cereja, na framboesa, nas pimentas vermelhas, no pimentão vermelho e noutros vegetais de cor avermelhada (Soares, 2018).

## 2.4 – A Cor na publicidade e consumo

Segundo Farina (2000), as cores exercem um papel psicológico importante. São utilizadas para estimular, acalmar, e no caso da publicidade, para vender. As campanhas publicitárias usam a cor para despertar sensações, atrair e influenciar o consumidor na escolha, criando um estímulo para levar o cliente até ao produto. Quando uma agência de publicidade escolhe uma cor para uma campanha, podemos ter a certeza de que foram investidas muitas horas de pesquisa à procura das cores corretas a serem utilizadas, para que o seu *target* seja atingido. Cada logotipo, cada *outdoor*, tem a sua estratégia de marketing pela cor bem planeada.

Já foi referido anteriormente o significado e a influência psicológica das cores, vejamos na tabela abaixo algumas marcas que utilizam essas informações:

<b>OTIMISMO</b>	clareza calor	McDonald's, Post-it, Shell, Oi, Lufthansa
<b>AMIGÁVEL</b>	alegria confiança	BMG, GOL, PENALTY
<b>EXCITAÇÃO</b>	juventude coragem	CNN, Coca-Cola, P, LEGO, Häagen-Dazs, VIVO
<b>CRIATIVO</b>	imaginação sabedoria	DAKO, TACO BELL, gnt, YAHOO!, vivo
<b>CONFIANÇA</b>	segurança força	SEBRAE, Intel, Panasonic, LAWSON, Hering
<b>PACÍFICO</b>	crescimento saúde	Starbucks, Android, O Boticário, GREENPOOF
<b>EQUILÍBRIO</b>	neutralidade calma	Apple, SWAROVSKI, Audi, Honda, Toyota

Tabela 1- As Cores e as Empresas – guia das cores

Assim, ao amarelo é atribuído o otimismo, através da clareza e do calor, por ser uma cor animada e acolhedora. É excelente se o objetivo for o de chamar a atenção para determinados detalhes nos produtos ou serviços. Sendo uma cor usada para estimular a mente, pois relaciona-se com a lógica, é também usada para aguçar o apetite e para instigar a tomada de decisões nos consumidores. A nível empresarial, o amarelo passa a ideia de transparência e por isso é eficaz em negociações. É a cor ideal para *networkers*, jornalistas, professores, animadores e artistas. No entanto, não convém exagerar no seu uso, pois é uma cor que pode produzir ansiedade.

A cor-de-laranja é amigável, transmitindo sensações de alegria e confiança. Sendo uma cor alegre, positiva, ativa e vibrante, transmite energia e dá ânimo. É utilizada para atrair consumidores que poderão ser estimulados pela vertente criativa. Sendo uma cor semelhante ao vermelho, mas menos agressiva, é uma alternativa a este, transmitindo também calor, excitação, entusiasmo, mudança, expansão e dinamismo. O laranja é uma cor ideal para restauração, comunicação e grupos comunitários. Em empresas de viagens ou desportos de aventura, vai chamar a atenção aos seus potenciais consumidores. Trata-se de uma cor que anuncia ações imediatas e impulsivas. Representa marcas criativas, amigáveis, alegres e confiantes, sendo ideais para produtos e serviços com espírito jovem.

O vermelho representa em marketing a excitação, com toda a coragem da juventude. Simbolizando vulgarmente a ação e a paixão, é estimulante, e por isso, muito utilizada em campanhas de liquidações e ações promocionais, pela sua capacidade em conquistar consumidores compulsivos. É usado em sinalética, para chamar a atenção do consumidor e obrigá-lo a refletir antes de tomar uma decisão. Sendo uma cor que estimula o apetite, é muito utilizada em empresas de *fast-food*, e em negócios que envolvam velocidade e ação.

O violeta ou o roxo, são cores que dão a sensação de sabedoria e imaginação fértil, por isso está diretamente ligada à criatividade, e com o futuro, e o mundo dos sonhos e da fantasia. Assim, é comumente utilizada por artistas, pintores, escultores, poetas e em

atividades que lidam com o futuro, como médiuns. Por outro lado, o roxo, dá uma sensação de riqueza, luxo e extravagância, sendo aconselhado em negócios que oferecem produtos ou serviços de alta qualidade, como produtos de beleza ou artigos de luxo. Esta cor, tem um público muito específico, os adolescentes, sendo usada para os atrair, representando a criatividade e a imaginação.

O azul, é utilizado na publicidade para transmitir confiança, segurança e força, representando também a honestidade, a lealdade, a responsabilidade e o conservadorismo. Como sugere tranquilidade, instiga o consumidor a confiar na marca. O azul claro estimula a produtividade e transmite uma ideia de sucesso, mas, reduz o apetite, não sendo por isso uma cor adequada a negócios de restauração. O azul escuro, é um tom mais corporativo, inspirando poder e confiança, sendo por isso ideal para negócios seguros, ambiciosos e determinados. Já o azul turquesa, que simboliza versatilidade e criatividade, é propício a negócios relacionados com o ensino, como para salas de aula, de formadores e de professores, pois representa a clareza de pensamento e de comunicação, podendo ser utilizado na indústria da informática, clínicas, centros de saúde e hospitais, empresas de produtos aquáticos e negócios de limpeza.

O verde, associado à saúde e ao crescimento, representa equilíbrio, segurança e riqueza. Naturalmente ligado à natureza, ao meio ambiente à compaixão e ao carinho, associa-se a questões ambientais, transmitindo ideia de saúde, rejuvenescimento e equilíbrio emocional. Comumente utilizada em negócios relacionados com a saúde, pela sua capacidade de relaxar os pacientes ou visitantes, é também utilizado em empresas relacionadas com o ambiente, jardinagem, assistência social e instituições de solidariedade. O verde transmite ao consumidor uma sensação de estabilidade e tranquilidade e reforça a ideia de ponderação e coerência.

O cinzento, sendo uma cor neutra, transmite exatamente isso, neutralidade e calma. Representa também conservadorismo e reserva. Sendo aplicada em muitos negócios diferentes, a sua principal utilização é destacar outras cores e elementos, assim, é frequentemente usada como cor de fundo. Geralmente está associada a empresas ligadas à tecnologia, ciências, direito e finanças, pois dá a ideia de poder e controlo. Como é considerado uma cor formal, é costume ser aplicada quando a ideia é indicar profissionalismo, responsabilidade e conhecimento. No mercado tecnológico, representa produtos inovadores e científicos.

Outras cores são utilizadas comumente, como o rosa, para empresas que visam um mercado feminino (moda, cosméticos e beleza, entre outros), sendo também usada para produtos mais baratos destinados a adolescentes. O castanho, que simboliza em marketing, seriedade, natureza, segurança e sofisticação, é um tom quente e neutro, que dá a ideia de

estabilidade. É por isso associado a produtos orgânicos e em estabelecimentos gourmet, desde que usado em tonalidades escuras, tornando-o neutro como o preto. Geralmente o castanho é também usado em empresas de design de interiores, pois faz sobressair os ambientes sofisticados e eleva a elegância e a confiabilidade dos produtos e serviços. A cor branca transmite a ideia de frescura e calma, e sendo tão neutra como o preto, ressalta luminosidade, limpeza e tranquilidade. Como atrai o pensamento lógico e a competência comunicativa, o branco é uma cor de sucesso em praticamente todos os mercados-alvo, desde que não seja sua intenção destacar-se da concorrência. O preto, e a mais poderosa cor neutra, pela sua simbologia de força, sofisticação, formalidade, elegância, mistério e curiosidade, no entanto, pode ser relacionada com sensações de medo, por isso requer cuidados na sua utilização. É uma cor usada com sucesso em produtos do mercado masculino, sóbrio e impessoal.

## **2.5 – As cores da personalidade segundo Ritberger**

Carol Ritberger, investigadora do comportamento humano, levantou questões sobre os padrões de desenvolvimento da personalidade, a nível comportamental involuntário, da codificação genética interna e sobre a direção externa que o indivíduo segue na sua vida. Afirmando que a personalidade é o princípio organizador que afeta todos os aspetos da vida do indivíduo: o seu estilo de vida, os hábitos de trabalho, as relações, as respostas a situações de tensão e a sua saúde, Ritberger considera que a personalidade tem dois aspetos, traços e características.

Os traços são o resultado da codificação genética inerente que determina a forma como o cérebro desenvolve e age em função do processamento mental, e corresponde à forma como reúne e processa a informação e a tomada de decisões. A autora refere que existem quatro formas de informação e de processamento de personalidade distintas, categorizadas da seguinte forma: Vermelha, Cor-de-laranja, Amarela e Verde. Sendo que os traços são genéticos, a forma como optamos por expressar a nossa singularidade, está totalmente determinada aos 13 anos de idade, e encontrar-nos-emos então, a viver de uma forma distinta, complementando os limites da nossa personalidade ao longo da vida (Ritberger, 2011).

As características da personalidade são os padrões comportamentais que se desenvolvem como resultado da aprendizagem. Refletindo a história biográfica e as influências culturais do indivíduo, as características determinam o impacto que o ambiente tem em si. Estas características são também responsáveis pela formação dos hábitos

adquiridos, das zonas de conforto e dos padrões idiossincráticos de comportamento, que se criam ao longo da vida. À medida que o indivíduo cresce e muda devido às exigências do seu ambiente, o que está realmente a ser alterado são as características da sua personalidade.

Ao combinar traços e características, Ritberger obtém uma imagem composta dos tipos de personalidade, das quatro cores, que contém cada uma, o seu próprio conjunto de forças e de fraquezas. Considerando que a cor desempenha um enorme papel na vida do indivíduo, é de referir que esta influencia literalmente todos os aspetos de quem somos, a nível externo e interno. Na investigação sobre a natureza da personalidade por Carl Jung, é notório que este atribuía uma enorme importância ao poder simbólico da cor. Jung, incentivava os seus pacientes a utilizar a cor de forma espontânea, para os ajudar a expressar a sua personalidade, e acreditava que a integração da cor no dia-a-dia iria influenciar o comportamento dos pacientes. Max Lüscher, aplicou, como vimos anteriormente, a cor ao funcionamento psicológico do tipo de personalidade, pois acreditava que as cores têm um valor emocional, e que a reação de uma pessoa à cor, revela os seus traços de personalidade básicos. A investigação de Lüscher (1969), forneceu provas conclusivas de que cores específicas criam a mesma reação psicológica, emocional e fisiológica em cada pessoa, e, embora reconhecendo que não era totalmente possível medir as emoções, conseguiu medir a reação física do corpo a cores específicas: Azul, Vermelho, Amarelo e Verde. Trabalhando com a premissa das quatro cores para quatro tipos de personalidade, desenvolveu um teste de cor que pôde ser utilizado como um meio de identificar as diferenças nas pessoas. Os resultados, permitiram-lhe categorizar que o nome de cor atribuído a cada grupo indicava o comportamento organizador dominante, relativo ao funcionamento psicológico com base em traços de personalidade. É a partir daqui que Ritberger continua a sua investigação e aplicabilidade, aprofundando ainda mais a relação entre cor e personalidade, diferindo apenas em alguns aspetos, como as cores utilizadas. Estas, foram, segundo a autora, selecionadas para “representar a totalidade de quem somos” (Ritberger, 2011, p. 44). Esta, refere ainda que quando começou a observar os padrões comportamentais previsíveis no tipo de personalidade e a ligar esses mesmos padrões de comportamento aos padrões de comportamento psicológico e emocional associados aos quatro aspetos inferiores do sistema de energia humano, descobriu que estes eram indissociáveis. Observando essas cores do sistema de energia humana, o vermelho, o cor-de-laranja, o amarelo e o verde, e os seus efeitos psicológicos e fisiológicos no corpo, verificou existir uma correlação consistente. Assim, Ritberger investigou como esses elementos do nosso corpo se revelavam no sistema de energia humano, verificando que os mesmos estão interligados e são interdependentes entre eles.

Seguindo as orientações de Jung, de que o funcionamento psicológico se divide em quatro categorias (sensação, intuição, pensamento e sentimento), Ritberger aplicou as quatro cores – vermelho, cor-de-laranja, amarelo e verde – de forma a indicar o comportamento organizador dominante ou o processo de recolha de informação para cada tipo de personalidade.

Segundo a investigação de Ritberger, estas são as suas inferências para cada tipo/padrão de personalidade/cor:

### **A Personalidade Vermelha**

Os adjetivos que melhor descrevem as personalidades vermelhas são: práticas, realistas, sensíveis, pragmáticas e de confiança. São tradicionais nas suas crenças e valores, e representam segundo Ritberger, a coluna dorsal da sociedade. Os indivíduos de personalidade vermelha acreditam que as pessoas devem prosperar na vida através do trabalho árduo e do serviço prestado a outros. Rigidamente conscienciosas, abordam tudo de um ponto de vista prático e sensato. As personalidades vermelhas veem o mundo exatamente como este aparenta ser – o que vê é o que obtém. São sensíveis às linhas de autoridade e rígidas relativamente a manter-se nessas linhas. Mesmo que não concordem com as regras ou os procedimentos, não os desafiam. Aceitam-nos como são e compreendem que sem uma estrutura e diretrizes, existirá o caos.

Este perfil de personalidade é mestre na gestão das realidades diárias da vida. Faz o que tem de ser feito, avançando mesmo quando os recursos são limitados. O seu lema é “fazê-lo, não arranjar desculpas, e aprender a trabalhar com o que se tem.” Uma vez decididos a fazer algo, recusam-se a ser distraídos por pessoas e problemas que poderão impedir o seu progresso. Acreditam que existem formas específicas de fazer as coisas. E, para se certificarem de que as coisas são feitas à sua maneira, criam regras e esperam que os outros as cumpram. Estas personalidades, por natureza, não correm riscos, e caso tenham de correr riscos, será apenas após uma ponderação cuidada. Preferem agir sobre o que conhecem e manter-se com o comprovado, em vez de fazer algo pela primeira vez ou algo que nunca tenha sido feito anteriormente. O seu mundo é tangível, se não conseguirmos vê-lo, ouvi-lo, tocá-lo, saboreá-lo ou cheirá-lo, então não é real. Binárias na sua abordagem à vida, veem uma maneira certa e uma errada, e nada entre elas. Necessitam de tarefas e projetos bem definidos; caso contrário, ficam tensas e sentem que perderam o controlo, estando mais confortáveis em relações e ambientes onde estão em controlo e sabem sempre o que está a acontecer.

As personalidades vermelhas pensam depressa e tornam-se impacientes com demasiados planos. Definem objetivos concretos e trabalham arduamente para os alcançar de forma tão rápida e direta quanto possível, não vendo valor na análise exaustiva de uma situação, preferindo agir e fazer as coisas. Não sendo pensadoras abstratas, têm pouca paciência para as pessoas que o são. Tal não quer dizer que não sejam pessoas de ideias – são-no, mas caso não tenham qualquer garantia que a ideia irá funcionar antes de avançarem, irão entendê-la como uma perda de tempo, e isso é algo que não aceitam. Estas personalidades veem a sua função no processo criativo como a que lhe dá substância e transforma as ideias em realidade. Não fazem elogios facilmente, acreditando que as pessoas os devem merecer. Têm tendência a centrar-se no que há de errado nas pessoas em vez de valorizarem as qualidades positivas. São conhecidas por repreenderem os outros pelo seu comportamento negativo, contudo nunca entendem o seu próprio comportamento como negativo. Autocráticas e ditadoras na sua interação com o outro, são altamente eficazes ao utilizar a intimidação e agressão para obterem o que pretendem. A sua necessidade de dominar é tão forte que são frequentemente acusadas de serem insensíveis aos sentimentos e necessidades dos outros; no entanto, não é o caso. Elas veem o domínio sobre os outros como um meio de ensino e de os ajudar a serem melhores. As personalidades vermelhas são personalidades fortes, vigorosas, conduzidas pela necessidade de poder e estatuto, sendo por isso, imensamente competitivas. Na sua ânsia de vencer, poderão simplesmente colocar os outros de parte ou passar por cima deles. Não recuam numa situação de confronto, vendo o compromisso como uma derrota. Prosperam em ambientes competitivos e utilizam a competição como um meio de motivação.

As personalidades vermelhas veem-se a si próprias como sobreviventes. Para elas, vencer é tudo. Não se identificam com os perdedores nem sentem necessidade de ter pena deles. Na sua perspetiva só pode haver um vencedor, e esse vencedor são elas. O trabalho árduo é a característica distintiva deste tipo de personalidades. Impulsionadas por uma grande necessidade de conclusão, não descansam até o trabalho estar feito. Trabalham e jogam de forma árdua, arregaçando as mangas e atirando-se de cabeça. Orgulham-se da sua capacidade de gerir pessoas, lidar com os fatos e solucionar problemas, sendo orientadas pelos pormenores, que a seu ver, são sempre importantes.

Não trabalham bem em ambientes em que têm de adivinhar o que tem de ser feito, pois têm de saber precisamente quais as suas responsabilidades e como o seu desempenho será avaliado. Necessitam de ver resultados imediatos dos seus esforços, o seu lema é “Fazer”. São atraídas para trabalhos previsíveis e que ofereçam segurança a longo prazo. São pessoas fisicamente assertivas e gostam de participar em atividades que envolvam contacto físico. Têm tendência a serem boas líderes porque sabem o que é preciso para fazer

um bom trabalho. São consistentes no seu comportamento e são vistas pelos outros como forças do progresso.

No seu pior, são indecisas, demasiado cautelosas, bruscas e argumentativas. Ficam tão centradas no que está diretamente à sua frente que perdem o sentido de qualquer visão mais ampla. Se pressionadas a tomar uma decisão sem aquilo que consideram a informação adequada, ficam frustradas e na dúvida. Sentem que estão fora do controlo e, tornam-se rígidas e resistentes a qualquer contributo de outros. A sua necessidade de controlo leva-as a querer dominar ainda mais os outros, e esse domínio afasta ainda mais os outros, fazendo com que estas se sintam isoladas e desprezadas, desempenhando no seu pior extremo o papel de “coitadinhas”. Querem que os outros sintam pena delas porque trabalham arduamente e acarretam tanto peso da vida (Ritberger, 2011).

### **A Personalidade Cor-de-Laranja**

Segundo Ritberger, as personalidades cor-de-laranja são, por natureza, protetoras. Cuidar e preocupar-se com os outros é o que dá sentido às suas vidas. Tanto os homens como as mulheres têm uma vocação especial para as necessidades básicas das pessoas nas suas vidas, e irão sempre colocar as necessidades dos outros à frente das suas. Não encontramos outro tipo de pessoas mais dedicadas, atenciosas, sensíveis ou preocupadas com as necessidades emocionais básicas dos humanos que as do tipo cor-de-laranja. Dedicam-se àqueles de quem gostam, e de entre todos os tipos, são o mais orientado para a família – tanto família de sangue como de trabalho. As personalidades cor-de-laranja assumem instintivamente o papel de protetoras, e levam esta responsabilidade muito a sério. Trabalham arduamente para manter um ambiente equilibrado, confortável e emocionalmente protetor. Sentem que é da sua responsabilidade fazer tudo pelos outros para que fiquem felizes.

As personalidades cor-de-laranja são colegas de equipa dedicadas, ponderadas e prestáveis. Para elas, é indiferente a equipa ser de trabalho, família, religiosa ou do exército. Têm um forte sentido de comunidade e necessitam de se envolver em atividades que as beneficiem diretamente, assim como àqueles de quem gostam. Guerreiras que defendem os direitos dos menos afortunados, são socialmente responsáveis e esperam que os outros também o sejam. Trazem um sentido de tradição e fornecem valores sólidos e bons, sabendo que ambos são necessários para criar uma base para uma sociedade forte e saudável. Focam as suas vidas em fazer o que está certo e o que é convencional. Para este tipo de pessoas a validade de qualquer boa ideia não é avaliada pelo indivíduo que a criou, mas pela comunidade exterior onde irá afetar as vidas de outros de forma positiva. Não é invulgar

encontrar personalidades cor-de-laranja em posições de liderança de projetos comunitários ou organizações humanitárias, se acreditarem que o seu envolvimento terá impacto.

Uma vez que são jogadoras de equipa, nem sempre são líderes. As suas necessidades são, no entanto, as mesmas das do líder do grupo, e a sua felicidade provém da realização das diretrizes e objetivos de outros. O que estas personalidades irão fazer na maioria dos locais de trabalho, é posicionar-se de forma a tornarem-se o centro de informação, e os outros irão depender delas. São administradoras natas e fazem a gestão de tarefas parecer fácil. São competentes em comunicar as tarefas necessárias para realizar o trabalho e em fazê-lo de forma a que as pessoas cooperem e adiram livremente.

As personalidades cor-de-laranja adoram reunir pessoas e são tipos sociais, parecendo criar amizades onde quer que se encontrem. Desfrutam do entretenimento, e fazem os outros sentir-se em casa, tendo um talento natural e pessoal que é exclusivo do seu tipo quando recebem convidados. Na qualidade de anfitriões, têm em atenção as necessidades alimentares, certificam-se que os seus convidados estão confortáveis e que todos estão envolvidos nas conversas e atividades, antecipando sempre as necessidades dos outros. Acreditam que a forma de chegar ao coração das pessoas é através do carinho e tornando a vida tão agradável quanto possível. Embora sérias por natureza, estas personalidades sabem que o riso e a capacidade de rir são o melhor remédio, conseguindo fazer os outros rir, mas esquecendo-se de rir elas próprias. São conselheiras naturais, extremamente sensíveis aos sentimentos dos outros e boas ouvintes, pelo que os outros irão procurá-las para partilhar os seus sentimentos e dores emocionais.

Quando as personalidades cor-de-laranja funcionam de forma eficaz, são competentes e meticolosas. Trabalhadoras, pacientes e extremamente produtivas, podem mover montanhas para fazer as coisas. Quando funcionam de forma ineficaz, são egocêntricas, teimosas e taciturnas, permitindo que as coisas passem despercebidas. Começam a sentir pena delas próprias e adotam uma atitude de autocomiseração, atacando e culpando os outros pelo que acontece. Para elas, raramente a culpa é sua. São pessoas cordiais, salvo se contrariadas. Quando contrariadas, tornam-se rígidas e teimosas, exprimindo veementemente a sua hostilidade emocional, atacando e usando palavras que criam ansiedade constante e choque no outro. Quando estas personalidades soltam a sua fúria, normalmente irão apanhar o outro tão desprevenido que este se sentirá como se cegado pelos faróis de um automóvel, preste a ser atingido. No seu pior, estas personalidades tornam-se cínicas, negativas e vingativas, e se se sentirem inseguras, o seu comportamento torna-se errático. Quando tensas são exigentes, guardam rancor e não perdoam nem esquecem facilmente.

A autoestima da personalidade cor-de-laranja está diretamente ligada e é influenciada pela qualidade das suas relações. A sua estabilidade emocional baseia-se na forma como os

outros reagem e interagem com elas. Mais do que qualquer outro tipo, estas personalidades são as que mais se preocupam em causar uma boa impressão, trabalhando arduamente para obter o apreço dos outros. Quando sabem que são amadas e apreciadas, as suas ansiedades emocionais são aliviadas e as suas qualidades de comportamento protetor podem brilhar (Ritberger, 2011).

### **A Personalidade Amarela**

As personalidades amarelas são autoconfiantes. As palavras «auto» que melhor descrevem estas personalidades são: autossuficientes, autodidatas, autorrespeitadas, automotivadas, autoiniciantes e autorrealizadas. Estas personalidades acreditam em si próprias, nas suas capacidades e competências intelectuais. Sabem que se se aplicarem conseguem qualquer coisa. A sua filosofia é que se conseguem concebê-lo, conseguem alcançá-lo. Segundo a autora do livro «A Cor da Sua Personalidade», para as personalidades amarelas o futuro é um mundo de possibilidades infinitas, e a oportunidade para fazer a diferença. Estas personalidades são, segundo Ritberger, autênticas visionárias.

Líderes naturais, assumem instintivamente o leme, pois têm uma personalidade de liderança que indica aos outros que são capazes de assumir o comando. O seu estilo de liderança é evidente em todas as relações: família, amigos, trabalho e comunidade. No entanto, é no ambiente de trabalho que se lhes proporciona a oportunidade para um maior usufruto de todos os seus dotes e talentos para a liderança. De fato, as personalidades amarelas têm uma maior capacidade para alcançar o seu verdadeiro potencial quando se encontram no comando, apreciando os desafios associados à liderança, pois sentem à vontade e confiança para assumir responsabilidades enormes. Com exceção das personalidades vermelhas, a maioria das pessoas considera confortante ter alguém de quem depender, que será o seu protetor, alguém em quem podem confiar e que veem como um líder competente. A relação entre as personalidades vermelha e amarela pode ser altamente competitiva, uma vez que ambas pretendem assumir uma posição de liderança.

As personalidades amarelas são desafiadoras, críticas, dogmáticas e desafiam a forma como as coisas são feitas, desafiando a autoridade. Desafiam também as formas tradicionais de pensar, e desafiam o porquê e como as coisas são feitas. Desafiam-se até a si próprias para serem melhores e pensarem de forma diferente. O seu lema é «pensar de uma forma não convencional», e por isso, são pensadoras conceptuais e veem a totalidade das coisas, pelo que estão ligadas às mesmas restrições mentais ou medos emocionais que limitam outros tipos de personalidade. As pessoas com este perfil de personalidade, são vistas como não-conformistas ou como excêntricas e rebeldes, fazendo o que querem sem pensar

no que foi feito no passado, ou como sonhadoras que andam com a cabeça nas nuvens. Mas, não é o caso, visto que as personalidades amarelas têm uma visão bastante nítida de para onde vão. Apenas não o dizem aos outros. São sim, pensadoras analíticas e muito estratégicas no seu planeamento, e assim que determinam a melhor forma de fazer algo, avançam sem distrações.

Este tipo de personalidade luta ao longo das suas vidas para tentarem conformar-se com as regras da sociedade, pois sentem-se desajustadas, seguindo-se assim pelo seu próprio código de valores e princípios internos. São pessoas obstinadas e determinadas. São também corajosas no seu pensamento e não olham para trás se acreditam que algo não está correto. A sua criatividade provém da capacidade para um pensamento profundo, e especulam infinitamente o quê e o porquê antes de tomarem decisões. Apreciam um bom debate e não se retraem de uma conversa estimulante ou por um confronto de pensamentos.

As personalidades amarelas precisam de liberdade para utilizar a sua inteligência, seguir a sua busca de conhecimento e sabedoria, e desenvolver competências adquirindo novas capacidades e expandindo as capacidades existentes. Para elas, ser competente e uma especialista autorreconhecida é o mais importante, e não se contentam com menos, pois orgulham-se da sua perícia e intelecto. Veem a vida como algo que deve ser compreendido e dominado, e a investigação é o seu forte. A seu ver, os problemas são oportunidades para aprender, flexibilizar as suas capacidades intelectuais e desafiar as suas competências. São pessoas cerebrais que são multissensoriais na forma como veem as coisas, sendo o seu sexto sentido uma parte integrante do funcionamento mental. Abordam o pensamento de uma perspectiva lógica, confiando e usando os seus cinco sentidos para fornecer a informação necessária e, então, avançando para aceder aos seus conhecimentos intuitivos para proporcionar todos os cenários possíveis. Estas personalidades são, no entanto, demasiado críticas e autoritárias, e podem ser também arrogantes. São conduzidas pela necessidade de perfeição por parte de si próprias e dos outros, só existindo uma forma de fazer bem as coisas, à sua maneira. São as mais autocríticas de todos os tipos de personalidade, irritando-se consigo próprias quando cometem erros de julgamento e, sendo implacáveis na monitorização do seu próprio progresso nunca necessitam dos outros para apontar as suas falhas, pois fazem-no elas mesmas. Têm assim padrões de excelência bem elevados e a sua busca pela perfeição cria uma ansiedade de nível baixo constante, relativamente à insegurança consigo mesmas.

No seu pior, as personalidades amarelas, são pouco práticas, condescendentes, demasiado conceptuais, intransigentes, verbosas e demasiado críticas. Ficam preocupadas, mentalmente incapacitadas, impacientes com os outros e irritadas, perdendo o contacto com

a realidade. O seu pensamento torna-se confuso, e envolvem-se tanto na tentativa de racionalizar a sua forma de pensar que perdem de vista os objetivos (Ritberger, 2011).

### **A Personalidade Verde**

Ritberger afirma que as personalidades verdes vivem num mundo de esperanças, sonhos e emoções onde os intangíveis da vida são o mais importante. As suas imaginações férteis prosperam ao utilizar as capacidades criativas – as mentes trabalham rapidamente, saltando de um pensamento para o outro. Estas personalidades pensam em metáforas e analogias, pintando imagens vivas nas suas mentes; veem a vida de uma perspetiva holística que lhes permite ver a totalidade da imagem. Adoram criar ideias e explorar possibilidades, sendo que as suas mentes adoram ponderar todas as alternativas; as sessões de *brainstorming* com outros alimentam a sua necessidade de criar e estar com pessoas. Uma vez que o seu funcionamento mental preferido provém totalmente do lado direito do cérebro, as personalidades verdes não são, segundo a autora, influenciadas pelas limitações e barreiras mentais que restringem a maior parte dos outros tipos de personalidade. Centrando-se no que as coisas poderiam ser em vez do que são ou devem ser, estas personalidades criam aplicações originais para produtos, serviços e operações existentes. Ao combinar a capacidade de uma personalidade verde para ver a totalidade da imagem com a sua sensibilidade para os sentimentos e emoções dos outros, vemos que são capazes de criar oportunidades e soluções que satisfazem as necessidades de todos os envolvidos, uma vez que também a sua aptidão para serem diferentes adiciona entusiasmo e um novo contorno à rotina.

As personalidades da cor verde têm uma visão nítida do que está a acontecer, aceitando imediatamente a sua visão como sendo real, mesmo que não o seja. O problema, é que confiam e agem sobre as suas visões e conhecimentos de forma tão instintiva que frequentemente negligenciam a necessidade de encontrar os fatos para sustentar as conclusões a que já chegaram, podendo ficar tão envolvidas emocionalmente nas suas visões que irão distorcer pormenores vitais para as sustentar.

O maior talento destas personalidades é a sua intuição altamente desenvolvida. Este talento permite-lhes aperceber-se do que os outros estão a sentir e ler nas entrelinhas. Contam com os seus palpites e conhecimentos para obter uma sensação real do que está a acontecer. As personalidades verdes são mestres em procurar significados ocultos e ler linguagem corporal. Interpretam intuitivamente os motivos e as dicas não verbais para que possam obter um sentido da atmosfera emocional do seu ambiente de forma eficaz, pois à semelhança das personalidades amarelas, são multissensoriais. As pessoas com esta cor de

personalidade são também as mais produtivas e criativas ao reagir à sua intuição e sentimentos, em vez de à lógica e realidade. Adoram aprender sobre elas próprias, são abertas e recetivas a novas ideias, especialmente se se identificarem com elas. Querem saber o máximo sobre o porquê de agirem como agem e como podem melhorar as suas relações, e uma vez que são tão únicas na sua abordagem à vida, passam muito tempo a procurar informação que as ajude a compreender melhor quem elas são. Procuram formas de aprender melhor como encarar um mundo que não aceita necessariamente o seu emocionalismo, e valorizam a inspiração e autoexpressão acima de tudo, seguindo as suas inspirações com a energia de um dilúvio. Este seu entusiasmo interior é o que inspira os outros a estar em seu redor.

Estando sempre à procura de novos interesses, têm dificuldade em permanecer com as coisas após perderem o interesse. A sua vida assemelha-se a uma sucessão de projetos escolhidos impulsivamente, iniciados rapidamente, frequentemente abandonados, e normalmente incompletos. As personalidades verdes começam de forma entusiasta, mas abandonam o projeto ao aperceberem-se que são necessárias estrutura e repetição para alcançar a conclusão ou o domínio das competências necessárias com sucesso. Este tipo de personalidade, prefere criar a fazer, uma vez que têm uma longa visão, mas curta ação. Não sendo grandes planeadoras, gostam da espontaneidade e de absorver as coisas à medida que acontecem, pelo que acreditam que tudo acontece da forma que é suposto, e confiam que o que quer que aconteça, está correto. Procuram compreender qual o seu objetivo de vida e também a expansão mental, emocional e espiritual. As suas vidas são repletas de acontecimentos que são considerados como lições.

As personalidades verdes são conduzidas pelo idealismo e a crença de que o seu objetivo na vida é fazer do mundo um lugar melhor, sentindo que devem influenciar a qualidade de vida dos outros e sendo as maiores apoiantes e motivadoras, levando o outro a encontrar uma vida melhor e procurar compreender o seu verdadeiro «eu». Muitos escritores e oradores motivacionais são personalidades verdes, pois estas são excecionais a encontrar palavras que inspiram, persuadem e motivam.

Estão sempre à procura da mudança, sendo uma parte necessária da sua vida, quer em casa, no trabalho, no companheiro, estilo de vida ou imagem. Mudança é o seu nome do meio, e se sentirem que a sua vida caiu na rotina, alteram todos os aspetos dela. Ao contrário de outros cuja tendência natural é resistir à mudança, as personalidades verdes, abraçam a oportunidade de experimentar coisas novas, conhecer pessoas novas e aprender novas competências. O risco com que se deparam é o de serem tão abertas a algo novo ou não convencional, que poderão passar a vida toda a mudar de uma coisa para a outra, nunca

permanecendo o tempo suficiente com algo para o dominar. Também têm muitos talentos, e por isso é-lhes difícil escolher apenas um, pois consideram que podem explorá-los a todos.

São pessoas calorosas, sensíveis, gentis e emotivas. A sua energia entusiasmante e protetora funciona como um íman quando se trata de atrair outros. São mestres a envolver subtilmente o auxílio de outros, massajando os seus egos com respostas interessantes e sensíveis, elogiando abertamente as pessoas expressando facilmente o seu apreço. Têm um grande prazer em agradar aos outros e fazê-los felizes, tendo também uma grande tendência a desenvolver amizades duradoras e profundas. São, no entanto, tão sensíveis aos sentimentos dos outros que frequentemente os assumem como sendo seus, estando assim vulneráveis à manipulação emocional por parte de quem as pretenda dominar.

As personalidades verdes são os camaleões do mundo das personalidades. É frequente estas pessoas normalmente gentis e amigáveis surpreenderem os outros tornando-se agressivas e hostis quando sentem que alguém está a aproveitar-se delas ou que não são apreciadas como genuínas. Quando se sentem explorados ou magoados, transformam-se normalmente em personalidades vermelhas no seu pior, tornando-se rígidas, mal-humoradas, pensativas e argumentativas. À semelhança das personalidades cor-de-laranja, não apreciam conflitos e farão o seu melhor para os evitar, e o seu sentido intuitivo funciona como um radar, alertando-as para qualquer potencial conflito. Adoram o romance, o melodrama e o envolvimento em interações que estimulem a sua imaginação. São as campeãs naturais dos oprimidos, do ambiente e dos direitos humanos (Ritberger, 2011).

Em síntese, a fórmula de quatro cores apresentada por Ritberger, mostra assim todos os aspetos de quem somos, energeticamente, emocionalmente, mentalmente e fisicamente, destinando-se a proporcionar um modelo abrangente de autoconhecimento e conhecimento do outro, como forma de orientação para uma melhor compreensão de cada tipo de personalidade. Ao compreendermos melhor o que nos controla e orienta, estaremos também numa melhor posição para efetuarmos as escolhas e alterações na nossa vida, direcionando-nos a avançarmos ao que desejamos, ao invés de repetirmos padrões comportamentais que nos impedem de obter o que pretendemos. Embora Ritberger compreenda que existem riscos e limitações associadas à categorização de pessoas, crê que esta fórmula das quatro cores é eficaz para criar consciência das diferenças entre cada pessoa, e que, apesar da individualidade de cada um de nós, partilhamos padrões de comportamento previsíveis comuns.

O valor em utilizar a cor, como meio de observar a personalidade, reside no fato de não ser ameaçador, pois todos respondemos à cor praticamente da mesma forma, pelo que proporciona uma base de compreensão comum.

## CAPÍTULO 3

### Personalidade

#### 3.1 – O conceito de personalidade

O conceito de personalidade pode ser descrito de duas formas: a abordagem hipotético-dedutiva, que se baseia numa conceção teórica das dimensões da personalidade e que procura a sua validação através de dados empíricos (Lima & Simões, 2019) e a abordagem taxionómica ou lexical, que parte de um conjunto de termos linguísticos que são utilizados pelos indivíduos para se descreverem a si próprios e aos outros.

Existem várias definições de personalidade que se relacionam diretamente com diferentes pontos de vista e métodos de abordagem. De acordo com Hansenne (2005) a personalidade diz respeito a uma organização psicológica com bases fisiológicas, sendo um processo dinâmico interno, em que o comportamento do indivíduo é recorrente e consistente.

Em Psicologia, a personalidade é distinta entre traço e dimensão, tal como vimos anteriormente em Ritberger. Assim, o traço representa uma característica durável, como por exemplo a extroversão, a timidez, a impulsividade, constituindo uma predisposição do indivíduo para se comportar de determinada forma em várias situações. O conceito de dimensão da personalidade, diz respeito ao conjunto de diferentes traços que constituem a personalidade do indivíduo.

A personalidade como expressão da totalidade do homem, foi circunscrita por Jung, como sendo o ideal do adulto, cuja realização consciente por meio da individualização, representa o marco final do desenvolvimento humano, para o período situado além da metade da existência. Para Jung (1981), é fator evidente que o «Eu» se forma e se fortalece na infância e adolescência, sendo inconcebível ocupar-se alguém com o processo da individualização, sem considerar devidamente esta fase inicial do desenvolvimento. Assim, Jung considera que a psicologia dos pais e educadores é de uma importância decisiva no processo do crescimento e do amadurecimento da criança.

Disto se depreende que, para a Psicologia, a personalidade é algo com a qual o indivíduo não nasce; não é intrínseca ao indivíduo, mas sim construída, moldada, modelada e modificada ao longo da vida, sofrendo influências do meio social no qual o ser humano está inserido, bem como pelos valores que lhe são repassados e pelas situações experimentadas, tratando-se de um processo organizado que se estende através do tempo. Também é, no entanto, verdade, que a personalidade é preenchida pelo mundo, sendo resultante da interação de fatores ambientais e características hereditárias.

Segundo a Antropologia, a personalidade do indivíduo é analisada no contexto social no qual ele está inserido, uma vez que a personalidade do ser humano é moldada dia após dia, e isto dá-se através de aprendizagens e experiências adquiridas ao longo da vida. Assim, a personalidade do indivíduo é harmonizada por fatores culturais e sociais, permitindo-se que este possa pensar, sentir e agir com independência, resguardando a sua individualidade.

Para a Psicologia, a personalidade é o temperamento e o carácter que qualquer ser humano possui de forma muito única, singular e particular, representando o que o indivíduo tem de mais íntimo, de mais inerente à sua qualidade de ser humano. A personalidade é vista para a psicologia como sendo particular de cada ser humano, como se fosse uma impressão digital: não existem duas iguais no mundo, mas existem semelhantes, com traços e características que se tocam nalgum ou nalguns pontos comuns.

### **3.2 – Modelo dos cinco fatores de personalidade**

O modelo dos cinco fatores é uma disposição da estrutura dos traços da personalidade (Simões & Lima, 2000). O pressuposto deste modelo é que a personalidade pode ser caracterizada a partir de cinco fatores que diferenciam os sujeitos: (a) Neuroticismo, (b) Extroversão, (c) Abertura à Experiência, (d) Amabilidade e (e) Conscienciosidade (McCrae, 1996).

O Neuroticismo avalia a adaptação versus a instabilidade emocional. Valores elevados de Neuroticismo são encontrados em indivíduos que tendem a experimentar afetos negativos, como a tristeza, o medo, a raiva ou a culpabilidade. São indivíduos com propensão para a descompensação emocional, preocupados, nervosos, inseguros, com sentimentos de incompetência, entre outros. Como consequências desta inadaptação, aparentam ter ideias irrealistas, menos controlo dos impulsos e menor capacidade de lidar com o *stress*. Por oposição, valores baixos nesta dimensão correspondem a sujeitos emocionalmente estáveis, com um humor constante, tranquilidade, segurança, satisfação pessoal e capacidade de enfrentar as situações de *stress*.

A Extroversão, traduz a qualidade e intensidade das interações interpessoais, o nível da atividade de estimulação e a capacidade de exprimir alegria. Os sujeitos extrovertidos tendem a ser mais sociáveis, assertivos, otimistas, afetuosos, alegres e conservadores. Desta forma, esta dimensão relaciona-se com uma maior motivação para ocupações que exijam iniciativa e empreendimento, pois estes indivíduos tendem a encarar as situações de competição de forma mais favorável que as de cooperação, preferidas pelos introvertidos. A extroversão mostra uma correlação forte com a afetividade positiva e a felicidade. Níveis

baixos neste domínio, também revelam introversão, correspondendo a indivíduos mais reservados, sóbrios e contidos, com um ritmo de vida mais calmo, silenciosos e amantes da solidão.

A Abertura à Experiência é a dimensão mais relevante para determinar a imaginação, a cognição e personalidade, relacionando-se fortemente com alguns aspetos da inteligência, como o pensamento divergente, que é um dos pilares da criatividade. De uma forma geral, esta dimensão traz a procura, a apreciação da experiência, a tolerância e a exploração do não-habitual ou familiar. Os componentes desta dimensão são a fantasia ou imaginação ativa, a sensibilidade estética, a amplitude dos sentimentos, a abertura de ideias ou a curiosidade intelectual e o juízo independente ou liberal. Estes indivíduos manifestam curiosidade em relação ao mundo interior e exterior, tomando em consideração as novas ideias e valores, colocando em causa a autoridade e adotando novas ideias sociais, políticas ou éticas. Por oposição, podem corresponder a pessoas que tendem a ser mais convencionais e conservadoras, que se sentem mais confortáveis com o familiar, com uma gama de interesses mais limitada, sendo pouco artísticas ou analíticas.

A Amabilidade, é uma dimensão que se relaciona com as tendências interpessoais, refletindo a qualidade da orientação para os outros. Deste modo, este sujeito é amável e altruísta, tem bons sentimentos, é benevolente e digno de confiança, prestável e simpático, crédulo face aos outros e com tendência a perdoar. No lado oposto, temos os sujeitos hostis, que são egocêntricos, cínicos, rudes, desconfiados, pouco cooperativos, vingativos, irritáveis, manipuladores, cétricos e mais competitivos que cooperativos.

Por fim, a Conscienciosidade. Esta dimensão foi caracterizada de forma a aferir aspetos proativos e inibidores da ação. A proatividade revela a necessidade de realização e apego ao trabalho, enquanto a inibição revela os escrúpulos morais e a prudência. A conscienciosidade dá conta do grau de organização, persistência, motivação e autocontrolo no comportamento orientado para o objetivo. O sujeito consciencioso é dotado de força de vontade, determinação, é de confiança, pontual, organizado, autodisciplinado e ambicioso. Valores elevados nesta dimensão podem relacionar-se com êxito académico e profissional, mas na sua vertente negativa, liga-se a tendências compulsivas ou à mania no trabalho. Com valores menores, temos indivíduos menos obstinados na prossecução dos seus objetivos, mais preguiçosos, despreocupados, negligentes e com fraca força de vontade (McCrae, 1996).

Concluindo, as dimensões conjuntas Extroversão e Conscienciosidade, parecem determinar padrões de atividades, a Abertura à experiência e Amabilidade são relevantes para o estudo das atitudes, a Extroversão e Amabilidade encontram-se ligadas a áreas particulares da vida do indivíduo, nomeadamente no plano afetivo, enquanto a Amabilidade e a

Conscienciosidade poderão representar as dimensões básicas da personalidade (Lima & Simões, 2019, pp. 18, 25-46).

### **3.3 – Personalidade, exploração vocacional e ajuste académico**

As variáveis relacionadas com a personalidade foram, desde cedo, das mais amplamente investigadas no âmbito da abordagem diferencial da psicologia vocacional.

Ziller (1957), partiu do princípio de que a escolha vocacional implica algum grau de risco, associado à decisão, pelo que procurou verificar a existência de diferenças nesta variável, consoante as áreas de especialização académicas escolhidas por uma amostra de alunos universitários. Constatou que os sujeitos vocacionalmente indecisos, demonstravam uma menor tendência para o risco. Elton e Rose (1971) realizaram uma investigação mais complexa, ao selecionarem uma amostra de estudantes universitários que no início do seu percurso académico, foram considerados indecisos ou decididos. Estes últimos foram divididos em subgrupos: o primeiro era constituído por alunos que não mudaram de opção vocacional relativamente à sua primeira escolha, e o segundo por alunos que mudaram de planos vocacionais. Estes grupos de alunos foram comparados no final do seu percurso escolar, verificando-se a inexistência de diferenças ao nível da personalidade, mantendo assim os mesmos traços padrões característicos da sua personalidade.

Phillips e Bruschi (1998), escolheram a timidez como a variável da personalidade suscetível de se encontrar associada a problemas de natureza vocacional. Numa amostra de estudantes universitários, constataram que os mais tímidos de ambos os géneros, eram simultaneamente, os que menos se envolviam em atividades de exploração vocacional, e os que evidenciavam níveis mais elevados de indecisão vocacional. Numa investigação posterior sobre esta temática, Hamer e Bruschi (1997), analisaram a relação entre vários fatores de personalidade, incluindo a timidez, e vários índices do desenvolvimento vocacional, incluindo a clareza e certeza do autoconceito vocacional menos intrínseco.

Numa investigação sólida no plano metodológico, Newman, Gray e Fuqua (1999), analisaram as diferenças entre dois grupos de estudantes vocacionalmente decididos e indecisos, ao nível das várias dimensões de personalidade avaliadas pelo *Psychological Personality Inventory*. Este inventário, possui vinte subescalas que podem ser sintetizadas em quatro grandes dimensões: a extroversão – característica dos indivíduos que possuem uma orientação para os outros, seguros e equilibrados, com elevado grau de iniciativa e de resolução de problemas; o controlo – uma dimensão que caracteriza os indivíduos autodisciplinados, conscienciosos e respeitadores das regras; a flexibilidade – associada aos

indivíduos com abertura de espírito e independentes; e a consensualidade - característica que encontramos em indivíduos agradáveis, otimistas, cooperantes e fiáveis. Uma análise dos dois grupos de estudantes, permitiu constatar que os vocacionalmente decididos evidenciaram valores mais elevados do que os indecisos, ao nível dos fatores de extroversão, controlo e consensualidade.

A exploração vocacional, assume assim uma importância singular no contexto do desenvolvimento global do indivíduo, permitindo identificar e avaliar o papel de fatores pessoais e situacionais no planeamento e nas escolhas efetuadas ao longo de toda uma vida. Explorar-se face ao mundo, de uma forma intencional, regular e sistemática, constitui um processo psicológico complexo, mas desejável, contribuindo para uma construção mais flexível da personalidade (Taveira & Moreno, 2003) e para o aumento da adaptabilidade na carreira (Savickas, 2005). Estas capacidades, assumem por sua vez, na atualidade, uma crescente importância, para um número significativo de sociedades humanas em face de múltiplas e profundas mudanças no mundo escolar, da formação profissional e do trabalho. Esta investigação demonstra que, de uma forma geral, a exploração vocacional tende a relacionar-se com a satisfação profissional, a maturidade profissional, o desenvolvimento do autoconceito, os sentimentos de autoeficácia e o ajustamento a uma escola vocacional correta (Taveira, 2000). Em sociedades ocidentais, como a sociedade portuguesa, todos estes aspetos assumem uma importância especial na adolescência e no início da vida adulta, já pelo fato destas serem fases dos primeiros exercícios de maior autonomia e responsabilidade pessoal na tomada de decisões vocacionais com impacto no estilo de vida pessoal.

### **3.4 – Testes de Personalidade**

Os testes psicológicos são instrumentos utilizados na prática do psicólogo, podendo fornecer informações importantes na elaboração de um diagnóstico num processo de avaliação. Entendidos como instrumentos auxiliares na recolha de dados, auxiliam assim a compreensão do problema estudado.

Mira refere que “se quisermos conhecer a estrutura funcional de uma personalidade, necessário se torna analisar sucessivamente: a) seus instrumentos (capacidades, dispositivos, aptidões); b) seus vetores (intenções, propósitos, atitudes); c) num plano mais profundo – suas necessidades; d) num plano mais superficial – as pressões ou exigências do seu meio ambiente” (Mira, 1949, p. 7). Quando procuramos compreender de uma forma coerente, significativa, lógica e sistemática, a relação desta dinâmica, verificamos que definir uma personalidade não é fazer um inventário de reações, mas sim conhecer os critérios sobre

os quais o indivíduo as terá para resolver as suas questões diárias. Desta forma, os testes de personalidade são bons recursos para explorar e investigar, não sendo, no entanto, totalmente conclusivos de um tipo de personalidade, tendo sempre margem para características discutíveis e variáveis. Contudo, aos testes psicotécnicos, impõe-se a necessidade de os aliar e ligar aos testes de personalidade, para responder de forma prática e satisfatória às exigências da sociedade e do indivíduo (Mira, 1949).

O teste de personalidade, segundo Mira, visa sobretudo definir um plano de ação sobre o atual ou potencial do indivíduo, sendo que, considera inútil querer ignorar a importância do fator intelectual, pois afirma que os testes provam que a inteligência é medida sobre o «Eu», ou seja, a inteligência aplicada à solução dos problemas subjetivos, enquanto os testes de aptidão medem melhor a inteligência aplicada à solução dos problemas do «Não-Eu», ou seja, da objetividade. Conclui, no entanto, que todos – de personalidade e de aptidão – pressupõem a intervenção das funções perceptivas, associativas, de julgamento e raciocínio.

Baseados neste critério, são especificadas várias categorias de testes de personalidade:

a) Testes interrogativos – nos quais o inquérito é realizado por meio de questões verbais diretas, indiretas ou mistas, mediante entrevista, questionário ou inventário.

b) Testes expressivos – onde se registam certas expressões do funcionamento pessoal espontâneo ou provocado com o auxílio de diversos artifícios.

c) Testes projetivos – favorecem a projeção ou exteriorização das «cargas» conativas da personalidade, dando ao sujeito um material qualquer com a instrução de elaborar reações por meio de regras imprecisas.

d) Testes factivos – colocam o sujeito numa situação de jogo, pessoal, coletivo, com ou sem limitações, de modo a favorecer a reação das suas tendências.

e) Testes realistas – criam uma situação mais ou menos dramática, de aparência real, que exige por parte do sujeito um comportamento de emergência em condições complexas, onde este deve escolher os meios de saída ou de resposta imediatamente.

Segundo Mira (1949), os mais fiáveis, e isolando as diversas técnicas, serão os questionários e entrevistas, desde que sucessivamente bem orientadas por inquiridores bem preparados, de forma a que se faça o controlo dos resultados. Considera também que os questionários em geral, possuem um valor para diferenciação grupal, mas não permitem um diagnóstico individual preciso.

Um estudo da Universidade do Porto, sobre a utilização dos testes psicológicos (Almeida & Cruz, 1985), manifesta uma atitude de aceitação face ao método dos testes, considerando ser extensível a outros profissionais que não os psicólogos, e ao público em

geral. Esta aceitação está presente na utilização dos vários tipos de testes psicológicos, ainda que estes apareçam valorizados de uma forma diferenciada, consoante os domínios da prática psicológica. De uma forma geral, os psicólogos portugueses mostram-se confiantes quanto ao valor potencial dos testes, valorizando a sua reformulação e adaptação ao invés do abandono.

Eva Heller em «A Psicologia das Cores» (Heller, 2012), menciona os testes de personalidade com cores utilizados para análise de carácter, como o de Lüscher, referindo a sua utilização frequente por médicos – para reconhecimento de problemas cardíacos ou estomacais; por pedagogos – para deteção de problemas escolares e departamentos de recursos humanos – para seleção de candidatos a postos de trabalho.

Lüscher define oito cores, em que cada uma simboliza um domínio sentimental e as suas atribuições correspondem à simbologia cromática:

**Vermelho** simboliza atividade, dinamismo e paixão;

**Azul** simboliza harmonia e satisfação;

**Verde** simboliza a capacidade de se impor e a perseverança;

**Amarelo** simboliza o otimismo e a ambição em progredir;

**Violeta** simboliza vaidade e egocentrismo;

**Castanho** simboliza as necessidades físicas, a sensualidade e o comodismo;

**Cinzento** simboliza a neutralidade;

**Preto** simboliza negação e agressividade.

A série de cores, ordenadas de maior a menor preferência, é interpretada segundo quatro categorias: 1ª e 2ª cores – simbolizam os objetivos da vida da pessoa que faz o teste; 3ª e 4ª cores – simbolizam a situação atual de vida da pessoa; 5ª e 6ª cores – simbolizam tendências latentes, no momento reprimidas; 7ª e 8ª cores – simbolizam sentimentos que vêm sendo totalmente negados.

Heller (2012) refere que as cores são interpretadas por Lüscher do seguinte modo:

Azul – em 1º e 2º lugar, luta por harmonia; em 3º e 4º lugar simboliza uma condição já alcançada de harmonia; em 5º e 6º lugar, o desejo por harmonia não é percebido como realizável no momento; em 7º e 8º lugar, o desejo por harmonia está reprimido.

Vermelho – em 1º e 2º lugar simboliza o desejo por atividade; em 3º e 4º lugar, atividade em ação; em 5º e 6º lugar, atividade reprimida; em 7º e 8º lugar, significa renúncia a qualquer tipo de atividade.

Verde – em 1º e 2º lugar, simboliza o desejo autoafirmação; em 3º e 4º lugar, autoafirmação já conquistada; em 5º e 6º lugar, necessidade de se adaptar; em 7º e 8º lugar, significa dependência.

A interpretação do amarelo varia entre o sentimento de otimismo e o medo da decepção. O preto, o cinzento, o castanho e o violeta, são consideradas cores predominantemente negativas. Se as mesmas não forem apreciadas o resultado é positivo, caso contrário, é negativo. A cor preta apontada como favorita, representa desejo de agressão, nas posições intermédias, significa que essa agressão já foi vivida, depois reprimida e por fim, que a agressividade foi refutada. O violeta, simboliza a transformação de negativo em positivo: como cor predileta e vaidade, seguidamente significa sensibilidade, depois capacidade empática e por fim pouca capacidade empática. O castanho, por sua vez, representa o desejo de satisfazer as necessidades físicas. Já como cor menos apreciada, significa a renúncia às necessidades corporais. O cinzento como predileta, a limitação, como preterida, a predisposição ao contato.

No entanto, segundo Heller, o teste de Lüscher foi visto de forma cética pela psicologia científica, por considerar que as interpretações que o mesmo fez eram demasiado vagas, sendo difícil de distinguir entre o verdadeiro e o falso. No entanto, foi mais tarde aceite pela comunidade científica, caso a pessoa testada pudesse dar esclarecimentos acerca do que quis dizer com as suas respostas, associando as cores escolhidas aos sentimentos que lhe são transmitidos.

Existem, ainda segundo Heller, outros testes de personalidade através da cor. Além do de Lüscher, que utiliza 25 cores, existe também o teste de Frieling de 1961, que tem a pretensão de revelar carácter e destino com base em cartolinas de 23 cores.

Nas pesquisas conduzidas pelo próprio Lüscher, ele citou uma percentagem de inquiridos que citaram o cinzento como a sua cor favorita, o que para ele, demonstrou que os entrevistados não participaram na pesquisa de forma voluntária e queriam ocultar a sua antipatia pelo teste. Essa antipatia +e particularmente forte entre as pessoas que não acreditam em testes baseados em cores. Os resultados de Lüscher são, segundo Heller, com jovens estudantes do sexo masculino entre os vinte e os trinta anos.

## CAPÍTULO 4

### Adolescência e Identidade

#### 4.1 – Traços característicos de um adolescente

A adolescência, é uma fase de desenvolvimento do ser humano, caracterizada por transformações no âmbito orgânico, psicológico, emocional, afetivo, intelectual e social. Sendo um estágio de desenvolvimento da infância para a idade adulta, traz consigo uma série de consequências que o indivíduo carregará consigo pelo resto da sua vida. Todos nós sabemos, e sentimos, a importância que a nossa adolescência teve na nossa vida adulta (Ferracioli, 1999).

Não sendo possível estabelecer uma idade precisa para o início e final da adolescência, sendo que existem diferenças entre: os géneros, os aspetos biológicos, o meio cultural, a condição socioeconómica, entre outras; existem também diferenças individuais, como a idade do início da puberdade e a rapidez no processo de desenvolvimento da mesma. Assim, é correto afirmar-se que a adolescência depende da infância do indivíduo, e do meio que o envolve, como a família, classe social, nível cultural, etc.

A puberdade é marcada pelo início do funcionamento das glândulas sexuais, pelo que é possível afirmar que, na nossa cultura, é abrangida sensivelmente pelo período entre os 12 e os 18 anos. Entre os 13 e os 16 anos, ocorre a transição do pensamento operativo concreto para um pensamento formal abstrato. Aqui, segundo Piaget, o adolescente adquire a capacidade de pensar nas possibilidades a partir das hipóteses, é o raciocínio hipotético-dedutivo. Com o pensamento formal, o adolescente pensa a partir de hipóteses, desenvolvendo novas capacidades de avaliação dos outros e de si próprio. Analisa os dados, formula hipóteses, testa hipóteses, e tem a capacidade de manter várias hipóteses em aberto. Este pensamento formal permite que coloque questões e problemas através da reflexão sobre os seus pensamentos e os dos outros. É através deste estágio de desenvolvimento cognitivo que o adolescente começa a discutir valores e princípios, podendo inclusive construir uma teoria sobre a realidade social em que vive.

Piaget refere-se a este estágio como o estágio do egocentrismo intelectual, pois o adolescente sente-se como sendo o centro de tudo, desenvolvendo um egocentrismo no que respeita às suas teorias, como sendo as únicas corretas. Também as transformações corporais e cognitivas são fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo e construção da sua identidade – na procura do papel sexual, de objetivos profissionais e de realizações pessoais. Aqui, as relações sociais passam a ter uma maior importância que as parentais,

pois são onde o adolescente procura respostas às suas questões. Assim, o adolescente identifica-se com o grupo de pares através de atitudes de conformismo, identificando-se com os mesmos sem os questionar ou criticar, surgindo como uma forma de superar inseguranças, e de se diferenciar dos seus modelos parentais através da rebeldia (Silva, 2019).

#### **4.1.1 – Emoções**

Segundo a Psicologia Clínica e a Psicologia do Desenvolvimento, uma das componentes essenciais do desenvolvimento bem-sucedido é aprender a regular as respostas emocionais e comportamentos relacionados a formas socialmente adequadas e adaptativas (Morris, Silk, Steinberg, Myers, & Robinson, 2007). Apesar da capacidade de regulação emocional constituir, sobretudo, um objeto de investigação em crianças e adultos, a adolescência constitui uma fase do ciclo de vida com particular importância para a avaliação correta dos processos de desenvolvimento do indivíduo sendo as diferentes alterações nos domínios cognitivo, emocional e neurológico, um grande contributo para uma capacidade de utilização de estratégias eficazes de regulação emocional (Steinberg, 2005). Neste estágio de desenvolvimento, os pais constituem-se como importantes agentes de socialização no desenvolvimento emocional dos seus filhos, desempenhando um papel crucial na sua promoção e facilitação.

A adolescência tem sido descrita como um período de desenvolvimento caracterizado pela presença de alterações biológicas características da puberdade, psicológicas e socio contextuais manifestadas por uma reestruturação do ambiente social e dos outros significativos. Em conjunto, estas alterações contribuem para novas experiências de ativação emocional e respostas emocionais mais extremas e intensas, constituindo oportunidades para utilizar e aperfeiçoar as competências de regulação emocional que permitem assegurar o funcionamento de adaptação do indivíduo (Gilbert, 2012). Segundo Hall (1904), a adolescência é também a idade das rápidas flutuações de humor, ou seja, os adolescentes experienciam flutuações nos estados emocionais diários e apresentam tempos de reação mais rápidos na resposta a estímulos emocionais, em comparação com crianças e adultos. Experienciam igualmente um afeto mais negativo, verificando-se um aumento linear da experiência de emoções negativas ao longo da adolescência, e uma diminuição no relato diário de emoções positivas.

As mudanças psicossociais características da adolescência também contribuem para este processo de desenvolvimento de competências regulatórias, pois os adolescentes têm de lidar com novos fatores associados às suas relações sociais, como a realização

académica, as pressões para corresponderem às expectativas dos adultos, assim como uma maior autonomia face ao apoio dos pais na regulação emocional (Bariola, Gullone, & Schweizer, 2011).

No foco de investigação da emoção na adolescência, verificam-se avanços importantes para a compreensão da sua influência na definição de trajetórias desenvolvimentais. A introdução de novas abordagens e conceitos para aumentar a compreensão destes processos, assim como aperfeiçoar os seus aspetos metodológicos, permitem destacar o reconhecimento da importância da família, especialmente dos pais, como agentes de socialização emocional na adolescência e o seu papel no desenvolvimento bem-sucedido dos filhos.

#### **4.1.2 – Motivação**

Toda a aprendizagem é realizada mais depressa quando existe motivação, ou seja, quando existe interesse por um tema. Com motivação, o aluno tem uma atitude ativa e empenhada no processo de aprendizagem, o que o leva a aprender melhor, consolidando as suas aprendizagens. Desta forma, a relação entre a aprendizagem e a motivação é dinâmica, sendo frequente existir interesse e empenho no início da aprendizagem e, sendo igualmente importante, que não exista resistência ao investimento de aprender determinado assunto apenas porque não é considerado interessante, uma vez que a motivação pode ocorrer durante o processo de aprendizagem do mesmo.

Há décadas que, na perspectiva dos professores, se consideram os fatores motivacionais como determinantes do desempenho dos alunos, encontrando-se implícito que as variáveis emocionais, como as motivacionais, assumem um papel essencial, se não o mais essencial, no sucesso académico.

Sendo a adolescência um estágio largamente social, é de uma importância crucial o que os seus pares pensam deles e a sua própria visão como um ser social, objeto da atenção dos outros, o que pode ser um determinante fundamental nas motivações do adolescente e aluno. Desta forma, deve ser reconhecida a ideia de que a motivação para a aprendizagem não é uma manifestação direta e exclusiva da cognição individual, mas sim, a consequência de uma interação complexa e dinâmica entre o pessoal e o social. Como as competências são extremamente valorizadas, o aluno pode experimentar um desejo de não tentar, de fugir, de desistir e de mostrar falta de interesse, ou seja, fica desmotivado. Nas aulas de artes visuais verifica-se constantemente alunos que não querem desenhar, pois consideram que

«não sabem desenhar», perdendo a motivação e fugindo à tentativa, apenas por medo dos resultados não serem satisfatórios a si e aos seus pares.

A aprendizagem, a perceção e a motivação, não atuam, portanto, em separado, e sim num processo de interação entre si, cada uma influenciando e sendo influenciada pelas restantes.

## 4.2 – Ensino das Artes Visuais na adolescência

“Conforme as crianças ganham experiência, elas desenvolvem perícia. Se pudermos motivá-las a persistir nas tarefas, confrontá-las com tarefas de aprendizagem que elas possam dominar e com currículos que desenvolvam seu conhecimento e seu entendimento, estaremos lhes proporcionando uma educação efetiva e válida.” (Wood, 2003)

Na Conferência Mundial de Educação Artística, que decorreu em Lisboa, em 2006, focou-se a necessidade dos governos atuais começarem por reconhecer a educação artística como o principal e primeiro fator de formação para crianças e jovens (Augusto, 2017). No entanto, em Portugal, e durante os três anos do 3º ciclo, a disciplina de Educação Visual viu o seu tempo letivo ser reduzido, na reforma de 2001, e no 9º ano era oferecida como opção, tendo felizmente sido alterada em decreto-lei de 2012, para uma obrigatoriedade de 90 minutos semanais. Apesar da Lei de Bases do Sistema Educativo focar a importância desta área para a formação dos jovens, o atual currículo desvaloriza ainda as capacidades intelectuais e sensoriais desenvolvidas nas artes visuais que podem oferecer ao jovem a oportunidade de se exprimir de forma construtiva. Outra vertente pouco explorada é a transdisciplinaridade e a possibilidade que a área artística tem de coordenar e produzir projetos com outras áreas do saber.

Teresa Eça (2008) defende que é pela prática das artes que são estabelecidas condições para o desenvolvimento da educação cultural. De facto, a educação artística oferece aos jovens a faculdade de aprender através da descoberta, não só as possibilidades que o mundo lhes oferece, como as capacidades e limites de si mesmo, tão pouco exploradas atualmente, verificado pela falta de criatividade cada vez maior, devido à influência da tecnologia. Verificamos também cada vez mais, a perda da importância da escola como lugar predominante para a aquisição de conhecimentos. No entanto, tem de ser a escola a desenvolver a capacidade de transformar informação e conhecimento em espírito crítico para uma plena construção de identidades dos adolescentes e crianças. É pela aprendizagem que se processa através das artes visuais, que se desenvolvem plenamente a reflexão crítica, a

imaginação e a criatividade, e estas faculdades são fundamentais para o desenvolvimento harmonioso e são dos jovens.

Outro entrave ao pleno desenvolvimento criativo é o fato de a cultura visual dos jovens diferir cada vez mais do que é veiculado pela escola. Esta, tem de saber ir ao encontro da realidade visual do adolescente, para torná-la fator de formação, para que, através da transformação de meros espetadores, os alunos possam também eles, serem fazedores e criadores do seu próprio mundo. O fato de a educação artística ter sido sempre vista como um conhecimento não útil e de avaliação subjetiva devido aos seus conteúdos, faz com que ainda hoje se defenda que a arte é uma questão de jeito ou de habilidade. Sendo muitas vezes entendida como um saber informal, a educação artística é assim vista com um carácter lúdico devido muito aos seus objetivos e conteúdos irem ao encontro de experiências agradáveis.

Não sendo encarada como uma área do conhecimento, por muitos, esta é desvalorizada por encarregados de educação, docentes de outras áreas e mesmo pelas entidades responsáveis pela organização curricular. A disciplina de Educação Visual, é tradicionalmente associada apenas ao saber desenhar, tendo, no entanto, como objetivos específicos, o desenvolvimento da capacidade de ver e de comunicar, para que o aluno possa selecionar e interpretar o que existe à sua volta. O ato de desenhar, é inerente à capacidade de interpretar o que se vê, e tem de estar associado ao saber ver, à criatividade e à sensibilidade estética, competências fundamentais da área artística.

Para uma maior compreensão do desenvolvimento estético e artístico do aluno adolescente, é importante referir os estádios de desenvolvimento das crianças e jovens apresentados por Parsons (1992). Para Parsons, geralmente os adolescentes encontram-se no terceiro estágio, sendo este marcado pelo sentimento e intenção. Neste estágio, o realismo perde o protagonismo, fazendo-se vigorar a expressividade que as obras artísticas podem oferecer, e o jovem não se contenta com o teor estético ou com o tema da obra, existindo sim uma inquietação que o faz interrogar-se sobre os motivos e as intenções do artista para a realização da obra. A mensagem e a emoção são os conceitos que o adolescente procura. O autor refere ainda um quarto e quinto estágio, no entanto, nem todas as pessoas os atingem, pois existem aprendizagens diferentes a partir do terceiro estágio e a idade deixa de ser um fator preponderante, dependendo essencialmente da capacidade sensorial e do conhecimento de cada indivíduo.

Concluindo, e relativamente à fase da adolescência, os jovens têm um ponto de vista particular, onde o realismo não é o único aspeto a ter em conta, e as inquietações e os sentimentos dos adolescentes passam a ter um valor especial no entendimento e concretização dos seus trabalhos. Os alunos nesta faixa etária apresentam muitas incertezas face às escolhas dos temas e ao enquadramento estético dos seus trabalhos, pois não se

contentando com uma mera produção realista, procuram representar e demonstrar os seus sentimentos e inquietações, partindo de elementos que os inspiram no seu quotidiano.

## CAPÍTULO 5

### Orientação Vocacional

#### 5.1 – A orientação vocacional para o ensino secundário e vida profissional

A adolescência sendo uma fase de desenvolvimento humano na qual ocorrem diversas mudanças, é um momento da vida do indivíduo de elevada importância para os processos de desenvolvimento e de escolha vocacional. Assim, apesar de alguns adolescentes demonstrarem certas atitudes e comportamentos vocacionais que facilitam a autodeterminação e avanço nas decisões de carreira, existem outros que vivem as transições vocacionais com enormes dificuldades (mudanças de curso, reprovações, entre outras), necessitando de um maior apoio vocacional.

Na sociedade atual, fazer uma escolha vocacional e ou profissional não é uma decisão tomada num só momento, e sim um processo que envolve pequenas e grandes decisões, que se relacionam entre si, de forma a definir uma trajetória individual de desenvolvimento de carreira. O processo de tomada de decisão vocacional começa desde cedo, isto é, a partir dos primeiros três ou quatro anos de vida (Super, 1980), quando se torna visível a resposta da criança à pergunta «O que queres ser quando cresceres?». Assim, as decisões de carreira que o indivíduo faz, começam em primeiro lugar com as fantasias de carreira que a criança tem, a partir da exploração do ambiente e da identificação com os adultos, continuando através da adolescência e da idade adulta, envolvendo uma complexa síntese de componentes pessoais, sociais e ambientais (Emmerling & Cherniss, 2003). É um processo progressivo de construção identitária, para o qual, o domínio da exploração e das escolhas vocacionais contribuem significativamente (Taveira, 2000).

No século XXI, os papéis e funções dos trabalhadores tornaram-se cada vez mais fluídos, e o conceito de carreira está constantemente em mudança. Desta forma, as mudanças na economia e nas profissões, exigem que os adolescentes se preparem para as novas realidades do mercado de trabalho, desenvolvendo competências fortes de tomadas de decisão relacionadas com a carreira, que se quer que seja construída ao longo de toda a vida, com base nas melhores remunerações e melhor qualidade de vida.

Neste sentido, o ensino secundário torna-se um dos momentos em que os adolescentes começam a tomar decisões importantes sobre os seus percursos educativos e de carreira, bem como a identificar as suas motivações e a definir os seus objetivos profissionais. É, portanto, imperativo, que os jovens desenvolvam competências a tomarem

decisões de carreira e a definirem as opções viáveis para as suas futuras carreiras (Lapan, 2004). As metas de carreira opcionais e viáveis, podem ser definidas como objetivos, com os quais os adolescentes se comprometem ativamente a alcançar, e que podem ser alcançados mediante uma série de passos bem definidos (Taylor & Popma, 1990). Apesar disso, muitos adolescentes não têm as competências necessárias para tomar decisões relacionadas com a carreira, e, portanto, o processo de decisão de carreira poderá não estar ativado para o alcance dessas metas viáveis e satisfatórias.

A definição de objetivos é assim um importante passo para o desenvolvimento dos adolescentes, mas estes, podem ter de enfrentar inúmeras barreiras na tentativa de definir e atingir os seus objetivos de carreira, como os níveis de pobreza e o fraco acesso aos recursos escolares. Estes adolescentes não podem, desta forma, desenvolver o conjunto de competências adequadas necessárias para atingirem os seus objetivos profissionais e pessoais. Sendo assim, existe uma grande necessidade de intervenção no desenvolvimento da carreira e na escolha da mesma, que apoiem e facilitem a capacidade de os estudantes tomarem decisões académicas, tendo em vista um percurso profissional que vá de encontro às suas motivações.

Diversos autores têm discutido questões relativas ao papel e às falhas da escola na preparação dos jovens para o mundo profissional (Filmus, Kaplan, 2002; Magalhães & Redivo, 1998; Ramos & Lima, 1996; Sarriera & Verdin, 1996). A escola tem dado muito destaque à aprovação dos seus alunos (como vimos recentemente com a norma de aprovação até ao final do 3º ciclo), o que tem vindo a empobrecer o estímulo para o comportamento exploratório e o desenvolvimento de projetos vocacionais de modo eficaz e esclarecido. De acordo com Lassance (1993), a entrada na universidade tem sido vista como um percurso natural, assumida pelos jovens que terminam o ensino secundário. Neste sentido, a escolha de um curso universitário acaba, muitas vezes, por ser feita sem a exploração vocacional suficiente e sem a definição de um projeto vocacional realista, fazendo com que as escolhas vocacionais dos jovens sejam realizadas com base na fantasia e em estereótipos de sucesso monetário. De realçar a experiência com a turma da Prática Supervisionada, uma turma de 12º ano de escolaridade do curso de Artes Visuais, de Prosseguimento de Estudos, em que, a maioria dos alunos, ou não sabia qual seria a opção de curso superior a que iria concorrer e seguir, ou a sua opção se distanciava totalmente do percurso académico até então realizado, como por exemplo, a advocacia. De salientar, mais uma vez, que as mudanças nos papéis sociais e os processos de desenvolvimento e escolha vocacional ocorrem dentro de um dado contexto sociocultural, no qual o jovem está inserido, e vai de encontro à aceitação pelos seus pares e familiares.

Neste contexto, Gati e Osipow (1998), indicam que alguns fatores motivacionais e da personalidade, influenciam os adolescentes na tomada de decisão de carreira e enfatizam que este processo tem as mesmas características que qualquer outro processo decisivo. Os mesmos autores, destacam ainda que o referido processo envolve a comparação e a avaliação de alternativas, tendo em conta os fatores que o influenciam, escolhendo o que acham mais apropriado para si próprios a partir das várias possibilidades de carreira.

Na literatura vocacional, e fora dela, reconhecem-se os valores como um outro importante componente da orientação e do desenvolvimento da carreira e da vida, sobretudo a partir dos anos intermédios da adolescência. Os valores são assim considerados, como os sentimentos, as cognições, as experiências e as emoções de cada indivíduo. Embora esta visão determine que os valores são parte integrante do indivíduo, esse fator não ajuda a especificar a sua natureza. Para este efeito, enquanto os animais agem por instinto e são pré-programados a responder a estímulos, os humanos agem de livre vontade e escolhem como responder aos estímulos de acordo com os seus valores (Rokeach, 1973). Ou seja, os valores humanos são de fato determinantes importantes nas escolhas pessoais. Por outras palavras, os valores são padrões cognitivos e pessoais em relação ao que o indivíduo deseja ser, aquilo que para ele é importante e desejado, ou desejável, tendo em conta as normas de conduta pessoal e socialmente aceitáveis (Westwood, 1997).

Segundo Hodgkinson (1996) e o seu modelo de análise que representa as diferentes fontes dos valores que têm potencial para influenciar um indivíduo, os valores culturais externos são aqueles que se relacionam com o ambiente mais geral, incluindo os relacionados com os valores implícitos e explícitos da cultura global, tais como os promovidos pelos sistemas políticos e sociais. Abaixo destes, encontram-se os valores subculturais e culturais, ou seja, os valores dos ambientes nos quais a pessoa vive e trabalha, sendo os primeiros associados ao ambiente imediato do indivíduo e aos componentes relevantes nos contactos sociais, modificando e modulando a cultura geral deste. Os valores organizacionais, ou de grupo, estão associados ao dia-a-dia do indivíduo e no trabalho. Os valores do grupo, são aqueles promovidos por outras pessoas com que o indivíduo tem alguma associação formal. Estes, estão orientados para os valores do grupo de trabalho ou grupo social a que o sujeito pertence. Por último, o núcleo dos valores pessoais, representa as orientações de valores pessoais já inculcados no indivíduo através das observações pessoais, experiências e influências, onde o indivíduo desenvolve as suas preferências sobre o que será melhor para si. Segundo o autor, estes valores, têm como objetivo maximizar o bem-estar individual, e são os que mais influenciam e formam os indivíduos. Assim, a fonte de valores pessoais é vista neste modelo como o centro, mostrando que os valores pessoais antecedem todas as outras fontes de valores.



Figura 4- Diagrama das diversas fontes de valores. Adaptado de Hodgkinson (1996).

Os valores pessoais, são assim as preferências individualmente selecionadas para alcançar o sucesso e influenciam o comportamento dos indivíduos em todos os aspetos das suas atividades diárias. Desta forma, dentro de cada visão específica do mundo, cada indivíduo pode atribuir valores diferentes à mesma experiência (Brandt, 1996). Nas teorias de desenvolvimento de carreira, os valores relacionam-se e influenciam muitos outros aspetos importantes, como os interesses, as atitudes, os objetivos, crenças, a ética, as normas e os critérios de decisão.

Apesar dos valores fazerem parte destas teorias, têm recebido pouca atenção no planeamento e desenvolvimento da carreira. Assim, a educação e orientação vocacional por parte dos professores e da escola, pode influenciar os vários setores de valores, contribuindo para o desenvolvimento dos valores pessoais. De fato, tendo em conta a instabilidade e a imprevisibilidade que caracterizam o atual mercado de trabalho, a construção e o planeamento da carreira, exige aos adolescentes uma atitude de exploração e autoconhecimento. Além disso, nesta era de aprendizagem ao longo da vida, um dos objetivos das intervenções vocacionais com adolescentes, poder ser, precisamente, ajudar o indivíduo a conhecer-se melhor, ter consciência das suas capacidades e a atualizar continuamente as suas competências no sentido de construir e manter a sua empregabilidade.

Para Savickas (2004), a construção da carreira caracteriza-se de acordo com uma perspetiva contextual e teoricamente inclusiva, tendo em conta os tipos de personalidade vocacional (e.g., capacidades, necessidades, valores e interesses dos indivíduos, relacionados com a carreira), encarados como possibilidades. Assim, uma compreensão dos valores pessoais pode aumentar a consciência do que constitui a conceção do processo decisivo do indivíduo.

## 5.2 – Testes Psicotécnicos

Em tempos, o estilo de vida e as profissões de cada geração eram semelhantes às dos seus pais. As pessoas informavam-se e aprendiam as atividades ligadas ao seu futuro, no ambiente familiar ou na sua comunidade, e somente os mais audazes se preocupavam em atividades alternativas para a sua vida profissional. Até então, a ideia de se recorrer a uma ajuda especializada em termos de dúvidas ou transição profissional parecia desnecessária (Law & Watts, 1977). Com a industrialização dos países desenvolvidos, tornou-se necessário o encaminhamento correto do indivíduo para a sua atividade: a Orientação Vocacional.

Para Sampson, Peterson, Lenz e Reardon (1992), os objetivos da orientação vocacional eram:

- a) avaliar atributos pessoais, tais como, interesses, capacidades e competências, a partir de escalas, questionários ou testes;
- b) relacionar atributos pessoais com os atributos exigidos pelas profissões existentes no mercado;
- c) identificar e enunciar alternativas vocacionais para facilitar um processo inevitável de tomada de decisões.

Segundo Andriola (1993), é comum em Portugal a utilização de testes com o objetivo da orientação vocacional. Almeida (1986), construiu uma Bateria de Raciocínio Diferencial (BPRD), destinada a alunos de nível secundário, composta por cinco subtestes (verbal, numérico, espacial, mecânico e abstrato), com o duplo objetivo de (1) prever o desempenho escolar dos estudantes a partir dos resultados dos testes e (2) auxiliar os estudantes na escolha da futura profissão a partir das suas aptidões intelectuais. No estudo de verificação da relação entre os resultados escolares e os resultados da BPRD, o autor verificou que os alunos com melhores resultados na BPRD apresentavam também classificações escolares mais elevadas, uma menor taxa de insucesso escolar e um menor número de reprovações escolares em anos anteriores. A elaboração das normas da BPRD, foi assim totalmente direcionada aos jovens, utilizando-se para isso, uma amostra de 13.076 estudantes do ensino secundário de Portugal.

Assim, atualmente existem testes totalmente desenvolvidos e que enfatizam os parâmetros psicotécnicos para uma boa orientação vocacional, de forma a que possam ser identificados os interesses e aptidões naturais dos indivíduos, tendo em conta o prosseguimento de estudos e desenvolvimento da carreira.

Deste ponto de vista, os jovens são encaminhados para as ofertas de desenvolvimento de carreira, mediante os objetivos, os requisitos de acesso, de frequência, de avaliação e de certificação das principais ofertas de formação de nível secundário – cursos gerais, tecnológicos, profissionais, artísticos especializados, de aprendizagem de nível III e recorrentes. Ora, a função personalizadora da orientação vocacional, constrói-se neste complexo ponto de confluência de diferentes forças e opções, em que as aprendizagens escolares tomam um sentido próprio na medida em que criam as condições segundo as quais, as características pessoais dos alunos se vão estruturando: competências e aptidões, interesses e gostos, valores, entre outros, que ao mesmo tempo vão contribuindo para a construção do conceito de si próprio.

Aqui, também o professor tem uma função personalizadora da orientação vocacional e dos testes psicométricos, uma vez que pode concretizar num primeiro nível, duas dimensões: a da criação das condições facilitadoras da aprendizagem dos alunos, e a da sua integração pessoal ( o que significam para o aluno, que valor lhes atribui, que sentimentos desencadeiam, que interesse têm para o seu futuro pessoal e profissional). De forma a materializar tais preocupações seria necessário uma consciência, uma praxis diferente do papel dos professores e uma organização intencional da escola e do seu projeto educativo para responder a estes desafios, de forma a que facilitem uma intervenção educativa suscetível de abertura à comunidade e ao mundo do trabalho, da consciencialização do seu próprio currículo oculto e da oferta, sistemática e contínua, e de possibilidade de exploração da realidade no sentido do alargamento do leque de alternativas de opção para os alunos.

## **PARTE II**

### **PARTE EMPÍRICA**

## CAPÍTULO 6

### Problemática e Metodologia

#### 6.1 – Problemática e questões de partida

A formulação do problema da investigação refletida na presente dissertação, emerge de algumas interrogações que me têm surgido ao longo de vários anos de ensino, e associadas à minha experiência enquanto professora estagiária de uma turma do 12º ano de artes visuais.

Tem-me sido sempre de certa forma evidente que a sala de aula para os professores, representa um conjunto de desafios que o docente tem de solucionar a cada instante. Desafios que se prendem cada vez mais, com questões comportamentais, com dificuldades de aprendizagem, com questões do foro psicológico ou emocional, questões diretamente relacionadas com o contexto socioeconómico em que o aluno está inserido, e com questões motivacionais e vocacionais. Estas últimas, de extrema importância, pois refletem a falta de aptidão que muitos alunos sentem ter para as artes plásticas, e infelizmente, refletem também as ideologias transmitidas pelo contexto familiar, de que a área artística não é importante, e por tal, ou o esforço não tem de corresponder às expectativas, ou o esforço não é necessário por se tornar uma área de relativo sucesso escolar.

O tema e a problemática desta investigação recaem na interseção de dois desses campos de estudo analisados: a motivação dos alunos no ensino secundário e a qualidade do ensino-aprendizagem. Corroborando o ponto de vista de Ostrower, Moreira e Eisner, é possível afirmar-se que a educação artística, e outras, no ensino secundário se encontra perante um estado de desvalorização do indivíduo e da sua vocação.

Importa contextualizar o campo de ação onde decorreu o exercício da Prática de Ensino Supervisionada, a forma como foi vivenciada, as características da escola e as particularidades dos constituintes da turma, com os quais se desenvolveu a prática letiva, para melhor se entender a motivação deste estudo.

Assim, a fase empírica desta investigação decorre no âmbito da disciplina de Oficina de Artes da turma de 12º ano (12º F) na Escola Secundária de Albufeira, no ano letivo 2018/2019. Este agrupamento, pela sua localização geográfica, acolhe uma população escolar multicultural, com diferenças étnicas, sociais e económicas. No decorrer da observação de aulas no 1º Período, foi detetada bastante falta de empenho e interesse pela maior parte dos alunos da turma referida. Ao longo dos 2º e 3º períodos, com a lecionação de várias unidades didáticas, foi verificada alguma rigidez dos alunos na compreensão de

matizes, nos seus conceitos de arte ou estética, revelando uma certa falta de educação artística e literacia visual não expectáveis para esse nível de escolaridade. Ainda que no final do 3º período tenha sido observado um aumento da mestria dos alunos em relação a atividades propostas, um maior empenho e persistência em atingir os objetivos propostos e um aumento da capacidade de compreensão do mundo artístico, através da criação, expressão, observação e reflexão pelos próprios, foi igualmente verificado um não prosseguimento de estudos na área artística pela maior parte dos alunos da turma, demonstrando inclusive um quase total desprovimento de sentimento artístico que tão bem caracteriza os alunos e professores da área.

Consequentemente, surgiu a necessidade de estudar os tipos de perfil dos adolescentes no 12º ano de escolaridade, numa tentativa de delinear as diferenças nos padrões comportamentais que são consistentes de um perfil de personalidade de alunos que escolhem a área artística. Observando a investigação sobre a natureza da personalidade, verificou-se que Carl Jung acreditava no poder simbólico da cor, incentivando os seus pacientes a utilizar a cor de forma espontânea para os ajudar a expressar a sua personalidade. Por sua vez, Max Lüscher aplicou também a cor na sua investigação, associando determinadas cores ao funcionamento psicológico do tipo de personalidade, acreditando que as mesmas têm um valor emocional e que a reação de uma pessoa à cor, revela os seus traços de personalidade básicos. A sua investigação forneceu provas conclusivas de que cores específicas criam a mesma reação psicológica, emocional e fisiológica em cada pessoa. Surgiu assim, por sugestão do Professor Doutor Óscar de Sousa, a leitura do livro “A Cor da Sua Personalidade”, da autora Carol Ritberger, que, trabalhando com a mesma premissa de Lüscher, desenvolveu um teste de cor que podia ser utilizado como meio de identificar quatro tipos de personalidade diferentes.

A partir daqui, surgiu a questão de partida – Existe relação entre o perfil de personalidade e de cor, como afirma a investigadora e médica Dr.<sup>a</sup> Carol Ritberger? – e muitas outras questões se seguiram: qual o perfil de cor de personalidade em maioria numa turma de artes; quais os perfis de cor de personalidade numa turma da área de ciências; e qual a sua relação? – será que os alunos de artes são mais emotivos e instintivos que os alunos de letras ou de ciências? – porque associam os estudantes de artes ao tipo de aluno “esquisito” e “extravagante”? – estas são algumas das questões colocadas à pesquisa, não sendo, ainda assim, a minha intenção catalogar as turmas de uma escola, mas sim, identificar padrões de comportamento previsíveis comuns, de forma a que se possam criar ferramentas de trabalho para a classe docente, e orientar corretamente os adolescentes à área de estudo para a qual têm maior aptidão escolar, tentando de certa forma combater o desinteresse e a desmotivação que se verifica nos alunos de artes, e outros, que os leva a não terem o sucesso escolar que

desejariam, a desistir do prosseguimento de estudos ou de sentirem necessidade de retroceder nos estudos de forma a mudarem de área dos mesmos.

## 6.2 – Metodologia dum estudo de caráter exploratório

Citando Vasconcelos et al. (2017, p.1), com fundamentação no pensamento de Dewey, “o papel do professor é cada vez mais um papel crítico, reflexivo e colaborativo na melhoria das práticas escolares, e tem vindo a ganhar relevância no contexto escolar, com o conceito de professor investigador”.

Assim, a investigação tem vindo a demonstrar uma enorme aplicação no campo educativo, criando uma parte importante, se não essencial, da formação de professores tanto investigadores como estagiários, na melhoria do ensino e da aprendizagem, na ligação da teoria à prática e no papel emancipatório dos professores.

Para este estudo foi adotada uma metodologia de investigação de cariz qualitativo (interpretativo) – a investigação como estudo exploratório aprofundado que permite encontrar as linhas de orientação adequadas, através da aplicação de um inquérito em meio escolar. Segundo Quivy e Campenhoudt (2005), o trabalho de investigação tem de respeitar uma sequência metodológica, assente num quadro teórico, que permita o desenvolvimento do processo de verificação empírica.

Como referido anteriormente, este estudo pretende delinear as diferenças nos padrões comportamentais que são consistentes de um perfil de personalidade de alunos que escolhem diferentes áreas de estudo, proporcionando aos docentes e profissionais da educação uma melhor compreensão do perfil do estudante do ensino secundário, podendo inclusive tornar-se uma ferramenta estrutural para a forma como os alunos são abordados e conduzidos a explorar os seus talentos naturais, forças e capacidades, esperando que a mesma possa vir a constituir um conhecimento valioso em relação à compreensão das diferenças entre alunos, e a uma mais pormenorizada identificação das necessidades de recursos pedagógicos específicos, requeridos para uma melhor aprendizagem na área artística do ensino básico e secundário. Assim, a fórmula utilizada no inquérito aplicado aos estudantes, é a fórmula tipo de quatro cores, que comprovadamente cria consciência das diferenças entre pessoas, e nesta investigação, das diferenças entre os vários estudantes que escolhem áreas científico-humanísticas como áreas de formação secundária e conseqüentemente, respetiva vida profissional.

Em última análise, tentou-se relacionar os dados obtidos, de forma a permitir coerência com o objeto de investigação e garantir a validade da investigação em estudo.

## 6.2.1 – Recolha de dados

A recolha de dados do presente estudo, realizou-se através do inquérito nº 0686200001, autorizado pela Direção-Geral da Educação do Ministério da Educação e Ciência (Quintino, 2019), entre o dia 1 de maio e o dia 5 de junho de 2019.

Foi distribuído por mim em cada turma, no dia e tempo letivo determinado pelo Diretor da respetiva turma, na presença do mesmo, após a autorização escrita do encarregado de educação dos alunos menores de idade e de autorização escrita dos alunos maiores de idade, para a utilização anónima dos dados recolhidos.

Dimensão da amostra e modo de seleção das unidades amostrais:

- a) Escola Secundária de Albufeira, Agrupamento de Escolas de Albufeira Poente, Albufeira, distrito de Faro;
- b) 12º A – Curso de Ciências e Tecnologias – 30 alunos
- c) 12º C – Curso de Línguas e Humanidades – 27 alunos
- d) 12º F – Curso de Artes Visuais – 21 alunos
- e) 12º G – Curso de Socioeconómico – 24 alunos

Foi assim realizado um inquérito baseado no Teste de Indicador de Cor de Personalidade (ICP) criado pela Dr.<sup>a</sup> Carol Ritberger, aplicado aos alunos do 12º ano de escolaridade de cada uma das áreas Científico-Humanísticas (Cursos de Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades e Artes Visuais), e um inquérito aos diretores de cada turma, de forma a aferir se os resultados caracterizavam a turma do seu ponto de vista.

Este inquérito, procura aferir por parte dos alunos, numa abordagem de cariz reflexivo, qual o funcionamento da sua personalidade central e como esse funcionamento afeta a ligação de comunicação entre a mente e o corpo, especificamente os sistemas endócrino e nervoso. A sua finalidade principal é identificar os traços centrais da personalidade, na medida em que se relacionam com os processos de recolha de informação e tomada de decisões. É também seu objetivo delinear as diferenças nos padrões comportamentais que são consistentes de um tipo de personalidade em relação a outro, permitindo que o indivíduo se veja através da perspetiva da cor, transmitindo-nos uma melhor compreensão do porquê do indivíduo pensar e agir da forma que o faz, e como pode abordar e utilizar os seus talentos naturais, as suas forças e capacidades. O ICP identifica assim características e traços de personalidade predominantes, classificando-as em quatro categorias de cor: vermelha, cor-

de-laranja, amarela e verde. Foi solicitado aos alunos que respondessem de forma instintiva, evitando tornar-se analítico ou subjetivo, sem efetuar as escolhas com base na forma em que pretendiam ser vistos pelo outro, tendo em conta que não existem respostas corretas ou erradas, e que em cada uma das declarações, caso concordassem com a mesma, acreditando que representava os seus padrões mais frequentes e habituais, fizesse um círculo em torno da letra à esquerda. Caso não concordassem, deveriam avançar para a seguinte declaração.

Após a realização dos inquéritos, para aferir o tipo de cor de personalidade, foram contadas as quantidades de respostas A, B, C e D. Posteriormente, adicionadas da seguinte forma: A e C – correspondente ao perfil de cor vermelha; B e C – correspondente ao perfil de cor amarela; A e D – correspondente ao perfil de cor-de-laranja e B e D – correspondente ao perfil de cor verde (Apêndice I).

- |  |
|--|
| <p>B 28. Gosto de ouvir ideias novas e explorar o potencial em vez de lidar com o trivial.</p> <p>B 29. Prefiro criar com a mente do que produzir com as mãos.</p> <p>A 30. Confrontado com um problema, reajo rapidamente em vez de refletir sobre ele antes de agir.</p> <p>D 31. Prefiro suprimir os meus sentimentos a magoar os sentimentos de outros.</p> <p>D 32. Faço esforços pelas pessoas e procuro satisfazer as suas necessidades, mesmo às minhas custas.</p> <p>C 33. Não mostro os meus sentimentos facilmente e já me disseram que não me dou a conhecer.</p> |
|--|

*Figura 5 – Amostra do Indicador de Cor de Personalidade, Rittberger.*

A pontuação numérica mais elevada demonstrou a predisposição do aluno para esse tipo de cor em particular, sendo que caso a pontuação fosse especialmente elevada no seu tipo de cor, indica que o indivíduo é fortemente influenciado pelas características e padrões de comportamento associados a esse tipo. Se os valores estiverem próximos ou iguais, indicam flexibilidade dentro do seu tipo. Rittberger refere ainda que, caso o tipo de cor seja o verde, é possível que existam valores próximos a outras cores, pois o tipo de cor personalidade verde é camaleónica nos níveis da personalidade. Também refere que não é invulgar os valores verde e cor-de-laranja estarem próximos, sendo que ambos tomam decisões com base em emoções. O mesmo se aplica aos vermelhos e amarelos, uma vez que ambos tomam decisões com base na lógica. (Anexo I – Inquérito de Indicador de Cor de Personalidade)

### 6.3 – Caracterização das turmas e objetos de estudo

O presente estudo foi realizado numa escola secundária, de ensino oficial gratuito, no concelho de Albufeira, distrito de Faro – Escola Secundária de Albufeira – que pertence e é a sede do Agrupamento de Escolas de Albufeira Poente, composto por 8 estabelecimentos de ensino, desde o 1º ciclo ao ensino secundário. A população escolar ronda os 1052 alunos, é heterogénea e multicultural, e integra alunos naturais das freguesias do concelho, alunos de etnia cigana, alunos provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), alunos oriundos de diferentes pontos de Portugal e alunos estrangeiros procedentes de diversas nações, principalmente do Leste Europeu.

<b>Ano e Turma</b>	<b>Curso</b>	<b>Total de Alunos da turma</b>	<b>Total de Alunos inquiridos</b>	<b>Total de Alunos do sexo masculino</b>	<b>Total de Alunos do sexo feminino</b>
<b>12º A</b>	<b>Ciências e Tecnologias</b>	30	16	8	8
<b>12º C</b>	<b>Línguas e Humanidades</b>	27	20	4	16
<b>12º F</b>	<b>Artes Visuais</b>	21	18	6	12
<b>12º G</b>	<b>Socioeconómico</b>	24	15	10	5

*Tabela 2- Caracterização da amostra por turma, aquando a aplicação do inquérito*

A turma A do 12º ano de escolaridade, pertencente ao Curso de Ciências e Tecnologias, tinha um total de trinta alunos. Desse total, dezasseis alunos (oito do sexo masculino e oito do sexo feminino) responderam ao inquérito. A turma C do 12º ano, pertence ao Curso de Línguas e Humanidades, com um total de vinte e sete alunos. Desse total, vinte responderam ao inquérito (quatro do sexo masculino e dezasseis do sexo feminino). A turma F do 12º ano, corresponde ao Curso de Artes Visuais. De um total de vinte e um alunos, responderam ao inquérito dezoito (seis do sexo masculino e doze do sexo feminino). Por fim, a turma G do 12º ano do Curso de Socioeconómico, com um total de vinte e quatro alunos. Desse total, quinze alunos responderam ao inquérito (dez do sexo masculino e cinco do sexo feminino).

A média de idades das quatro turmas é de dezassete anos. Os motivos apresentados pelos Diretores de Turma para a não realização dos inquéritos pelos restantes alunos foram por faltas de presença ou por falta de entrega da autorização de cedência de dados.

As turmas foram selecionadas por mim e pela Direção da escola para a realização dos inquéritos, tendo em conta o maior número de alunos por turma, não sendo, nos casos dos cursos de Línguas e Humanidades e Ciências e Tecnologias, as únicas turmas dos respetivos cursos. As turmas dos cursos de Ciências e Tecnologias e Socioeconómico, foram as turmas onde os alunos mostraram menos interesse e empenho a responder ao questionário, demonstrando alguma desconsideração pelo mesmo. As turmas dos cursos de Línguas e Humanidades e Artes Visuais, demonstraram um grande interesse e motivação, colocando-me inclusive questões acerca do efeito psicológico das cores no ser humano, e lendo os resultados das características do seu respetivo perfil de personalidade-cor com bastante curiosidade e motivação.

O instrumento de análise foi desenvolvido pela autora Carol Ritberger, ao longo de dezoito anos de investigação sobre a forma como a personalidade, a tensão e as emoções contribuem para a formação de doenças no corpo humano (Ritberger, 2011, pp. 5-6). Ritberger, quis saber qual o fator diferenciador e chegou à conclusão que era a personalidade. Aí, investigou as teorias sobre a personalidade, desde Hipócrates, Freud e Jung, confirmando, segundo Jung, que o comportamento dos indivíduos não era aleatório e sim previsível, e como tal, poderia ser classificado e observado. Verificou também que Jung, defendeu à semelhança de Hipócrates, existirem quatro tipos de personalidade, dominados por quatro modos de funcionamento psicológico distintos: pensamento, sentimento, sensação e intuição. Desde esses primeiros estudos de investigação, surgiram outros mais alargados para uma maior compreensão da forma como a mente influencia o nosso bem-estar físico e psicológico. A autora refere ainda que “a psiconeuroimunologia, o estudo da forma como as emoções afetam o sistema imunitário, indica que as pessoas dominadas por pensamentos negativos ou que têm uma visão negativa da vida são mais suscetíveis à formação de cancro” (Ritberger, 2011, p. 26), comparando este caso às pessoas que têm uma atitude positiva, e conseqüentemente sistemas imunitários mais fortes, e, confirmando que a sua investigação chegou às mesmas constatações – a existência de uma ligação direta entre a personalidade, o sistema de energia humano e o bem-estar.

Ao compreender estes padrões, identificou também os pontos fracos de cada tipo de padrão/personalidade, determinados por padrões psicológicos e emocionais do indivíduo. Assim, a autora verificou que ao identificar esses pontos fracos, conseguia fazê-los corresponder ao ponto fraco biológico, conseguindo detetar a origem das doenças dos indivíduos, descobrindo que o ponto fraco de cada tipo de personalidade parecia ser mais

sensível a desequilíbrios químicos do que qualquer parte do corpo, justificando tal com o controlo que os traços dessa personalidade têm sobre o funcionamento psicológico e como esse funcionamento afeta a bioquímica do cérebro (Ritberger, 2011, p. 28). A sua investigação permitiu-lhe concluir que, cada um dos quatro tipos de personalidade é determinado pela sua codificação genética e que essa codificação forma as ligações neurológicas, determinando a preferência do indivíduo por um funcionamento psicológico específico e como esse funcionamento cria os padrões de comportamento. Ritberger refere no seu livro, um estudo de caso com uma jovem de 25 anos do sexo feminino, em que o seu padrão de comportamento influenciava e criava dores físicas, e em como o seu padrão de comportamento a colocavam em risco de desenvolver algum tipo de doença no seu ponto fraco. Essa tensão e desequilíbrio químico acumulou-se na parte inferior das costas e criou tanta tensão muscular que a pressão na coluna criou um desalinhamento.

Ritberger, refere que por situações semelhantes, os médicos estão cada vez mais a incentivar os pacientes a consultar psicólogos e terapeutas holísticos, por os mesmos ajudarem o paciente a compreender a ligação entre a sua mente e o seu corpo, de forma a que consigam alterar padrões de comportamento que prejudiquem a sua saúde física.

A autora criou assim este Teste de Indicador de Personalidade, para que o mesmo possa ajudar o leitor a identificar o seu padrão de comportamento, e para que ele mesmo possa identificar as suas peculiaridades e imperfeições enquanto indivíduo e, se necessário, alterar os hábitos que o possam prejudicar ou para os quais tem tendência. Ritberger espera assim que este teste ajude o indivíduo a “reconhecer, compreender e utilizar as forças da sua personalidade de forma a maximizar as suas capacidades e talentos inatos” (Ritberger, 2011, p. 35). Remete ainda a utilização da cor e a sua relação à personalidade no seu teste, aos estudos de Jung e Lüscher que aplicaram as cores ao funcionamento psicológico dos tipos de personalidade referindo ter aprofundado mais os estudos da relação entre cor e personalidade do teste de Lüscher. Assim, refere que as cores que utilizou, vermelho, cor-de-laranja, amarelo e verde, representam os quatro tipos de personalidade e a totalidade de cada padrão previsível no tipo de personalidade. Seguidamente, associou as quatro cores às cores do sistema de energia humano, correlacionando os seus efeitos psicológicos e fisiológicos, confirmando a correlação existente. Utilizou depois as constatações de Jung, de que o funcionamento psicológico se divide em quatro categorias, e a cada uma aplicou a cor do sistema de energia humano a que correspondia o comportamento organizador dominante (Ritberger, 2011).

Ritberger, refere desta forma, que a fórmula por si apresentada neste teste é a síntese de todos os aspetos diferentes de quem somos: energeticamente, emocionalmente, mentalmente e fisicamente, destinando-se a proporcionar um modelo abrangente de

autoidentidade e auto-orientação. O Indicador de Cor de Personalidade (ICP) que Ritberger utiliza, delinea os fatores de introversão e extroversão que influenciam a forma como as pessoas interagem e se exprimem, tendo como referência o funcionamento da personalidade central do indivíduo e em como esse funcionamento afeta a ligação de comunicação entre a mente e o corpo, e especificamente, os sistemas endócrinos e nervoso. A autora refere ainda ter descoberto que as pessoas não conseguem operar fora da sua cor central por um período de tempo prolongado, sem sofrer uma sensação de confusão ou desequilíbrio.

Neste ICP, Ritberger solicita ao inquirido que responda às sessenta questões colocadas por instinto, com a primeira reação, sem se preocupar com o fato da resposta dada ser correta ou errada, evitando tornar-se analítico ou subjetivo, e que não efetue as suas escolhas com o que acha que os outros poderão considerar correto.

#### **6.4. Procedimentos**

Procedemos seguidamente à análise essencialmente descritiva e qualitativa dos resultados.

Como um dos objetivos desta investigação é recolher informações sobre a maioria de cores de personalidade por área de estudos, optámos por aplicar o Indicador de Cor de Personalidade criado pela autora Carol Ritberger, a uma turma finalista de cada curso, conforme referido anteriormente.

Foi apresentado o pedido de autorização no dia 15 de abril do presente ano, à Comissão de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar, da Direção-Geral da Educação do Ministério da Educação e Ciência, para a realização do inquérito para investigação dos tipos de perfil-cor dos adolescentes do 12º ano de escolaridade, com os respetivos objetivos e metodologias a serem aplicadas, tendo o mesmo sido aprovado no dia 23 de Maio afim de ser realizado até ao dia 5 do mês de junho, data do término das aulas no ensino secundário. Posteriormente, foi solicitada autorização ao Diretor do Agrupamento da escola onde a realização do inquérito iria decorrer, tendo sido autorizada pelo mesmo a sua aplicação.

Foram entregues aos alunos e respetivos encarregados de educação através dos diretores de turma, um «Pedido de Consentimento de Utilização de Dados», devolvidos antes da aplicação do inquérito, assinados pelos alunos maiores, e pelos E.E. dos alunos menores de idade. Aquando a entrega dos inquéritos aos alunos, foi solicitado aos mesmos e descrito na folha de apresentação, que a melhor abordagem ao fazer as escolhas das questões seria agir com a primeira resposta instintiva, evitando tornar-se analítico ou subjetivo, e tentando não efetuar escolhas com base na forma como o aluno pretendia ser visto pelos outros, tendo

em conta que não existiam respostas certas ou erradas no questionário a aplicar. Foi também informado aos alunos que o procedimento de resposta seria selecionarem as questões através da letra correspondente à esquerda da mesma, conforme a sua concordância com as declarações de cada ponto, caso representasse os seus padrões de comportamento mais frequentes e habituais. Caso não, foi solicitado que seguissem para a questão/ponto seguinte.

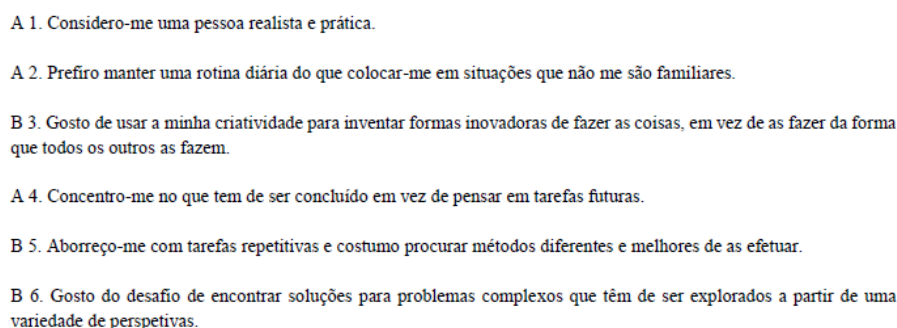
Após a recolha dos questionários aos alunos, foi elaborado um questionário dirigido aos diretores de cada turma, para que os docentes identificassem as características de comportamento da sua turma, mediante uma lista de adjetivos recolhida no livro de Ritberger (2011), com parâmetros de preenchimento de uma escala unipolar de quatro pontos – não se verificou, verificou-se pouco, verificou-se e verificou-se bastante – nos quais os D.T. teriam de selecionar as características que identificavam com a sua turma.

## CAPÍTULO 7

### Análise e Discussão de Resultados

#### 7.1 – Apresentação e Análise dos resultados do inquérito em meio escolar

A discussão dos resultados da análise é apresentada neste capítulo. Procedemos à análise essencialmente descritiva e qualitativa dos resultados.

- 
- A 1. Considero-me uma pessoa realista e prática.
  - A 2. Prefiro manter uma rotina diária do que colocar-me em situações que não me são familiares.
  - B 3. Gosto de usar a minha criatividade para inventar formas inovadoras de fazer as coisas, em vez de as fazer da forma que todos os outros as fazem.
  - A 4. Concentro-me no que tem de ser concluído em vez de pensar em tarefas futuras.
  - B 5. Aborreço-me com tarefas repetitivas e costumo procurar métodos diferentes e melhores de as efetuar.
  - B 6. Gosto do desafio de encontrar soluções para problemas complexos que têm de ser explorados a partir de uma variedade de perspetivas.

*Figura 6- Amostra de parte do inquérito aplicado*

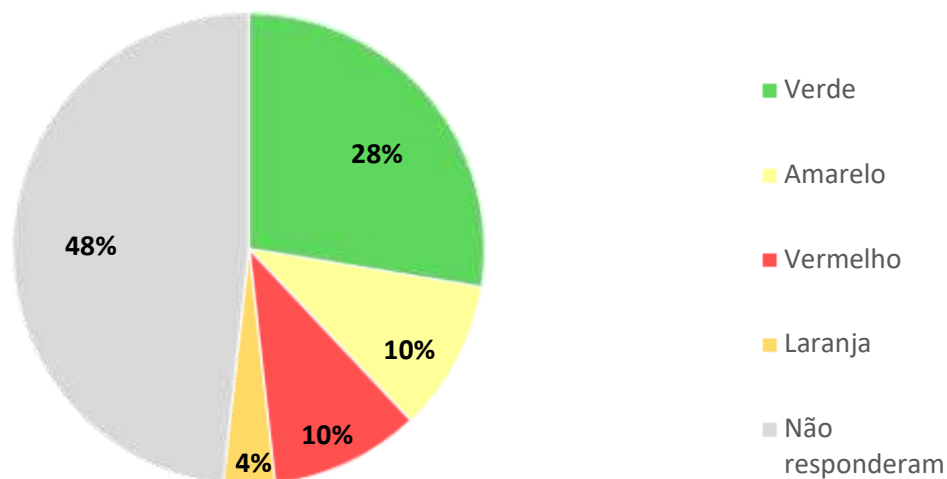
Depois da aplicação dos questionários por turma e por aluno, estes foram sujeitos à prática da análise de conteúdo, como técnica de tratamento de informação do material recolhido. De forma a descrever os resultados referentes às conceções dos alunos envolvidos no estudo, optámos por fazê-lo primeiramente de forma geral (turma), depois por género, e depois por secção, sendo que as questões de letras A e C correspondem à personalidade vermelha, as de letras B e C à personalidade amarela, as de letras A e D à personalidade cor-de-laranja, e, por fim, as de letras B e D, que correspondem à personalidade verde.

Procedemos à apresentação gráfica e explanação dos resultados obtidos para cada análise realizada.

A análise de dados é um processo que exige do investigador grande dedicação, concentração e rigor (Vala, 1986).

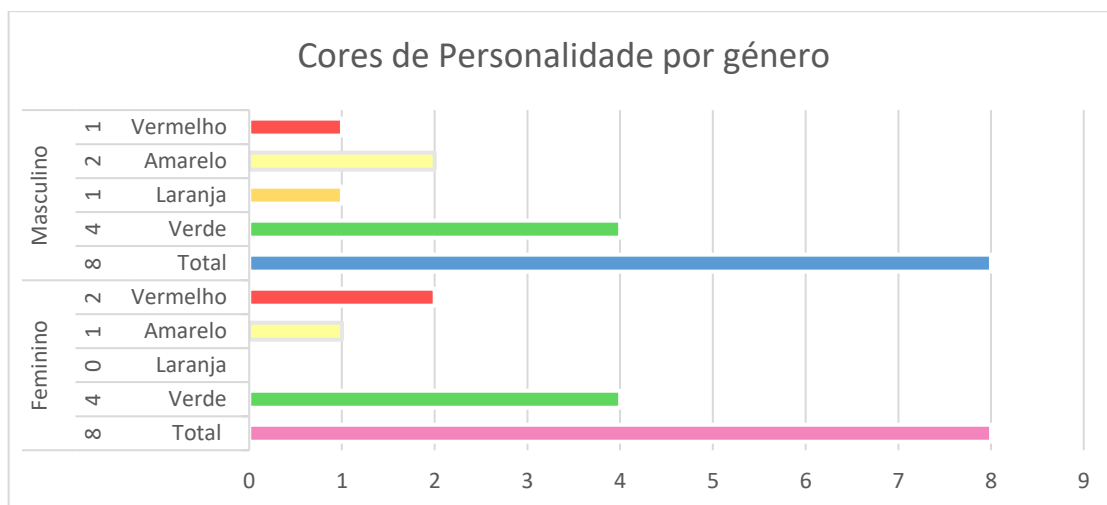
### 7.1.1 – Resultados da turma de Ciências e Tecnologias

**CORES DE PERSONALIDADE DA TURMA A**



*Gráfico 1- Amostra das Cores de Personalidade da Turma A*

De acordo com os dezasseis alunos inquiridos na turma A do Curso de Ciências e Tecnologias, oito revelaram pertencer à personalidade de cor verde (28%), três à personalidade amarela (10%), três à personalidade vermelha (10%) e um à personalidade laranja (4%). Este gráfico revela que a maioria dos inquiridos tem uma personalidade de cor verde, mas, no entanto, não foi possível constatar qual a maioria de personalidades da turma, pois catorze (48%) da mesma não respondeu por falta de presença ou por não ter entregue a autorização de recolha de dados.



*Gráfico 2- Amostra das Cores de Personalidade da turma A por género*

Relativamente à cor de personalidades por género, pudemos constatar que: na cor de personalidade verde, verificaram-se quatro rapazes e quatro raparigas; na cor de personalidade laranja, um rapaz e nenhuma rapariga; na cor de personalidade amarela, dois rapazes e uma rapariga; e na cor de personalidade vermelha, um rapaz e duas raparigas.

Podemos com esta análise concluir que num total homogéneo de alunos do género masculino e feminino nesta turma, ambos apresentaram resultados idênticos de cor de personalidade verde, variando depois entre as personalidades amarela onde existiam mais rapazes e a vermelha onde existiam mais raparigas, tendo por último, apenas um elemento da turma, do género masculino com personalidade laranja. Assim, dentro da amostra realizada com a turma de Ciências e Tecnologias, podemos concluir que apesar de dezasseis alunos da turma não terem realizado o ICP, a maioria inquirida é de personalidade verde, com um grande equilíbrio entre o género masculino e feminino.

No dia de recolha de dados, foi verificado na sala de aula algum desconforto inicial na realização do questionário, com questões dos jovens acerca do estudo de investigação. No final, a maioria dos alunos inquiridos mostrou-se curioso relativamente aos resultados obtidos no seu ICP, lendo e comparando os resumos de perfil de personalidade entre si.

### 7.1.2 – Resultados da turma de Línguas e Humanidades

CORES DE PERSONALIDADE DA TURMA C

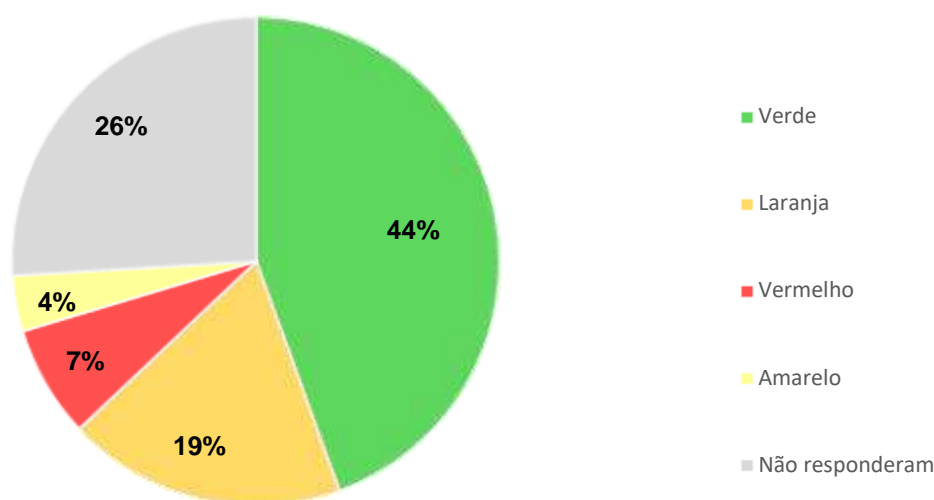


Gráfico 3- Amostra das Cores de Personalidade da Turma C

De acordo com os vinte alunos inquiridos, doze revelaram pertencer à personalidade de cor verde (44%), cinco à personalidade laranja (19%), dois à personalidade vermelha (7%)

e um à personalidade amarela (4%). Este gráfico revela que a maioria dos inquiridos tem uma personalidade de cor verde, seguindo-se uma grande parte de alunos com personalidade cor-de-laranja, sendo os não inquiridos apenas sete alunos, representando 26% da turma.

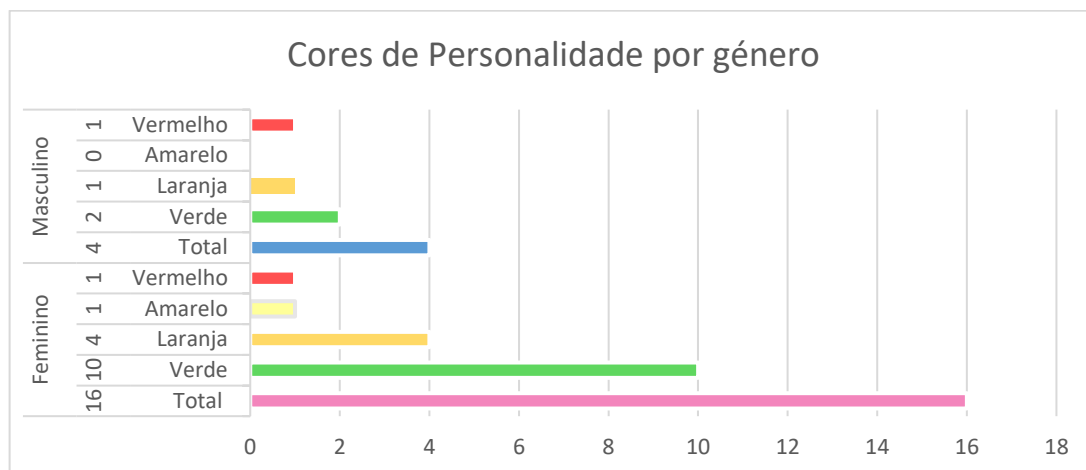


Gráfico 4- Amostra das Cores de Personalidade da turma C por género

No que respeita à cor de personalidades por género, pudemos constatar que: na cor de personalidade verde, foram verificados dois rapazes e dez raparigas; seguidos da cor-de-laranja com um rapaz e quatro raparigas; da cor de personalidade vermelha com um rapaz e uma rapariga; e da cor amarela, com nenhum rapaz e apenas uma rapariga.

Assim, é possível concluir nesta turma que, os inquiridos são maioritariamente do género feminino, com uma maioria de doze elementos e que se verificou existir, uma maior percentagem de alunos com cor de personalidade verde, o que representa uma maioria significativa da amostra realizada com a turma de Línguas e Humanidades.

Aquando a recolha de dados na sala de aula, a turma demonstrou logo à partida um grande interesse pela investigação, prontificando-se de imediato a responder ao questionário. No final foi muito gratificante verificar que os alunos da turma se identificaram na sua grande parte aos resultados obtidos no ICP, tirando fotografias aos mesmos para investigar posteriormente por sua conta.

### 7.1.3 – Resultados da turma de Artes Visuais

CORES DE PERSONALIDADE DA TURMA F

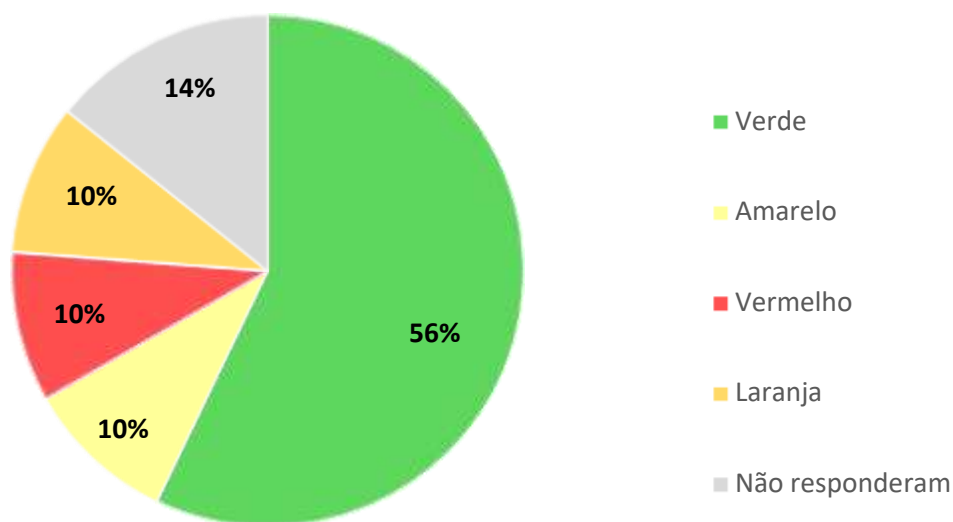


Gráfico 5- Amostra das Cores de Personalidade da Turma F

De acordo com os dezoito alunos inquiridos, doze revelaram pertencer à personalidade de cor verde (56%), dois à personalidade laranja (10%), dois à personalidade vermelha (10%) e dois à personalidade amarela (10%). Este gráfico revela que a maioria dos inquiridos (56%) tem uma personalidade de cor verde, e que os restantes têm percentagens idênticas entre as cores laranja, vermelha e amarela, sendo os não inquiridos uma minoria de três alunos (14%).

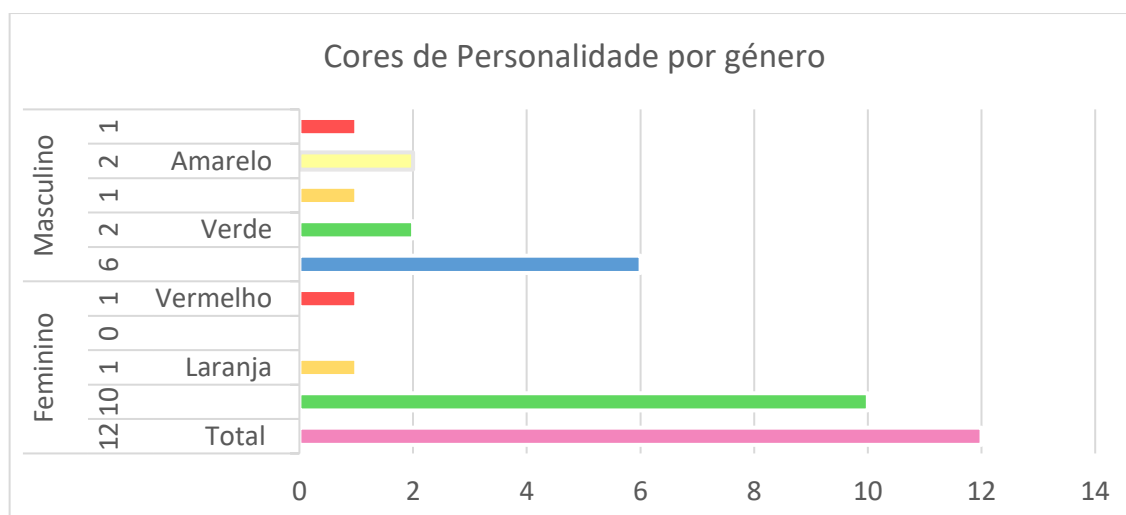


Gráfico 6- Amostra de Cores de Personalidade da turma F por género

Relativamente à cor de personalidades por género, foi possível verificar nesta turma que: com a cor de personalidade verde, existiam dois rapazes e doze raparigas; seguindo-se

as cores de personalidade laranja e vermelho com um rapaz e uma rapariga cada; e, na cor de personalidade amarela, apenas dois rapazes.

Conclui-se então, que, nesta turma, os alunos do género feminino são em quantidade o dobro do género masculino, e foi possível fazer uma análise mais completa que as anteriores, sendo que os alunos que não responderam ao ICP foram apenas três, não representando assim uma diferença nos resultados evidente. Foi verificada uma maior percentagem de alunos com cor de personalidade verde, o que representa a maioria significativa da amostra realizada com a turma de Artes Visuais.

A recolha de dados na sala de aula deu-se em dois momentos, sendo que a turma estava dividida em dois turnos. Em ambos, os alunos demonstraram um enorme interesse pela investigação, e visto que foi a turma com a qual realizei a Prática de Ensino Supervisionada, prontificaram-se de imediato a responder ao questionário, e aproveitaram para colocar imensas questões relativamente às simbologias das cores do ICP.

No final foi igualmente gratificante, verificar que os alunos se identificaram com os resultados obtidos no ICP, fotografando os resultados tal como a turma C o tinha feito.

#### 7.1.4 – Resultados da turma de Ciências Socioeconómicas

CORES DE PERSONALIDADE DA TURMA G

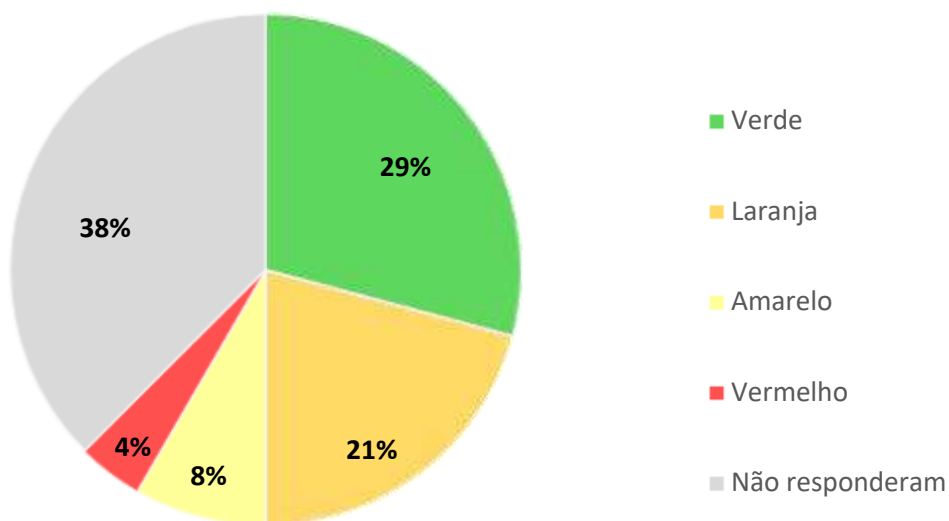


Gráfico 7- Amostra das Cores de Personalidade da Turma G

De acordo com os quinze alunos inquiridos, sete revelaram pertencer à personalidade de cor verde (29%), cinco à personalidade laranja (21%), dois à personalidade amarela (8%) e um à personalidade vermelha (4%). Este gráfico revela que a maioria dos inquiridos tem

uma personalidade de cor verde, no entanto, mais uma vez, não foi possível constatar qual a maioria de personalidades da turma, pois nove alunos (38%) da mesma não respondeu por falta de presença ou por não ter entregue a autorização de recolha de dados.

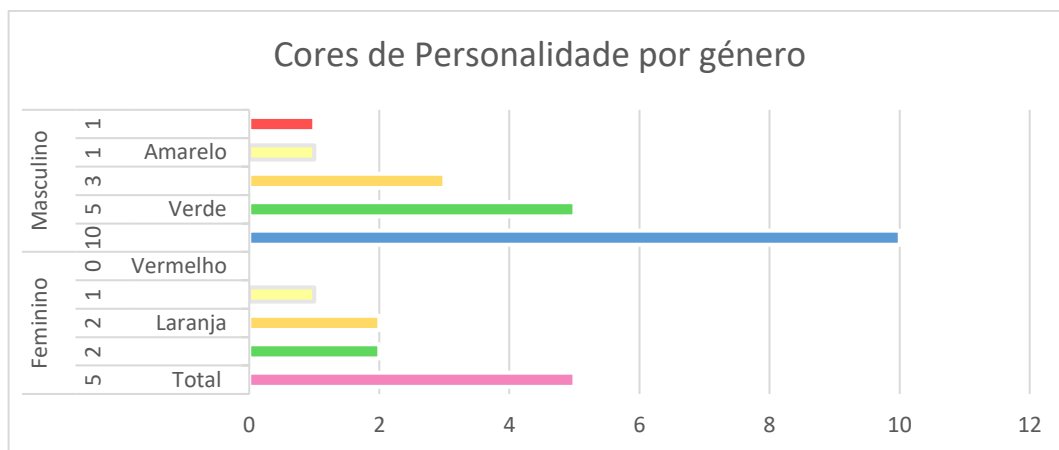


Gráfico 8- Amostra das Cores de Personalidade da turma G por género

Na turma do Curso de Ciências Socioeconómicas, foi possível verificar em relação ao género que: com a cor de personalidade verde, existiam cinco rapazes e duas raparigas; seguindo-se a cor-de-laranja com três rapazes e duas raparigas, a cor de personalidade amarela com um rapaz e uma rapariga, e por último, a cor vermelha representada apenas por um rapaz.

Conclui-se então, que na amostra desta turma, os alunos do género masculino são em quantidade o dobro do género feminino, e que a personalidade de cor verde foi verificada numa maior percentagem de alunos, seguindo-se a cor-de-laranja.

A recolha de dados na sala de aula deu-se apenas num momento, na presença do diretor de turma. Os alunos demonstraram alguma apreensão pela investigação, prontificando-se, no entanto, a responder ao questionário, colocando ao contrário das outras turmas poucas questões relativamente às simbologias das cores do ICP.

No final, apenas alguns alunos demonstraram interesse nos resultados.

## 7.2 – Apresentação e Análise dos resultados do inquérito aos Diretores de Turma

Na tentativa de constatação da veracidade dos resultados dos inquéritos às turmas dos vários cursos, foram elaborados novos questionários, desta vez dirigidos aos Diretores de Turma, com uma listagem de adjetivos que caracterizam os vários perfis de personalidade, segundo a autora Ritberger (2011).

PERFIL COR	ADJETIVOS			
VERDE	Esperançosa	intuitiva	aberta	preguiçosa
	sonhadora	multissensoriais	recetiva	divertida
	emocional	sociável	entusiasta	espontânea
	original	curiosa	aventureira	calma
	ansiosa	persuasiva	gentil	justa
	exigente	motivadora	energética	humanitária
	idealista	inspiradora	protetora	amigável
	criativa	pensadora	impulsiva	otimista
LARANJA	humanitária	trabalhadora	responsável	diplomática
	protetora	comunitária	pacificadora	ética
	cuidadora	sensível	prestável	convencional
	séria	conselheira	paciente	produtiva
	carinhosa	empenhada	meticulosa	cordial
	social	cautelosa	desconfiada	temperamental
	competente	compreensiva	guerreira	explosiva
	preocupada	atencioso	dedicada	solidária
AMARELO	confiante	visionária	líder	não-conformista
	autossuficiente	organizadora	responsável	excêntrica
	autodidata	intelectual		desafiadora
	rebelde	competente	investigadora	insegura
	analítica	competitiva	compulsiva	exigente
	estratega	determinada	autoritária	autocrítica
	desajustada	obstinada	arrogante	perfeccionista
	respeitadora	motivada	intransigente	dogmática
VERMELHO	rígida	competitiva	conscienciosa	sensata
	mal-humorada	prática	tradicionalista	fiel
	metódica	realista	confiável	decididas
	autocrática	ditadora	intolerantes	ética
	controladora	agressiva	brusca	disciplinadora
	impaciente	ponderada	constante	corajosa
	binária/ literal	trabalhadora	exigente	meticulosa
	argumentativa	sensível	pragmática	regrada

Tabela 3- Quadro de Adjetivos que caracterizam cada perfil de cor de personalidade

Nesses questionários foram então colocados os adjetivos como características da turma, com os parâmetros de preenchimento de uma escala unipolar de quatro pontos – não se verificou, verificou-se pouco, verificou-se e verificou-se bastante – nos quais os D.T. teriam de seleccionar as características que identificavam com a “sua” turma (Apêndice II).

Nos resultados obtidos, não foi contemplado o parâmetro «não se verificou» para análise.

### 7.2.1 – Resultados do D.T. de Ciências e Tecnologias

O Diretor da Turma de Ciências e Tecnologias não respondeu aos contatos efetuados via email, não entregando assim o questionário sobre as características da sua turma.

### 7.2.2 – Resultados do D.T. de Línguas e Humanidades

	Verificou-se pouco	Verificou-se	Verificou-se bastante	Cores
Pontuação	1	2	3	
49	17	10	4	VERDE
56	9	22	1	LARANJA
16	9	2	1	AMARELO
29	7	11	0	VERMELHO

Podemos constatar, que segundo a avaliação da Diretora da Turma C, de Línguas e Humanidades (Apêndice V), a maioria dos alunos tem características da personalidade cor-de-laranja, seguida de características da personalidade verde, da vermelha e da amarela, respetivamente.

### 7.2.3 – Resultados do D.T. de Artes Visuais

	Verificou-se pouco	Verificou-se	Verificou-se bastante	Cores
Pontuação	1	2	3	
40	22	9	0	VERDE
43	24	8	1	LARANJA
25	9	8	0	AMARELO
36	15	9	1	VERMELHO

Podemos aqui verificar, que segundo a avaliação da Diretora da Turma C, de Artes Visuais (Apêndice VI), a maioria dos alunos tem características da personalidade cor-de-laranja, seguida de características da personalidade verde, da vermelha e da amarela, respetivamente.

### 7.2.4 – Resultados do D.T. de Ciências Socioeconómicas

O Diretor da Turma de Ciências e Socioeconómicas não respondeu aos contatos efetuados via email, não entregando assim o questionário sobre as características da sua turma.

### 7.3 – Análise e Comparativo entre turmas e resultados

Depois de verificarmos as cores de personalidade de cada turma inquirida, foi realizado um comparativo entre turmas, de forma a que fosse possível observar e analisar de forma mais clara as diferenças de perfis de personalidade entre os jovens alunos das quatro áreas de estudo.

### Comparativo entre turmas

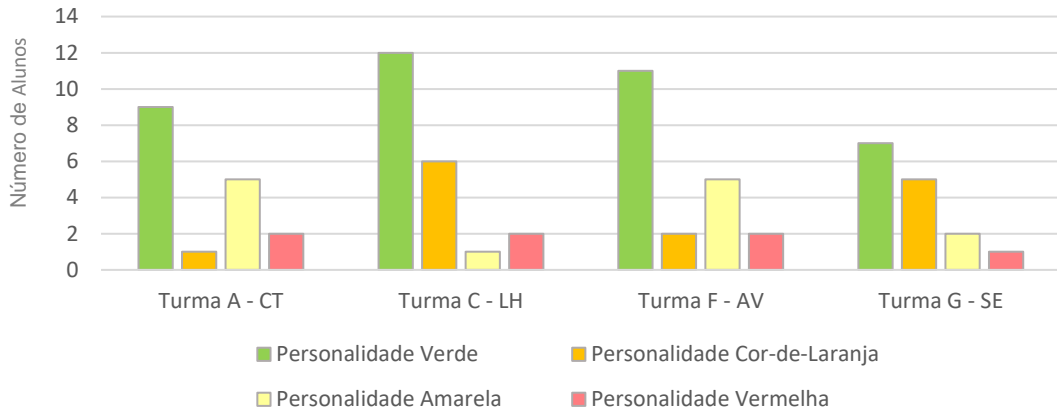


Gráfico 9- Comparativo de amostras de perfis de cores de personalidade entre turmas

Assim, foi possível constatar que as quatro turmas têm uma maioria de perfis de personalidade de cor verde, sendo que as turmas de Línguas e Humanidades e de Ciências Socioeconómicas, apresentam valores próximos de perfis de personalidade cor-de-laranja, e as turmas de Ciências e Tecnologias e de Artes Visuais, os mesmos valores de perfis de personalidade de cor amarela. O perfil de personalidade de cor vermelha, foi verificado em todas as turmas, apresentando o mesmo valor para todas, exceto para a turma de Ciências Socioeconómicas, que revelou um valor mais baixo deste tipo de personalidade.

### Características verificadas pelos DT

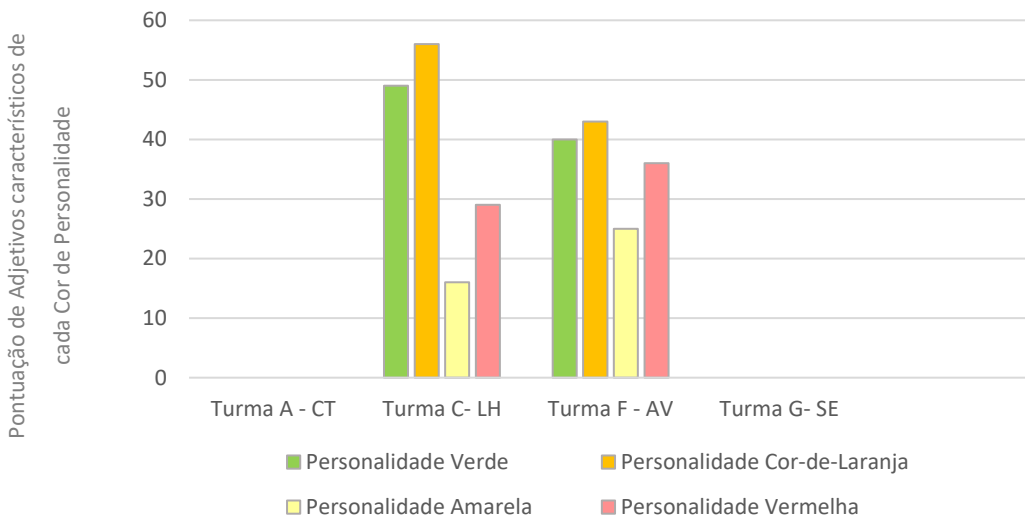


Gráfico 10- Comparativo de características verificadas pelos Diretores de cada turma

No gráfico 10, foi possível verificar que relativamente às turmas de Línguas e Humanidades e de Artes Visuais, as características detetadas pelos respetivos Diretores de Turma, não foram conclusivas, sendo que diferem totalmente dos resultados manifestados pelos alunos intervenientes. Na turma de LH, o diretor de turma aponta como características principais da turma as de perfil de personalidade de cor-de-laranja, seguidas de perfil de cor verde, vermelho e por último, de cor amarela. No entanto, no gráfico 9, é possível verificar que a turma representa na sua maioria o perfil de personalidade de cor verde, seguido do cor-de-laranja. Na turma de AV, o diretor de turma apresenta valores muito próximos de características de perfis de personalidade cor-de-laranja e verde, seguidos do perfil de cor vermelha e por último de cor amarela. As características apresentadas pelo DT não se refletem no gráfico 9, sendo que no mesmo, a turma de AV destaca-se pela maior quantidade de alunos com perfil de personalidade verde, seguida do perfil de personalidade amarela.

No caso das turmas de Ciências e Tecnologias e Ciências Socioeconómicas, não foi possível a verificação de dados por inexistência dos mesmos.

#### **7.4 – Considerações finais sobre o conjunto dos temas e resultados em análise**

Tendo em conta a pergunta de partida que norteou os objetivos para a realização da presente investigação, foram apresentados e analisados os dados que permitiram a análise das informações obtidas.

As análises, resultantes do inquérito aplicado, são a parte principal do trabalho empírico, onde foi possível verificar as diferenças e semelhanças entre turmas de áreas de estudo diferentes, sendo jovens da mesma faixa etária. É possível ter uma visão mais próxima dos perfis de personalidade dos alunos adolescentes, nas várias áreas escolares, tal como alguns dos seus valores éticos e morais, motivações, entre outras características, ainda que a presente amostra, seja uma ínfima parte do panorama nacional.

Os dados recolhidos aos diretores de turma, complementam o estudo apresentado, mas, por apenas dois professores terem respondido, não serão relevantes para a conclusão.

Nem todos os alunos apresentaram o mesmo grau de envolvimento no estudo, o que poderá ter condicionado alguns resultados.

Nesta linha de estudo em que o ensino artístico toca a psicologia educacional e a orientação vocacional, a contribuição de diferentes autores foi determinante na fundamentação do estudo apresentado, ainda que tenha tornado o enquadramento teórico extenso, uma vez que são apontadas diversas práticas educacionais e médicas, que visam

uma melhor orientação vocacional dos jovens em idade de decisão de percurso escolar, e posteriormente profissional, segundo uma prática reflexiva.

Holland (1997) propôs uma teoria a respeito das personalidades vocacionais que tem sido aplicada com sucesso na prática de psicólogos, conselheiros e orientadores vocacionais na atualidade. Os seus estudos incluíram o desenvolvimento de instrumentos psicométricos que avaliam em que medida a pessoa endossa um ou mais dos vários tipos básicos de personalidade, como por exemplo a correlação entre os perfis de personalidade realista e artístico (neste caso, cor de personalidade amarela e verde, respetivamente). Holland afirma que as pessoas com determinado perfil de personalidade se sentiriam mais confortáveis em trabalhar num ambiente que maximizasse os seus valores, a sua visão do mundo e as suas práticas diárias. Por outras palavras, isto é a congruência entre tipo de personalidade e ambiente, que produziria o máximo bem-estar, e conseqüentemente, um melhor desempenho e uma maior produtividade.

O que pretendemos com este estudo foi reunir elementos que facilitem a criação de novas ferramentas que possam ser utilizadas em benefício dos nossos alunos e corpo docente, para que haja uma maior dedicação, motivação, desempenho e exploração das verdadeiras capacidades dos jovens em tempo escolar. Esta orientação vocacional proporcionará um dos motivos diários para que os jovens se sintam totalmente adaptados ao seu meio, contribuindo para a potencialização dos seus talentos através do autoconhecimento e desenvolvimento crítico e cognitivo.

## Conclusão

A questão de partida deste estudo incidiu nas dificuldades sentidas pela investigadora enquanto professora de Artes Visuais ao longo de vários anos e no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada, na disciplina de Oficina de Artes lecionada ao 12º ano.

A partir da sua experiência pedagógica com alunos adolescentes e das constantes dificuldades sentidas na procura de exercícios motivacionais que fossem ao encontro das suas motivações, sentiu que seria de extrema relevância tentar perceber se efetivamente os alunos do ensino secundário teriam escolhido de forma correta e consciente as suas áreas de estudo, sendo que uma grande parte da turma finalista em que decorreu a PES, não demonstrava motivação para prosseguimento de estudos ou para prosseguir na área artística profissionalmente.

Sabemos já, que um processo malconduzido conduz ao insucesso da prática do ensino artístico. No entanto, se este processo for bem conduzido, tem inúmeras qualidades para os nossos alunos, tais como aumentar a autoestima e a auto percepção, o que remete para um nível mais alto de inteligência emocional. Além disso, a arte obriga o aluno a realizar introspeção, fazendo com que a sua capacidade de concentração e de organização lógica do pensamento abstrato seja melhorada, levando a novos e positivos hábitos de trabalho. O que começando no 1º Ciclo do Ensino Básico, traria grandes progressos para as nossas crianças e jovens.

Por estarmos sensibilizados para estas questões, verificámos que de um modo geral, os professores se confrontam frequentemente com a necessidade de criar trabalhos cuja temática agrade à maioria dos alunos, com a intenção de que a aprendizagem seja proporcional ao seu empenho e vontade de realizar, procurando criar nos alunos interesse e identificação pessoal com os trabalhos escolares.

Para responder à questão de partida deste estudo, desenvolvemos uma investigação baseada na análise da relação entre a cor e os perfis de personalidade, de forma a conseguir criar mais uma ferramenta de orientação vocacional.

Tendo em conta a análise dos resultados obtidos, pode-se constatar que apesar de não ter sido possível correlacionar diretamente as cores de personalidade dos alunos com os cursos que frequentam, foi, no entanto, possível verificar vários fatores que poderão ajudar em estudos futuros no seguimento desta investigação.

Mediante os resultados obtidos nas quatro turmas de áreas de estudo distintas, foi possível verificar que todas, apresentam o padrão de personalidade de cor verde na sua maioria. Ora, sendo a adolescência um estágio largamente social, é de uma importância crucial para os jovens o que os seus pares pensam deles e a sua própria visão como um ser

social, objeto da atenção dos outros, o que pode ser um determinante fundamental nas motivações do adolescente e aluno, e conseqüentemente nas suas respostas ao Indicador de Cor da Personalidade.

Como analisámos no capítulo 4, sobre Adolescência e Identidade, Piaget refere-se a este estágio como o estágio do egocentrismo intelectual, no qual o adolescente sente-se como sendo o centro de tudo, desenvolvendo um egocentrismo no que respeita às suas teorias. Também a procura do papel sexual, de objetivos profissionais e de realizações pessoais se tornam questões fulcrais para o seu *modus operandi*. A adolescência capacita o jovem a transcender do pensamento concreto para pensar o abstrato e o hipotético. E ainda que o seu desenvolvimento seja condicionado pelo meio social e cultural, esta é a etapa da sua própria tomada de decisões, de conquistar o seu espaço próprio, o que torna os adolescentes de uma forma geral predispostos a mudanças radicais de estilos de vestir, linguagens, gostos musicais e diversas posturas no dia-a-dia, mas todos, comuns aos seus pares (Alves, 2008, p. 13). No caso dos inquiridos, além de terem a mesma faixa etária, pertencem todos ao mesmo contexto sociocultural, o que poderá ter tido influência nas suas respostas de carácter reflexivo. A cor verde remete-nos, para a intuição e o sentimento, no seu funcionamento, com uma orientação quase exclusivamente social e relacional (Ritberger, 2011, p. 50). É um padrão de personalidade que procura o seu lugar na sociedade e é essencialmente movido pela sua necessidade de ser aceite pelos pares, o que se enquadra no padrão emocional e cognitivo do estágio dos adolescentes.

Podemos agora avançar para a conclusão do segundo fator de evidência: a segunda cor mais obtida nas quatro turmas.

É possível verificar aqui semelhança no que respeita à segunda cor, e passamos a explicar: nas turmas de Ciências e Tecnologias e de Artes Visuais, a segunda cor de personalidade mais obtida foi a cor amarela; nas turmas de Línguas e Humanidades e de Ciências Socioeconómicas, a segunda cor de personalidade mais obtida foi a cor-de-laranja. Ora, talvez seja aqui possível, relacionar as cores obtidas com as áreas a que dizem respeito. Em Ciências e Tecnologias e Artes Visuais, temos então o amarelo: este padrão de cor de personalidade, segundo Ritberger (2011), tem a intuição e o pensamento no seu funcionamento, sendo o tipo de personalidade amarela, o único dos quatro tipos cuja mentalidade é orientada para utilizar as quatro funções psicológicas de forma equitativa. O amarelo, no sistema de energia reflete o intelecto e é uma síntese do pensamento linear e da criatividade. Criatividade essa, que é estimulada a assumir novos desafios e explorar novos rumos, o que vai de encontro às áreas da ciência, da tecnologia e da artística. Estas, prosperam na inovação e excitação mental, tal como Ritberger refere serem características deste padrão de personalidade.

No que respeita aos cursos de Línguas e Humanidades e Ciências Socioeconómicas, observamos então o tipo de personalidade cor-de-laranja em segundo lugar, dos grupos objeto de estudo. Este padrão de personalidade, tem a sensação e o sentimento presentes na forma como funcionam. A sua orientação para o mundo dá-se através das pessoas, e prosperam ao conseguirem satisfazer as necessidades emocionais dos outros. O seu comportamento reflete como se sentem em relação ao que os rodeia. É um padrão de personalidade amistoso, acolhedor e sensível – o que nos remete para a área das humanidades – e está muito relacionado com o desejo e a ambição – remetendo-nos assim, para a área das ciências socioeconómicas (Ritberger, 2011).

Então, podemos concluir que as áreas com resultados idênticos na segunda cor mais obtida, podem ser referências para uma orientação vocacional, mediante o ICP. Sendo que este poderá ser aliado a outros testes psicotécnicos e de personalidade, como um reforço de evidências que caracterizam um padrão de comportamento, e consequentemente, os seus talentos naturais e genéticos.

É necessário pensar aqui que, perante uma sociedade multicultural, com grandes avanços tecnológicos, entre muitas outras transformações, as turmas apresentam-se hoje cada vez mais heterogêneas, pelo que é necessário reformular os meios de diagnóstico, no sentido de conhecer melhor os alunos, por forma a reestruturar e adequar o programa curricular às suas necessidades e motivações, não só ao nível de conhecimentos, mas também dos interesses pessoais e socioculturais.

Segundo Einstein, citado por Fernandes (2001), a escola devia desenvolver nos jovens aquelas qualidades e capacidades que são de valor para o bem-estar da comunidade. Em 1952, acrescentou:

Não é suficiente ensinar uma especialidade a um homem. Através disto ele pode tornar-se uma espécie de máquina útil, mas não uma personalidade harmonicamente desenvolvida. É essencial que o estudante adquira o entendimento e a sensibilidade vivencial do belo e do bem moral...é também vital para uma educação válida que se desenvolva o pensamento crítico independente nos jovens...

Nesta linha, da necessidade de investir em instrumento de orientação vocacional diferentes e diferenciados, novas ferramentas como o teste de cor de personalidade como forma de definir perfis dos alunos, podem ampliar e ajudar a direcioná-los de forma correta, para que todo o seu potencial seja evidenciado e maximizado. Esta correta orientação poderá levar a um aumento significativo da motivação e do desempenho dos jovens alunos, e consequentemente do professor e corpo escolar.

É a nosso ver, urgente salientar a importância e o valor da motivação dos alunos na área de ensino das artes visuais, pelo desenvolvimento que promove em aspetos cognitivos, emotivos, criativos e sociais. Refinar os sentidos, alargar a imaginação e desenvolver a criatividade, é o trabalho que a Arte faz para potenciar a cognição, valores esses tão essenciais para a literacia visual. É urgente que os alunos com aptidões artísticas sejam corretamente orientados, pois as artes definem a humanidade, desenvolvem a parte imaterial do ser, reconhecem a sua capacidade e reforçam a identidade (Fowler, 1996).

Por fim, compreendemos também, mais uma vez, que o professor não é apenas aquele que transmite conteúdos na sala de aula, mas é sim, aquele que pretende estimular a curiosidade e a vontade de saber mais e promover o desenvolvimento pessoal e crítico do aluno. Também é aquele que incentiva o diálogo, o respeito pela diversidade cultural, e que leva os alunos a compreender que é o contacto com o novo que permite alargar a nossa capacidade de edificação e o nosso crescimento. É essencial que o futuro professor reflita continuamente acerca do funcionamento do ensino tradicional, encaminhando-o por uma exploração multiforme das motivação dos seus alunos, como a experimentação, a descoberta e a reconstrução criativa, e para isso, estes têm de se sentir no seu ambiente e ter a motivação de ir mais além nas suas capacidades e talentos naturais, explorando-os com a ajuda do professor e a serem devidamente encaminhados.

## Limitações e ampliações ao estudo

A gestão de tempo foi um aspeto difícil e que exigiu algum rigor, no sentido de avaliar a aplicação do inquérito em meio escolar, e respetivas autorizações e consentimentos, antes do final das aulas do 3º período. Também uma análise às heterogeneidades em cada turma seria essencial, para que pudéssemos entender mais detalhadamente as características de cada aluno e de cada grupo. No entanto, as dificuldades foram superadas e o plano de intervenção previsto foi cumprido com sucesso.

O tema abordado é abrangente e houvesse mais tempo, poderia ter tido uma maior amplitude, inclusive a nível nacional, o que traria resultados mais abrangentes, orientadores e melhor conclusivos. Dada a sobrecarga de trabalho dos professores diretores de turma envolvidos, não houve a possibilidade de lhes pedir mais envolvimento, ainda assim, a sua colaboração foi necessária para recolher dados que nos permitiram desenvolver o estudo.

Um projeto deste tipo, requer que esteja envolvido no grupo de planeamento do trabalho da investigação, pelo menos um psicólogo educacional de forma a ser possível uma análise mais concreta dos perfis de personalidade e a sua correlação com a cor, bem como interesse por parte dos conselhos de turma de fazer parte do processo de recolha de dados. Seria igualmente interessante, realizar esta investigação com alunos do 9º ano de escolaridade, de forma a que fossem analisadas as suas características, no que respeita ao Indicador de Cor de Personalidade.

A temática é bastante transversal, podendo ser trabalhada no futuro num projeto a longo prazo e a nível nacional, podendo também, ser extensível por alguns anos de estudo.

Seria igualmente interessante integrar uma outra fase no projeto, que permitisse aos alunos transporem os seus ideais e forma de estar e ser através de meios práticos a definir posteriormente.

## Bibliografia

- Almeida, L. S., & Cruz, O. (1985). A utilização dos testes psicológicos: Resultados de um inquérito junto de psicólogos portugueses. *Jornal de Psicologia, Universidade do Porto*, pp. 4,5,11-18.
- Alves, G. M. (2008). Construção da Identidade do Adolescente e a influência dos rótulos na mesma. *Dissertação para obtenção do grau de Psicólogo, orientado por Denise Nuernberg*. Criciúma, Brasil: Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.
- Andriola, W. B. (1993). A Orientação Vocacional no Brasil, Argentina e Portugal. *Revista de Psicologia, Fortaleza, V 11*, pp. 143-151.
- Augusto, A. I. (2017). *A educação artística em Portugal (2006-2016) : estruturas curriculares e sistemas de apoios como espelho das políticas educativas*. Lisboa: Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de grau de mestre em Educação Artística, na especialização de Teatro na Educação, orientada por Miguel Falcão.
- Azeemi, K. S. (1999). Colour Therapy. *Al-Kitab Publications [Google Scholar]*. Obtido de Google Scholar.
- Bariola, E., Gullone, E., & Schweizer, S. (2011). Child and adolescent emotion regulation: the role of parental emotion regulation and expression. *Clinical Child and Family Psychology Review*, pp. 198-212.
- Barret, M. (1979). *Educação em Arte*. Lisboa: Editorial Presença .
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora, Lda.
- Brandt, R. (1996). *Facts, Values and morality*. Press Syndicate of the University of Cambridge.
- Carvalho, J. S. (29 de 10 de 2007). Um retrato da educação artística. *Conferência Nacional de Educação Artística (CNEA)* ([www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=13265&langid=1](http://www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=13265&langid=1)). Casa da Música, Porto: Porto Editora, S.A. Obtido de Educare.pt: - Visitado em 26 Nov 2019 <https://www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=13265&langid=1>
- Catterall, J. (1998). Involvement in the arts and success in secondary school. Em *Americans for the Arts Monograph* (pp. Vol. 1, nº 9). Washington D.C.
- Cooper, W. (16 de 4 de 2009). *True Colors Personality Test*. Obtido de [www.wmacooper.pbworks.com](http://www.wmacooper.pbworks.com): <http://wmacooper.pbworks.com/f/WillCooper-True%20Colors.pdf>
- Corrain, L. (2000). *Giotto e l'arte nel Medioevo*. Florença: DoGi S.p.A.

- Correia, G. C. (2013). *O professor de Educação Visual, os alunos e as artes visuais*. Lisboa: Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre, no curso de Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, orientado por Sara Bahia.
- Correia, G. C. (12 de 10 de 2019). *Dissertação*. Obtido de [www.recil.grupolusofona.pt](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/7379/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Gabriel%20Correia.pdf?sequence=1): [http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/7379/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Gabriel%20Correia.pdf?sequence=1](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/7379/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Gabriel%20Correia.pdf?sequence=1)
- Dewey, J. (2002). *A Escola e a Sociedade e A Criança e o Currículo*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Duarte, J. B., & Vasconcelos, M. C. (2011). A função inalienável das Artes Visuais. Reflexão a duas vozes. *Revista Lusófona de Educação*, 20.
- Eça, T. T. (2007). Conferência Nacional de Educação Artística (CNEA). [www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=13265&langid=1](http://www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=13265&langid=1). Casa da Música, Porto: Porto Editora, S.A. Obtido de Conferência Nacional de Educação Artística (CNEA) (p. [www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=13265&langid=1](http://www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=13265&langid=1)). Casa da Música, Porto: Porto Editora, S.A. Obtido de Educare.pt: <https://www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=13265&langid=1>.
- Eça, T. T. (2010). A Educação Artística e as Prioridades Educativas do Século XXI. . *Revista Iberoamericana de Educação*, 52, pp. 127-146.
- Efland, A. (2002). *Art and Cognition*. Teachers College, Columbia University.
- Eisner, E. (2004). *El Arte y la Creación de la Mente*. Barcelona: Paidós Educador.
- Eisner, E. (2002). *The Arts and the Creation of Mind*. London: Yale University Press.
- Eisner, E. E. (Dezembro de 2008). *Currículo sem Fronteiras*. Obtido de [Currículo sem Fronteiras.org](http://www.curriculosemfronteiras.org): [www.curriculosemfronteiras.org](http://www.curriculosemfronteiras.org)
- Emmerling, R., & Cherniss, C. (2003). Emotional intelligence and the Career Choice Process. *Journal of Career Assessment*, 11, pp. 153-167.
- Farina, M. (2000). *Psicodinâmica das cores em comunicação*. São Paulo: 5ª ed. Edgard Blusher.
- Fernandes, J. M. (2013). *A Motivação na sala de aula de adolescentes com dificuldades de adaptação*. Lisboa: Dissertação apresentada para a obtenção de Grau Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, conferido pela ULHT, orientado por Sara Bahia. Obtido de [http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/4712/MOTIVA\\_\\_.PDF?sequence=1](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/4712/MOTIVA__.PDF?sequence=1)
- Ferracioli, L. (1999). Aspectos da construção do conhecimento e da aprendizagem na obra de Piaget. *Cad.Cat. Ens. Fís.*, v16, n.2, pp. 180-194.

- Ferrari, S. (2001). *Arte del Novecento*. Lisboa: Editorial Presença.
- Figueiredo, E. (28 de 12 de 2016). *Influência das cores na publicidade e propaganda*. Obtido de Marketing Moderno: <http://www.marketingmoderno.com.br/a-influencia-das-cores-na-publicidade-e-propaganda/>
- Filmus, D. K. (2002). *Cada vez más necesaria, cada vez más insuficiente: la escuela media en épocas de globalización*. Buenos Aires, Argentina: Editorial Santillana
- Fowler, C. (1996). *Strong Arts, Strong Schools*. Oxford: Oxford University Press: New York.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freitas, A. K. (26 de 10 de 2019). *Psicodinâmica das Cores em Comunicação*. Obtido de Instituto de Artes Unicamp: [https://hosting.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cor/psicodinamica\\_das\\_cores\\_em\\_comunicacao.pdf](https://hosting.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cor/psicodinamica_das_cores_em_comunicacao.pdf)
- Galeb, M. d., Souza, A. T., Leite, E. C., & Gomes, F. C. (2012). TECNOLOGIA E ARTE: CRUZAMENTOS POSSÍVEIS PARA UMA REFLEXÃO ACERCA DO ENSINO CONTEMPORÂNEO. IX ANPED SUL Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, p. 14.
- Gardner, H. (2008). *Cinco Mentes para o Futuro*. Lisboa: Actual Editora, Lda.
- Gilbert, K. (2012). The neglected role of positive emotion in adolescent psychopathology. *Clinical Psychology Review*, pp. 271-299.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à Pesquisa Qualitativa Suas Possibilidades. *RAE Artigos*, 7.
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa Qualitativa - Tipos Fundamentais. *RAE Artigos*, 10.
- Goethe, J. (1993). *Doutrina das Cores*. São Paulo: Nova Alexandria.
- Goldberg, M. (1992). Arts as education. *Harvard Educational Review*, Cambridge.
- Gonçalves, L., & Alírio, E. (2005). *PROGRAMA DE OFICINA DE ARTES 12º Ano - Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais*. Lisboa: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Goulão, M. J. (1989). O Ensino artístico em Portugal: subsídios para a história da Escola Superior de Belas Artes do Porto. *Mundo da Arte*, 14.
- Gouveia, A. E. (2019). *Nem Luz Nem Sombra: considerações sobre a instabilidade da penumbra e uma trajetória em pintura*. Lisboa: Tese de Doutoramento - Universidade de Lisboa. Obtido de [https://hosting.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cor/luz\\_e\\_cor\\_.pdf](https://hosting.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cor/luz_e_cor_.pdf)
- Hall, G. (1904). *Adolescence: Its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education*. . New York: Appleton.
- Hansenne, M. (2005). *Psicologia da Personalidade*. Climepsi Editores .

- Heller, E. (2012). *A Psicologia das Cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Hilgard, E. R. (1 de Julho de 1972). The Translation of Educational Research and Development into Action . *House of Representatives Committee on Education and Labour and appearing in the volume, Educational Research Prospects and Priorities issued by the Committee*, pp. 18-21.
- Hodgkinson, C. (1996). *Administrative philosophy: Values and motivations in administrative life*. New York: Pergamon.
- Holland, J. L. (1997). *Making vocational choices: A theory of vocational personalities and work environments (3rd ed.)*. Psychological Assessment Resources.
- Jung, C. G. (1981). O desenvolvimento da personalidade. *Obra Completa , Vol 17*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Keirsey, D. (1978). *Please Understand Me II: Temperament, Character, Intelligence (1st ed.)*. Prometheus Nemesis Book Co.
- Lapan, R. (2004). *Career Development across the K-15 years: bringing the present to satisfying and sucessful future*. Alexandria: American Counseling Association.
- Law, B., & Watts, A. (1977). *Schools, Careers and Community*. London: Church Information Office.
- Lima, M. P., & Simões, A. (25 de 11 de 2019). O Inventário da Personalidade NEO-PI-R: Resultados da aferição portuguesa. *Psychologica*, pp. 18, 25 - 46.
- Lima, R. (1 de Março de 2013). *HISTÓRIA DA ARTE-EDUCAÇÃO OU HISTÓRIA DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL*. Obtido de Web Artigos: <http://www.webartigos.com/artigos/historia-da-arte-educacao-ou-historia-do-ensino-de-arte-no-brasil/104656/>
- Lowry. (22 de Fevereiro de 2013). *True Colors International*. Obtido de LinkedIn Slideshare: <https://pt.slideshare.net/truicolorsinternational/history-of-temperament-theory-and-true-colors>
- Lowry, D., & Lowry, E. W. (2014). *The Color Guide to Life: Know and Live Your True Self*. EL Publishing.
- Lüscher, M. (1969). *The Lüscher Colour Test - the remarkable test that reveals your personality through colours*. Random House.
- Luz e Cor. (26 de 10 de 2019). Obtido de Instituto de Artes - Unicamp: [https://hosting.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cor/luz\\_e\\_cor\\_.pdf](https://hosting.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cor/luz_e_cor_.pdf)
- M., C. H. (2008). *Metodologia da Investigação: Guia para a Auto-aprendizagem. 2ª Edição*. Lisboa: Universidade Aberta.

- MacDougall, D. B. (2002). *Colour in Food : Woodhead Publishing Series in Food Science, Technology and Nutrition*. Woodhead Publishing.
- Maciel, R. C. (2007). Inovação tecnológica e o ensino em artes visuais. *Convergências - Revista de Investigação e Ensino das Artes*.
- Magalhães, O. &. (1998). Re-opção de curso e maturidade vocacional. *Revista da ABOP*, 2, pp. 7-28.
- Mccrae, R. &. (1996). Toward a new generation of personality theories: theoretical contexts for the five-factor model. *The Five-Factor Model of Personality - Theoretical perspectives*. New York: The Guildford Press.
- Meregalli, A. C., Farias, C. d., Santos, C. P., Silva, D. B., Silva, D. M., Bitencourt, J., . . . Vasconcelos, T. (s.d.). A INCLUSÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL. p. 8.
- Mira, E. (1949). *Estudo da personalidade pelo método dos testes*. Obtido de [www.bibliotecadigital.fgv.br](http://www.bibliotecadigital.fgv.br):  
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpt/article/view/12773/11653>
- Moran, J. M. (s.d.). *Medias na Educação*. Obtido de Penta 3: [http://penta3.ufrgs.br/MIE-ModIntrod-CD/pdf/etapa2\\_Tec\\_com\\_e\\_interacao.pdf](http://penta3.ufrgs.br/MIE-ModIntrod-CD/pdf/etapa2_Tec_com_e_interacao.pdf)
- Morris, A., Silk, J., Steinberg, L., Myers, S., & Robinson, L. (2007). The role of the family context in the development of emotion regulation. *Social Development*, pp. 361-388.
- Moutinho, N. A. (2016). *A Cor no Processo Criativo- O espaço da cor no desenho de arquitetura*. Lisboa: Tese de Doutoramento - Universidade de Lisboa.
- Mulder, P. (16 de 10 de 2019). *McClelland Motivation Theory*. Obtido de ToolsHero: <https://www.toolshero.com/psychology/theories-of-motivation/mcclelland-motivation-theory/>
- Neves, J. L. (1996). Pesquisa Qualitativa - Características, Usos e Possibilidades. *Caderno de Pesquisas em Administração*, 5.
- Noronha, A. P., & Vendramini, C. M. (2003). Parâmetros Psicométricos: Estudo Comparativo entre Testes de Inteligência e de Personalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, pp. 177-182. Obtido de [www.scielo.br](http://www.scielo.br): <http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v16n1/16809.pdf>
- Osipow, S., & Gati, I. (1998). Construct and concurrent validity of the career decisionmaking difficulties questionnaire. *Journal of Career Assessment*, 6, pp. 347-364.
- Parsons, M. (1992). *Compreender a Arte*. Lisboa: Editorial Presença.
- Pereira, R. (2014). Educação em Portugal (1974-2014): Tempos, ideias e combates. *Educação, Sociedade e Culturas*, pp. 11-24.
- Pinheiro, P. (2006). *Nietzsche e os gregos: Arte, Memória e Educação; assim falou Nietzsche*. Lisboa: Lamparina.

- PólisPesquisa. (s.d.). *Metodologia Qualitativa*. Obtido de polispesquisa.com.br: <http://www.polispesquisa.com.br/qualitativa.php>
- Quintino, P. d. (01 de 05 de 2019). *Ficha de inquérito*. Obtido de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar: <http://mime.dgeec.mec.pt/InqueritoConsultar.aspx?id=7860>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais ( 5ª ed.)*. Lisboa: Gradiva.
- Read, H. (2013). *Educação pela Arte*. Lisboa: EDIÇÕES 70, LDA.
- Ritberger, C. (2009). *What Colour is your personality?* Hay House Inc.
- Ritberger, C. (2011). *A Cor da Sua personalidade*. Editrad.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- S. Kemmis, R. M. (1992). *Cómo planificar la investigación-acción*. Barcelona: Editorial Laertes.
- Sampson, J. P. (1992). A cognitive approach to career services: Translating concepts into practice. *Career Development Quaterly*, 41, pp. 67-74.
- Santos, S. (28 de 10 de 2019). *Psicologia das cores para empresas*. Obtido de pme.pt: <https://pme.pt/a-psicologia-das-cores-para-empresas/>
- Sarriera, J., & Verdin, R. (1996). Os jovens à procura do trabalho: uma análise qualitativa. . *Psico*, 27, pp. 59-70.
- Savickas, M. (2004). Um modelo para a avaliação de carreira. *Avaliação psicológica em orientação escolar e profissional - L. Mexia Leitão*, pp. 21-42.
- Serrano, G. P. (2004). Metodologias de Investigação. Em J. Trilla, *Animação sociocultural - Teorias, Programas e Âmbitos* (p. 150). Lisboa: Coleção Horizontes Pedagógicos. Instituto Piaget.
- Silva. (05 de 11 de 2019). *Adolescência - Capítulo 3*. Obtido de iconline.ipleiria.pt: <https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/218/3/3%20-adolesc%C3%AAncia.pdf>
- Silva, A. S. (2000). *A educação artística e a promoção das artes, na perspectiva das políticas públicas*. Lisboa: Grupo de Contacto entre os Ministérios da Educação e da Cultura.
- Silva, C. C., & Martins, R. d. (20 de 11 de 2019). *A Teoria das Cores de Newton: Um Exemplo do uso da História da Ciência em Sala de Aula*. Obtido de [www.scielo.br: http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n1/05.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n1/05.pdf)
- Simões, A., & Lima, M. P. (2000). A teoria dos cinco fatores: uma proposta inovadora ou apenas uma boa arrumação do caleidoscópio personológico? *Análise Psicológica*, 2 (XVIII), pp. 171-179.
- Soares, P. (2018). *A medicina das cores: a saudável energia das cores na saúde*. Lisboa: Edições Mahatma.
- Sprinthall, N. &. (1993). *Psicologia Educacional: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: McGraw Hill.

- Steinberg, L. (2005). Cognitive and affective development in adolescence. *Trends in Cognitive Sciences*, pp. 69-74.
- Super, D. (1980). A life-span, life space approach to career development. *Journal Vocational Behavior*, 16, pp. 282-296.
- Taveira. (2000). Exploração e desenvolvimento vocacional de jovens: estudo sobre as relações entre a exploração, a identidade e a indecisão vocacional. *Centro de estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia*. Braga: Universidade do Minho.
- Taveira, M. C., & Moreno, M. L. (2003). Guidance theory and practice: the status of career exploration. *British Journal of Guidance and Counselling*, pp. 2,31, 189-208.
- Taveira, M. C., & Silva, J. T. (2008). Perspectivas para a intervenção. *Psicologia Vocacional*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Taylor, K., & Popma, J. (1990). An examination of the relationships among career decision-making self-efficacy, career salience, locus of control, and vocational indecision. *Journal of Vocational Behavior*, 37, pp. 17-31.
- Thiesen, J. d. (14 de 10 de 2019). A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. *Rev. Bras. Educ. vol.13 no.39 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2008*.
- Vala, J. (1986). Análise de conteúdo. Em A. S. Silva, *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.
- Valente, T. d. (12 de 10 de 2019). *O papel do professor de educação artística*. Obtido de Scielo.br: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40601993000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601993000100009)
- Vasconcelos, M. C., Duarte, J., & Sousa, Ó. d. (S/D). *Investigação-ação participativa: Contributos para a melhoria teórico-prática do Ensino Artístico*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Westwood, R. &. (1997). Managerial Values Across Cultures: Australia, Hong Kong and the United States, Asia Pacific. *Journal of Management*, 14, pp. 31-66.
- Whichard, J. A. (2006). *Reliability and Validity of True Colors*.
- Wills, P. (2013). *Colour Healing Manual: The Complete Colour Therapy Programme*. JESSICA KINGSLEY EDITORES.
- Wood, D. (2003). *Como as Crianças Pensam e Aprendem*. São Paulo: Edições Loyola.

## **Apêndices**

## APÊNDICE I – Inquérito de Indicador de Cor de Personalidade



### Inquérito de Investigação para Tese de Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Lisboa

*Mestranda Patrícia de Mendonça Quintino*

*Orientador de Tese Professor Doutor Óscar de Sousa*

O presente Inquérito destina-se à investigação dos tipos de perfil dos adolescentes do 12º ano de escolaridade, no âmbito do Mestrado acima identificado e como variável de investigação que estuda a relação existente entre perfil de personalidade e a cor, conforme pesquisas iniciadas pela investigadora e médica Carol Ritberger.

A melhor abordagem ao fazer escolhas é agir com a primeira resposta instintiva. Evite tornar-se analítico ou subjetivo, e não efetue escolhas com base na forma como pretende que os outros o vejam. Tenha em conta que não existem escolhas certas ou erradas.

Este inquérito é anónimo e constituído por 4 páginas.

**Sexo:** M  F       **Idade:** \_\_\_\_\_

**Área Científico- Humanística:**

Ciências e Tecnologias       Ciências Socioeconómicas   
Línguas e Humanidades       Artes Visuais

**Instruções:**

**Leia atentamente cada uma das declarações. Caso concorde com a declaração ou acredite que representa os seus padrões mais frequentes e habituais, faça um círculo em torno da letra à esquerda. Caso não concorde, avance para a declaração seguinte.**

- A 1. Considero-me uma pessoa realista e prática.
- A 2. Prefiro manter uma rotina diária do que colocar-me em situações que não me são familiares.
- B 3. Gosto de usar a minha criatividade para inventar formas inovadoras de fazer as coisas, em vez de as fazer da forma que todos os outros as fazem.
- A 4. Concentro-me no que tem de ser concluído em vez de pensar em tarefas futuras.
- B 5. Aborreço-me com tarefas repetitivas e costumo procurar métodos diferentes e melhores de as efetuar.
- B 6. Gosto do desafio de encontrar soluções para problemas complexos que têm de ser explorados a partir de uma variedade de perspetivas.
- A 7. Considero-me prático, não teórico.
- B 8. Tenho muitos pensamentos na minha cabeça em simultâneo, e sou frequentemente acusado de não estar a ouvir ou de estar ocupado.
- A 9. Prefiro trabalhar com factos e números do que com teorias e ideias.
- B 10. Orgulho-me de utilizar o intelecto e resolver problemas de forma criativa.
- A 11. Prefiro lidar com o que é conhecido do que explorar possibilidades.
- B 12. Prefiro ser original do que tradicional.
- B 13. Interesso-me pela forma como as máquinas e produtos funcionam para encontrar formas de os melhorar.
- B 14. Prefiro aprender novas competências do que utilizar competências antigas.
- A 15. Sou orientado para os pormenores.
- A 16. Sinto-me atraído por pessoas que se assemelham a mim: realistas, práticas e envolvidas em questões atuais.
- A 17. Fico impaciente ou frustrado com problemas ou tarefas demasiado complicadas.
- B 18. Prefiro ler livros que provocam o pensamento e permitem à mente divagar e explorar uma variedade de cenários.
- A 19. Prefiro seguir procedimentos operativos padrão do que criar novas formas de fazer as coisas.
- A 20. Pretendo tarefas de trabalho e expectativas de tempo bem definidas antes de iniciar um projeto.
- B 21. Normalmente estou numa onda diferente das outras pessoas.
- B 22. Tenho tendência a responder às perguntas com outra pergunta para reunir mais informação.

- A 23. Interpreto as coisas literalmente em vez de conceptualmente.
- A 24. Interesse-me mais pela produção e distribuição dos produtos do que pelo design e aplicação.
- B 25. Prospero em variedade e não gosto de repetição.
- B 26. Corro riscos e evito a abordagem conservadora da vida.
- A 27. Procuo formas testadas e comprovadas de resolver problemas e recorro a experiências passadas, em vez de perder tempo a procurar soluções novas e não comprovadas.
- B 28. Gosto de ouvir ideias novas e explorar o potencial em vez de lidar com o trivial.
- B 29. Prefiro criar com a mente do que produzir com as mãos.
- A 30. Confrontado com um problema, reajo rapidamente em vez de refletir sobre ele antes de agir.
- D 31. Prefiro suprimir os meus sentimentos a magoar os sentimentos de outros.
- D 32. Faço esforços pelas pessoas e procuro satisfazer as suas necessidades, mesmo às minhas custas.
- C 33. Não mostro os meus sentimentos facilmente e já me disseram que não me dou a conhecer.
- C 34. Prefiro lidar com problemas relacionados com tarefas do que com problemas relacionados com pessoas.
- C 35. Resolvo os conflitos com base no que é justo em vez de me preocupar com os sentimentos.
- D 36. Creio que as pessoas têm tendência a aproveitar-se da minha boa vontade.
- C 37. Reajo com mais lógica do que com emoção.
- C 38. Tomo decisões com base na lógica e não nas emoções.
- C 39. Raramente procuro conselhos de outros antes de tomar uma decisão.
- D 40. Afeiçoo-me facilmente às pessoas e não gostaria de ser visto como uma pessoa fria e indiferente.
- D 41. Prefiro um ambiente de trabalho em que não haja conflitos e onde as pessoas sejam apreciadas e louvadas pelo seu contributo.
- C 42. Sou crítico por natureza e exprimo as minhas opiniões livremente.
- D 43. Mostro os meus sentimentos facilmente.
- D 44. Aceito os outros, não faço julgamentos.
- D 45. Espero que aqueles que me são próximos sejam sensíveis aos meus sentimentos e altos e baixos em termos emocionais, e sinto-me magoado quando tal não se verifica.

- D 46. Resolvo os conflitos pedindo conselhos às pessoas de forma a ganhar confiança nas minhas decisões.
- C 47. Mantenho-me calmo e controlado em situações em que outros reagem emocionalmente.
- D 48. Sou bom a resolver problemas relacionados com pessoas.
- C 49. Sou perfeccionista e gosto das coisas feitas da maneira correta – a minha maneira.
- C 50. Sou mais orientado para as tarefas do que para as pessoas.
- D 51. Preocupo-me mais em tomar boas decisões do que decisões certas.
- C 52. Preferia trabalhar com alguém sensato e responsável do que com alguém atencioso e bondoso.
- D 53. Sou um pacificador, não um agressor.
- D 54. Tendo a ser demasiado solidário com as necessidades das pessoas.
- C 55. Estou mais interessado em resolver os problemas do que em refletir sobre eles.
- C 56. Lido com as questões das pessoas de forma direta e trato as coisas pelos nomes.
- D 57. É importante promover boas sensações e harmonia nas minhas relações.
- C 58. Creio ser mais importante ser-se respeitado do que apreciado.
- D 59. Sou bom a criar uma atmosfera de equipa e fazer com que os outros se unam em torno de um objetivo ou causa comum.
- C 60. Mostro o quanto me preocupo com alguém sendo responsável e consciencioso em vez de emotivo e sentimental.

Resultado:

Conte o total de vezes em que assinalou as letras:

A \_\_\_\_\_ B \_\_\_\_\_ C \_\_\_\_\_ D \_\_\_\_\_

A + C = \_\_\_\_\_ = VERMELHO

B + C = \_\_\_\_\_ = AMARELO

A + D = \_\_\_\_\_ = COR-DE-LARANJA

B + D = \_\_\_\_\_ = VERDE

A sua pontuação numérica **mais elevada** demonstra a sua predisposição para esse tipo de cor em particular. Se a sua pontuação for especialmente elevada no seu tipo de cor, indica que é fortemente influenciado pelas características e padrões de comportamento associado a esse tipo. Se os valores estiverem próximos, indicam flexibilidade dentro do seu tipo. Note que as suas pontuações numéricas podem variar consoante o que acontece na sua vida. No entanto, o seu tipo de cor mais forte permanecerá consistente dos desafios que a vida coloque no seu caminho.

Resultado:

#### Personalidade **VERMELHA**

Os tipos de personalidade vermelha têm a sensação e o pensamento no seu funcionamento. A sua orientação para o mundo dá-se através de estímulos externos, e o seu funcionamento mental central é o cérebro esquerdo. São literais e veem as coisas como preto ou branco. São as mais físicas de todas as personalidades e necessitam de experimentar, expressar, fazer e alcançar objetivos. São pessoas trabalhadoras, ambiciosas, motivadas para a conquista. Com uma abordagem tradicional e conservadora em relação à vida, vivem mais no passado que no presente, e preocupa-as a segurança pessoal. São pessoas de ideias fixas, teimosas e assertivas, que necessitam de controlar o seu ambiente e as pessoas que nele se encontram. Existe um conflito interno entre o desejo de poder e estatuto e a necessidade de estar sozinho. A energia vermelha estimula todos os sistemas do corpo. Representa agressividade, paixão, força e ação. A cor vermelha excita e representa o sangue da vida.

#### Personalidade **COR-DE-LARANJA**

Os tipos de personalidade cor-de-laranja têm a sensação e o sentimento na forma como funcionam. A sua orientação para o mundo dá-se através das pessoas; como tal, prosperam ao conseguirem satisfazer as necessidades emocionais dos outros. O seu funcionamento mental central é o cérebro esquerdo/direito, pelo que tomam decisões baseando-se em como se sentem em relação às coisas. A energia cor-de-laranja procura harmonia e cooperação entre as pessoas, e centra-se na família e em

desenvolver relações mutuamente benéficas. São pessoas emocionais e utilizam esses sentimentos como um meio de conseguirem que os outros façam o que elas pretendem. Vivem mais no presente do que no passado. As personalidades cor-de-laranja sentem-se ameaçadas quando a sua segurança é posta em causa – são ciumentas e protetoras das suas coisas e das pessoas de quem gostam. São guerreiras e têm medo de não ter o suficiente. Procuram aceitação social. A energia cor-de-laranja é amistosa, acolhedora e acessível. É uma cor quente, social. O cor-de-laranja está relacionado com o desejo e ambição.

#### Personalidade **AMARELA**

Os tipos de personalidade amarela têm a intuição e pensamento no seu funcionamento. O seu funcionamento mental central é o cérebro direito/esquerdo. No entanto, o tipo de personalidade amarela é o único dos quatro cuja mentalidade é orientada para utilizar as quatro funções psicológicas de forma equitativa. São pensadoras conceptuais e analíticas que se orgulham da sua capacidade para resolver problemas – quanto mais complexos, tanto melhor. Vivem no presente e no futuro, sentindo o tempo como um fluxo de processos contínuo. Prosperam na inovação e excitação mental, mas permanecem emocionalmente desligadas de pessoas e situações. O seu forte sentido de si próprias e necessidade de independência e autonomia tornam difícil darem-se a conhecer. O amarelo no sistema de energia reflete o intelecto e é uma síntese do pensamento linear e da criatividade. A sua energia estimula a mente. A energia amarela incentiva a criatividade, pelo que uma pessoa é estimulada a assumir novos desafios e explorar novos rumos. Emocionalmente, de uma perspectiva positiva, o amarelo representa otimismo e alegria. Negativamente, representa falta de coragem e medo da crítica.

#### Personalidades **VERDE**

Os tipos de personalidade verde têm a intuição e sentimento no seu funcionamento. A sua orientação para o mundo dá-se através das pessoas e da necessidade de relações. O seu funcionamento central é o cérebro direito. São expansivas no seu pensamento – pessoas de ideias que prosperam na mudança e estão constantemente à procura de novas experiências. São idealistas – andam no seu próprio ritmo e têm uma necessidade real de se adaptarem e encontrarem a sua comunidade. Estão sempre esperançosas e otimistas de que irão encontrar o seu lugar na sociedade, uma vez que necessitam de ambientes livre de conflitos, e são movidas pela sua necessidade de serem aceites. As personalidades verdes procuram contato e aprovação social energéticos. Vivem mais no passado e futuro do que no presente; conseqüentemente, são vistas como estando desligadas da realidade. Estão continuamente impacientes com o presente porque é demasiado lento para acompanhar o seu pensamento futurista. Anseiam uma realização espiritual. No sistema de energia humano, o verde é a cor do coração; como tal, as personalidades verdes são pessoas do coração. A energia verde, a cor da totalidade, promove o equilíbrio da intuição com as emoções. Representa o caminho para o amor-próprio e autoestima. Fisicamente, afeta o metabolismo e funciona como uma energia autorreguladora para o coração. O verde funciona como estimulante para o sistema respiratório, incentivando-nos a respirar como um meio de manter o equilíbrio, tanto físico como mental. Energeticamente, o verde age como um anti-histamínico e descongestionante para libertar e remover bloqueios a partir do corpo energético.

## APÊNDICE II – Questionário aos Diretores de Turma de cada curso

QUESTIONÁRIO AOS DIRETORES DE TURMA  
 – AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ALBUFEIRA POENTE –  
 ESCOLA SECUNDÁRIA DE ALBUFEIRA, ANO LETIVO 2018/2019  
 12º ANO TURMAS A, C, F e G

Instruções: Coloque uma cruz por cada característica verificada ou não verificada.

Características da turma	Não se verificou	Verificou-se pouco	Verificou-se	Verificou-se bastante	Características da turma	Não se verificou	Verificou-se pouco	Verificou-se	Verificou-se bastante
esperançosa					responsável				
sonhadora					desafiadora				
emocional					intransigente				
criativa					conscienciosa				
humanitária					tradicionalista				
protetora					confiável				
cuidadora					pragmática				
preocupada					preguiçosa				
confiante					divertida				
autossuficiente					espontânea				
autodidata					otimista				
respeitadora					diplomática				
rígida					ética				
mal-humorada					convencional				
metódica					solidária				
argumentativa					não-conformista				
intuitiva					excêntrica				
multissensoriais					dogmática				
sociável					sensata				
pensadora					fiel				
trabalhadora					decididas				
comunitária					ponderada				
sensível					original				
atencioso					ansiosa				
visionária					exigente				
organizadora					idealista				
intelectual					séria				
motivada					carinhosa				
competitiva					social				
prática					competente				
realista					rebelde				

A relação entre a cor e o perfil da personalidade: estratégias de orientação vocacional para um ensino artístico de excelência - um estudo com jovens entre os 16 e os 20 anos de idade

sensível					analítica				
aberta					estratega				
receptiva					desajustada				
entusiasta					autocrática				
impulsiva					controladora				
responsável					líder				
pacificadora					impaciente				
prestável					binária/ literal				
dedicada					curiosa				
motivadora					brusca				
inspiradora					constante				
conselheira					calma				
empenhada					justa				
cautelosa					humanitária				
compreensiva					amigável				
determinada					produtiva				
obstinada					cordial				
ditadora					temperamental				
agressiva					explosiva				
aventureira					insegura				
gentil					autocrítica				
energética					perfeccionista				
paciente					ética				
meticulosa					disciplinadora				
desconfiada					corajosa				
guerreira					persuasiva				
investigadora									
compulsiva									
autoritária									
arrogante									
intolerantes									

## APÊNDICE III- Pedido de Consentimento de dados

### CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDOS DE INVESTIGAÇÃO (de acordo com a Declaração de Helsínquia e a Convenção de Oviedo)

Título do estudo: Inquérito para investigação dos tipos de perfil-cor dos adolescentes do 12º ano de escolaridade

**Enquadramento:** Escola Secundária de Albufeira Poente, Albufeira, Distrito de Faro.

O Inquérito será dado às turmas seguintes, na presença dos Diretores de Turma:

12º A – Curso Ciências e Tecnologias – Diretor de Turma: Luís Dionísio, 30 alunos.

12º C – Curso de Línguas e Humanidades – Diretor de Turma: Ana de Lurdes Dias, 27 alunos.

12º F – Curso de Artes Visuais – Diretor de Turma: Idalina Oliveira, 21 alunos.

12º G – Curso de Socioeconómico – Diretor de Turma: Jorge Nunes, 24 alunos.

**Explicação do estudo:** O estudo pretende estudar os tipos de perfil dos adolescentes do 12º ano de escolaridade, para estabelecer uma relação entre perfil de personalidade e cor, conforme os estudos realizados pela investigadora médica Dra. Carol Ritberger (2011). Este estudo nos seus objetivos tentará delinear as diferenças nos padrões comportamentais que são consistentes de um perfil de personalidade de alunos que escolhem diferentes áreas de estudo através da cor preferida, proporcionando aos docentes e profissionais da educação uma melhor compreensão do perfil, podendo até tornar-se uma ferramenta estrutural para a forma como os alunos são abordados e conduzidos a explorar os seus talentos naturais, forças e capacidades. Constituirá um conhecimento valioso em relação à compreensão das diferenças entre alunos, e a uma mais pormenorizada identificação das necessidades de recursos pedagógicos específicos requeridos para uma melhor aprendizagem na área artística do ensino básico e secundário.

**Confidencialidade e anonimato:** Este inquérito garante a confidencialidade e uso exclusivo dos dados recolhidos para o presente estudo, sendo anónimo e sem qualquer registo de dados de identificação, garantindo, que a identificação dos participantes nunca será tornada pública e que assegurando que os contactos serão feitos em ambiente de privacidade.

Agradecendo desde já o S. consentimento,

Patrícia de Mendonça Quintino

Professora de Artes Visuais e Mestranda Investigadora

[patquintino@gmail.com](mailto:patquintino@gmail.com)

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Assinatura:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**SE NÃO FOR O PRÓPRIO A ASSINAR POR IDADE OU INCAPACIDADE**  
(se o menor tiver discernimento deve também assinar em cima, se consentir)

**NOME:** \_\_\_\_\_

**BI/CC N.º:** \_\_\_\_\_ **DATA OU VALIDADE** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO:** \_\_\_\_\_

**ASSINATURA** \_\_\_\_\_

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO DE 2 (DUAS) PÁGINAS

## APÊNDICE IV – Pedido ao Diretor do Agrupamento de Escolas de Albufeira Poente



Exmo. Sr. Dr.,  
Diretor do Agrupamento de Escolas de Albufeira Poente,  
Dr. Aurélio Nascimento,

Albufeira, 24 de maio 2019

**Assunto: Pedido de autorização para recolha de dados no âmbito do projeto de investigação “Tipos de Perfil-Cor dos adolescentes do 12º ano de escolaridade”**

Patrícia de Mendonça Quintino, estagiária e mestranda em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo e Ensino Secundário, encontra-se a elaborar a Dissertação de Mestrado, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias em Lisboa, sob orientação do Professor Doutor Óscar de Sousa. A sua dissertação integra-se no Projeto de Investigação “Tipos de Perfil-Cor dos adolescentes do 12º ano de escolaridade”.

O estudo pretende estudar os tipos de perfil dos adolescentes do 12º ano de escolaridade, para estabelecer uma relação entre perfil de personalidade e cor, conforme os estudos realizados pela investigadora médica Dra. Carol Ritberger (2011). Este estudo nos seus objetivos tentará delinear as diferenças nos padrões comportamentais que são consistentes de um perfil de personalidade de alunos que escolhem diferentes áreas de estudo através da cor preferida, proporcionando aos docentes e profissionais da educação uma melhor compreensão do perfil, podendo até tornar-se uma ferramenta estrutural para a forma como os alunos são abordados e conduzidos a explorar os seus talentos naturais, forças e capacidades. Constituirá um conhecimento valioso em relação à compreensão das diferenças entre alunos, e a uma mais pormenorizada identificação das necessidades de recursos pedagógicos específicos requeridos para uma melhor aprendizagem na área artística do ensino básico e secundário. A fórmula tipo de quatro cores é uma forma comprovada de criar consciência das diferenças entre pessoas, e neste estudo, das diferenças entre

os vários estudantes que escolhem áreas científico-humanísticas como áreas de formação secundária.

Será salvaguardada a confidencialidade na recolha de dados, sendo o instrumento de inquirição anónimo, a participação voluntária e dependente do consentimento informado dos inquiridos.

O Inquérito será dado às turmas seguintes, na presença dos Diretores de Turma: 12º A – Curso Ciências e Tecnologias – Diretor de Turma: Luís Dionísio, 30 alunos; 12º C – Curso de Línguas e Humanidades – Diretor de Turma: Ana de Lurdes Dias, 27 alunos; 12º F – Curso de Artes Visuais – Diretor de Turma: Idalina Oliveira, 21 alunos; 12º G – Curso de Socioeconómico – Diretor de Turma: Jorge Nunes, 24 alunos.

Neste sentido, vimos solicitar a V Ex.<sup>a</sup> que autorize a recolha de dados junto das turmas acima mencionadas, no âmbito da instituição que V. Exa. Dirige, a Escola Secundária de Albufeira, sendo que o inquérito em meio escolar com o nº de registo 0686200001, se encontra autorizado pela Direção Geral de Educação.

Pede deferimento,

Os melhores cumprimentos,

A Mestranda

Patrícia de Mendonça Quintino

## APÊNDICE V – Questionário ao DT 12ºC

QUESTIONÁRIO AOS DIRETORES DE TURMA  
 – AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ALBUFEIRA POENTE –  
 ESCOLA SECUNDÁRIA DE ALBUFEIRA, ANO LETIVO 2018/2019  
 12º ANO TURMA C

Instruções: Coloque uma cruz por cada característica verificada ou não verificada.

Características da turma	Não se verificou	Verificou-se pouco	Verificou-se bastante	Características da turma	Não se verificou	Verificou-se pouco	Verificou-se bastante
esperançosa			x				
sonhadora		x		desafiadora		x	
emocional		x		intransigente		x	
criativa		x		conscienciosa			x
humanitária			x	tradicionalista		x	
protetora		x		confiável			x
cuidadora			x	pragmática			x
preocupada			x	preguiçosa			x
confiante			x	divertida			x
autossuficiente	x			espontânea		x	
autodidata		x		otimista		x	
respeitadora			x	diplomática			x
rígida	x			ética			x
mal-humorada	x			convencional		x	
metódica		x		solidária			x
argumentativa		x		não-conformista		x	
intuitiva		x		excêntrica	x		
multissensoriais		x		dogmática	x		
sociável			X	sensata			x
pensadora		x		fiel			x
trabalhadora			X	decididas			x
comunitária			X	ponderada			x
sensível			X	original		x	
atencioso			X	ansiosa			x
visionária	x			exigente		x	
organizadora		x		idealista		x	
intelectual		x		séria			x
motivada		x		carinhosa			x
competitiva		x		social			x
prática			X	competente			x
realista				rebelde	x		
				analítica		x	
aberta		x		estratega		x	
recetiva			X	desajustada	x		
entusiasta			X	autocrática	x		

A relação entre a cor e o perfil da personalidade: estratégias de orientação vocacional para um ensino artístico de excelência - um estudo com jovens entre os 16 e os 20 anos de idade

impulsiva		x			controladora	x			
responsável			X		líder	x			
pacificadora			X		impaciente	x			
prestável			X		binária/ literal		x		
dedicada			X		curiosa			x	
motivadora		x			determinada		x		
inspiradora		x			obstinada	x			
conselheira		x			ditadora	x			
empenhada			X		agressiva	x			
cautelosa			X		aventureira		x		
compreensiva			X		gentil				x
arrogante	x				energética	x			
intolerantes	x				paciente				x
brusca	x				meticulosa		x		
constante		x			desconfiada	x			
calma				x	guerreira	x			
justa			X		investigadora		x		
corajosa		x			compulsiva	x			
persuasiva		x			autoritária	x			
humanitária			X		autocrítica		x		
amigável			X		perfeccionista			X	
produtiva			X		ética			x	
cordial			X		disciplinadora			x	
temperamental			X						
explosiva		x							
insegura		x							

## APÊNDICE VI – Questionário ao DT 12ºF

QUESTIONÁRIO AOS DIRETORES DE TURMA  
 – AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ALBUFEIRA POENTE –  
 ESCOLA SECUNDÁRIA DE ALBUFEIRA, ANO LETIVO 2018/2019  
 12º ANO TURMA F

Instruções: Coloque uma cruz por cada característica verificada ou não verificada.

Características da turma	Não se verificou	Verificou-se pouco	Verificou-se bastante	Características da turma	Não se verificou	Verificou-se pouco	Verificou-se bastante
esperançosa			x				
sonhadora			x	desafiadora			x
emocional			x	intransigente		X	
criativa			x	conscienciosa		X	
humanitária			x	tradicionalista		X	
protetora		x		confiável		X	
cuidadora		x		pragmática		X	
preocupada		x		preguiçosa			X
confiante			x	divertida		X	
autossuficiente		x		espontânea		X	
autodidata	x			otimista		X	
respeitadora			x	diplomática		X	
rígida			x	ética		X	
mal-humorada			x	convencional		X	
metódica		x		solidária		X	
argumentativa			x	não-conformista		X	
intuitiva		x		excêntrica	X		
multissensoriais		x		dogmática	X		
sociável			x	sensata			X
pensadora		x		fiel		X	
trabalhadora			x	decididas		X	
comunitária		x		ponderada		X	
sensível		x		original		X	
atencioso		x		ansiosa			X
visionária		x		exigente			X
organizadora		x		idealista		X	
intelectual		x		séria			X
motivada			x	carinhosa		X	
competitiva			x	social		X	
prática		x		competente		X	
realista	x			rebelde		X	
sensível		x		analítica		X	
aberta		x		estratega	X		
recetiva		x		desajustada	X		

A relação entre a cor e o perfil da personalidade: estratégias de orientação vocacional para um ensino artístico de excelência - um estudo com jovens entre os 16 e os 20 anos de idade

entusiasta		x			autocrática	X			
impulsiva		x			controladora	X			
responsável			x		líder	X			
pacificadora		x			impaciente			X	
prestável		x			binária/ literal		X		
dedicada			x		curiosa		X		
motivadora		X			compulsiva		X		
inspiradora		X			autoritária			X	
conselheira	X				arrogante			X	
empenhada		X			intolerantes			X	
cautelosa			X		brusca			X	
compreensiva		X			constante			X	
determinada		X			calma		X		
obstinada			X		justa		X		
ditadora		X			humanitária		X		
agressiva		X			amigável		X		
aventureira		X			produtiva			X	
gentil		X			cordial		X		
energética			X		temperamental		X		
paciente		X			explosiva		X		
meticulosa			X		insegura			X	
desconfiada				X	autocrítica		X		
guerreira		X			perfeccionista			x	
investigadora		X			ética		x		
persuasiva	X				disciplinadora	x			
corajosa		X							